

Universidade Federal Fluminense
Instituto Do Noroeste Fluminense De Educação Superior
Programa De Pós-Graduação Em Ensino
Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ensino

ISABEL AZEREDO UCHÔA FARIA

**A LEI 10.639/2003 NO COTIDIANO ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE
UMA ESCOLA DE CURSO NORMAL DA REDE PÚBLICA ESTADUAL
DO MUNICÍPIO DE ITAPERUNA**

Santo Antônio de Pádua

2019

Universidade Federal Fluminense
Instituto Do Noroeste Fluminense De Educação Superior
Programa De Pós-Graduação Em Ensino
Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ensino

ISABEL AZEREDO UCHÔA FARIA

**A LEI 10.639/2003 NO COTIDIANO ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE
UMA ESCOLA DE CURSO NORMAL DA REDE PÚBLICA ESTADUAL
DO MUNICÍPIO DE ITAPERUNA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ensino do Instituto do Noroeste Fluminense da Universidade Federal Fluminense, na linha de pesquisa, Formação de Professores e Práticas Pedagógicas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientador: **Prof. Dr. Rolf Ribeiro de Souza**

Santo Antônio de Pádua

2019

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca

2019 Uchôa, Isabel Azeredo Faria.

A lei 10.639/2003 no cotidiano escolar: um olhar sobre uma escola de curso normal da rede pública estadual do município de Itaperuna / Isabel Azeredo Uchôa Faria. – Santo Antônio de Pádua, 2020.

116 fls.

Orientador: Rolf Ribeiro de Souza.

Dissertação – Universidade Federal Fluminense, Instituto do Noroeste Fluminense, 2020.

Bibliografia: f. 102 – 104.

1. Lei 10.639/03. 2. Práticas Pedagógicas. 3. Negro. 4. Formação de Professores. I. Souza, Rolf Ribeiro de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto do Noroeste Fluminense. III. A lei 10.639/2003 no cotidiano escolar: um olhar sobre uma escola de curso normal da rede pública estadual do município de Itaperuna.

**Universidade Federal Fluminense
Instituto Do Noroeste Fluminense De Educação Superior
Programa De Pós-Graduação Em Ensino
Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ensino**

ISABEL AZEREDO UCHÔA FARIA

**A LEI 10.639/2003 NO COTIDIANO ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE
UMA ESCOLA DE CURSO NORMAL DA REDE PÚBLICA
ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE ITAPERUNA**

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof. Dr. Rolf Ribeiro de Souza (Orientador)
Universidade Federal Fluminense

.....
Prof. Dr. Silvio Cezar de Souza Lima
Universidade Federal Fluminense

.....
Prof. Dr. Carlos Alberto Ivanir dos Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Santo Antônio de Pádua
2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos(as) que estiveram comigo nesta caminhada e que, de certa forma, contribuíram para a realização deste projeto.

AGRADECIMENTO

Esta dissertação é o resultado de uma longa caminhada. Muitos contribuíram para que eu chegasse até aqui. Agradecer, sem cometer injustiça, é uma tarefa difícil – agradeço a todos que, no anonimato, participaram desta minha conquista.

A minha mãe Sonia, que vibrou comigo, desde a aprovação. Obrigada por tudo! Meu infinito e eterno agradecimento, por sempre acreditar em minha capacidade. Muito obrigada pelo amor incondicional!

Ao meu esposo, Moisés, por ser tão importante na minha vida. Por sempre estar lado a lado, me fazendo acreditar que posso muito mais do que imagino. Seu companheirismo, amizade, paciência, compreensão, apoio, alegria e amor, tornaram este trabalho possível. Obrigada por ter feito do meu sonho o nosso sonho!

Aos meus filhos Gregório e Miguel, que, nos últimos dois anos, estiveram tão próximos e paradoxalmente distantes de mim, e que, agora, me inspiram a ser mais que fui até hoje e ser melhor ainda, amo vocês!

Aos irmãos Carlos Frederico, Jose Luiz, Nilma, Sidelberto, Jonatan e Ivana, vocês me ensinaram a descobrir o valor da disciplina, da persistência e da responsabilidade, indispensáveis para a construção e conquista do meu projeto de vida.

Agradeço a minha querida sogra, Requinha (*in memoriam*), pelo incentivo e apoio, por acreditar na minha capacidade sempre e pela sabedoria em me falar as palavras certas nas horas mais necessárias!

Ao meu Sogro, Carlinhos, pelas horas dedicadas aos meus filhos, tornando possível a realização desse sonho. Sem você certamente não teria chegado até aqui.

Ao meu amigo de uma vida toda João Paulo, com quem sempre dividi os momentos de conquista da minha carreira de educadora assim como da minha vida. Você é exemplo de vida e referência de generosidade em minhas escolhas existenciais, obrigada por sempre acreditar na minha capacidade de voar mais alto.

Aos compadres Guilherme, Patrícia e ao meu pequeno Bernardo, por dedicarem tanto amor, carinho e paciência aos meus filhotes e entenderem todas as minhas longas ausências.

Aos meus amigos e amigas de CEDERJ: Rita, Queila, Aurora, Carlos André, Layara, Leonardo, Erik, Viviane, Daniele, Serginho, Marquinhos, Rejane, Aninha, Nara, Isabel e Gracinha todo meu agradecimento, obrigada pelas palavras de carinho e apoio, por sempre acreditarem na minha capacidade, vocês são inspiração de vida.

A minha equipe do Curso de Segurança Pública, Polo Itaperuna: Mayra, Soraya, Eider, Victor, Monica, Brígida, José Ignácio e Queila por só quererem o meu bem e me valorizarem tanto como pessoa. Obrigada pela amizade!

À minha cunhada Christiani, ao amigo Marlon e José Ignácio, obrigada por dividirem comigo as angústias e alegrias e ouvirem minhas inseguranças. Meu agradecimento especial!

Ao amigo Gabriel Ribeiro que tão carinhosamente se dispôs a colaborar com o projeto, acreditando na proposta, ajudando na realização das peças teatrais, meu muito obrigada!

Ao querido amigo Anísio, amigo de tantos anos, e que hoje nos encontramos na docência. Que generosamente doou seu olhar, e suas lentes, para a sessão de fotografia, contribuindo de forma direta com a realização desse trabalho!

Aos amigos e amigas de mestrado, obrigada por dividirem comigo as angústias e alegrias. Foi ótimo poder contar com vocês!

A todos (as) os alunos e alunas, professores (as) e funcionários (as) do CIEP 263 Lina Bo Bardi, que ajudaram ativa ou passivamente neste projeto. Vocês foram essenciais para a conclusão deste trabalho. Muito obrigada!

Finalmente, gostaria de agradecer ao meu orientador Rolf Ribeiro de Sousa por abrir as portas para que eu pudesse realizar este sonho, proporcionando-me mais que a busca de conhecimento técnico e científico, mas uma LIÇÃO DE VIDA. Ninguém vence sozinho...
MUITO OBRIGADA!

Meus sinceros agradecimentos

EPIGRAFE

Sou forte, sou guerreira,
tenho nas veias sangue de ancestrais.
Levo a vida num ritmo de poema-canção,
mesmo que haja versos assimétricos,
mesmo que rabisquem, às vezes, a poesia do meu ser,
mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caído ao chão”.

Sou destemida, herança de ancestrais,
não haja linha invisível entre nós
meus passos e espaços estão contidos num infinito túnel,
mesmo tendo na lembrança jovens e parentes que, diante da batalha deixaram
a talha da vida se quebrar,
mesmo tendo saudade cultivada no portão.
Mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão”.

Sou guerreira como Luiza Mahin,
Sou inteligente como Lélia Gonzáles.
Sou entusiasta como Carolina de Jesus,
Sou contemporânea como Firmina dos Reis
Sou herança de tantas outras ancestrais.
E, com isso, despertem ciúmes daqui e de lá,
mesmo com seus falsos poderes tentem me aniquilar,
mesmo que aos pés de Ogum coloquem espada da injustiça
mesmo assim tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão”.

Sou da labuta, sou de luta,
herança dos ancestrais,
trabalhar, trabalhar, trabalhar,
mesmo que nos novos tempos irmãos seduzidos
pelo sucesso vil me traíam, nos traíam como judas
sob a mesa, meu, ganha-pão.
Mesmo que esses irmãos finjam que não nos vêem,
estarei ali ou onde estiver, estarei de corpo ereto, inteira,
pronunciando versos e eles versando sobre o poder,
mesmo assim tenho esse mantra em meu coração
“Nunca me verás caída ao chão”.

Me abraço todos os dias, me beijo,
me faço carinho, digo que me amo, enfim,
sou vaidosa espiritual,
mesmo com mágoas sedimentadas no peito,
mesmo que riam da minha cara ou tirem sarro do meu jeito,
mesmo assim tenho esse mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão”.

Me fortaleço com os ancestrais,

me fortaleço nos braços dos Erês.
Podem pensar que me verã caída ao chão,
saibam que me levantarei
não há poeiras para quem cultua seus ancestrais,
mesmo estando num beco sem saída, levada por um mar de águas,
mesmo que minha vida vire uma maré,
vire tempestade, sei que vai passar.
Porque são meus ancestrais que se reúnem num ritual secreto
para me levantar.
Eu darei a volta por cima e estarei em pé, coluna ereta,
cheia de esperança, cheia de poesia e com muito
axé
por isso, desista, tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão.”

(Ressurgir das Cinzas, Esmeralda Ribeiro)

RESUMO

A história brasileira foi marcada pelas políticas de exploração, tendo na escravidão o modelo mercantilista de aculturação de massa, com africanos escravizados submetidos a tentativa de anulação de sua memória cultural e moldados as formas de vida eurocêntricas, nas quais a sociedade brasileira embasou-se. No entanto, o desejo pela liberdade estimulou os afros descendentes a gerar modelos de resistências entre elas, onde se destacaram a criação de movimentos politicamente organizados, a fim de pressionar a sociedade brasileira. O resultado deste processo de lutas é a formulação de leis e diretrizes que obrigaram o reconhecimento das contribuições de africanos e indígenas para a formação do povo brasileiro. Assim conhecer a importância da formação do professor no curso normal surge como uma via na construção de uma nova maneira e mentalidade de reconhecer o Negro e sua cultura. A temática étnico-racial deve se fazer presente nas fases iniciais do processo educacional brasileiro, contribuindo para a valorização e reconhecimento da história do Negro. O objetivo desta pesquisa foi a construir práticas pedagógicas com o intuito de auxiliar o professor no cumprimento da Lei 10.639/03 em uma escola de curso normal no município de Itaperuna. A metodologia utilizada se apoia na pesquisa de natureza qualitativa descritiva, do tipo pesquisa-ação, e utilizou, para o levantamento de dados e para a tomada de decisões no decorrer do processo de pesquisa, questionários, observações de atividades orientadas, depoimento dos educandos durante e após a elaboração das práticas pedagógicas interventivas, cujos sujeitos da pesquisa são os discentes de uma escola de curso normal da rede estadual de Itaperuna, município do Noroeste Fluminense.

Palavras-chave: Lei 10.639/03; Práticas Pedagógicas; Negro; Formação de Professores.

ABSTRACT

Brazilian history was marked by exploitation policies, having slavery as the mercantilist model of mass acculturation, with enslaved Africans subjected to an attempt to cancel their cultural memory, and shaped to the Eurocentric forms of life on which Brazilian society was based. However, the desire for freedom stimulated African descendants to generate models of resistance among them, where the creation of politically organized movements stood out, in order to pressure Brazilian society. The result of this struggle process is the formulation of laws and guidelines that obliged the recognition of the contributions of Africans and indigenous to the formation of the Brazilian people. Thus, knowing the importance of teacher education in the Teacher Education Course emerges as a way to build a new way and mindset to recognize black people and their culture. The ethnic-racial theme must be present in the early stages of the Brazilian educational process, contributing to the appreciation and recognition of the history of the Black. The aim of this research was to build pedagogical practices in order to assist the teacher in complying with Law 10.639/03 in a Teacher Education school, in Itaperuna. The methodology is based on qualitative descriptive research with research-action. For data collection and decision making during the research process, we used questionnaires, observations of guided activities, and testimonials of students during and after the elaboration of the interventional pedagogical practices. The subjects of the research are the students of a Teacher Education school from Northwest of the state of Rio de Janeiro, in Itaperuna.

Keywords: Law 10.639/03; Pedagogical practices; Black; Teacher education.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Turmas 1 e 2 durante a aula 2.....	48
Imagem 2: Turma 2 e 1 na construção das práticas para o campo de estágio	51
Imagem 3: Realização da oficina prática de pintura.....	52
Imagem 4: Durante a oficina de fotografia.....	54
Imagem 5: Apresentação do Teatro turma 2	56
Imagem 6: Apresentação do Teatro turma 1	56
Imagem 7: Alunos do 3º ano encenando o Teatro. Os dois personagens apresentados na história como vilões: Cuca e o Pirata	57
Imagem 8: Encerramento do Projeto	59
Imagem 9: Bolsas produzidas na Oficina de Artes.....	59
Imagem 10: Painel produzido ao final do projeto	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Conteúdos trabalhados nos encontros de Prática Pedagógica	45
Quadro 2: Respostas dos Professores em relação a questão aberta sobre práticas pedagógicas abordadas em sala de aula	71
Quadro 3: Respostas dos Professores em relação a questão aberta sobre as contribuições da Lei 10.639/2003 no ambiente escolar.....	72
Quadro 4: Respostas dos discentes em relação a questão aberta sobre a temática da Lei 10.639/2003 trabalhada em sala de aula.....	78
Quadro 5: Respostas dos discentes em relação a questão 1 da avaliação final	84
Quadro 6: Respostas dos discentes em relação a questão 2 da avaliação final	87
Quadro 7: Respostas dos discentes em relação a questão 3 da avaliação final	90
Quadro 8: Respostas dos discentes em relação a questão 4 da avaliação final	92
Quadro 9: Respostas dos discentes em relação a questão 5 da avaliação final	94
Quadro 10: Respostas dos discentes em relação a questão 6 da avaliação final	96
Quadro 11: Respostas dos discentes em relação a questão 7 da avaliação final	98

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Sexo dos docentes entrevistados	62
Gráfico 2: Idade dos entrevistados	62
Gráfico 3: Cor/Raça dos entrevistados	63
Gráfico 4: Formação dos Entrevistados.....	63
Gráfico 5: Área do Curso de Especialização dos entrevistados	64
Gráfico 6: Tempo de permanência na Escola.....	64
Gráfico 7: Disciplina de Atuação dos Entrevistados.....	65
Gráfico 8: Percepção sobre a presença de alunos Negros/Pardos em sala de aula, segundo a visão dos entrevistados	65
Gráfico 9: Percepção do percentual de alunos Negros/Pardos em sala de aula pelos entrevistados	66
Gráfico 10: Percepção sobre a presença de professores Negros na escola, segundo a visão dos entrevistados	66
Gráfico 11: Percepção sobre o número de professores Negros na escola, segundo a visão dos entrevistados	67
Gráfico 12: Conhecimento dos entrevistados em relação a Lei 10.639/03	67
Gráfico 13: Opinião dos entrevistados em relação a importância da Lei 10.639/03.....	68
Gráfico 14: Opinião dos entrevistados em a abordagem da Lei 10.639/03 em sala de aula	68
Gráfico 15: Opinião dos entrevistados se a escola oferece alguma formação sobre a Lei 10.639/03	69
Gráfico 16: Opinião dos entrevistados sobre se a escola disponibiliza algum material sobre a Lei 10.639/03.....	69
Gráfico 17: Opinião dos entrevistados sobre que tipo de material sobre a Lei 10.639/03 a escola oferece	70
Gráfico 18: Opinião dos entrevistados sobre se a escola oferece desenvolve algum projeto ou trabalho sobre a Lei 10.639/03	70
Gráfico 19: Opinião dos entrevistados em relação ao tipo de atividade que aborda a Lei 10.639/03 na escola	71
Gráfico 20: Sexo dos discentes entrevistados	74
Gráfico 21: Idade dos discentes.....	75
Gráfico 22: Cor/Raça dos discentes	75

Gráfico 23: Sobre a presença de discriminação racial dentro da escola.....	76
Gráfico 24: Se já sofreu discriminação racial dentro da escola.....	76
Gráfico 25: Opinião dos discentes sobre a presença de conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e africana na sala de aula	77
Gráfico 26: Opinião dos discentes sobre a frequência que os conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e africana são abordados em sala de aula	78
Gráfico 27: Opinião dos discentes sobre a importância dos conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e africana sala de aula	80
Gráfico 28: Opinião dos discentes sobre a importância dos conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e africana sala de aula para a construção de uma imagem positiva.....	80
Gráfico 29: Opinião dos discentes sobre a presença dos conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e africana no material didático	81
Gráfico 30: Opinião dos discentes sobre a presença dos conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e africana na escola em que cumprem estágio	81
Gráfico 31: Opinião dos discentes sobre a importância dos conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e africana sala de aula para a construção de uma imagem positiva.....	82
Gráfico 32: Opinião dos discentes a disponibilidade de material para trabalhar temáticas relacionadas a história e cultura afro-brasileira e africana no campo do estágio	82
Gráfico 33: Opinião dos discentes sobre o percentual de alunos negros/pardos no campo de estágio.....	83
Gráfico 34: Opinião dos discentes sobre a importância das temáticas relacionadas a história e cultura afro-brasileira e africana.....	83

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 A EMERGÊNCIA DA LEI 10.639/03	23
3 PERCURSO HISTÓRICO E NORMATIVO DO CURSO NORMAL.....	29
3.1. A importância da formação do professor no curso normal e sua atuação na educação infantil	33
3.2. Percurso histórico e normativo do curso normal no Brasil.....	35
4 METODOLOGIA.....	41
4.1. Proposta de Delineamento Metodológico.....	41
4.2. O <i>Locus</i> Pedagógico e os integrantes da pesquisa.....	43
4.3. Planejamento e desenvolvimento da Pesquisa-Ação.....	44
4.3.1 Descrição das Aulas.....	45
4.3.3.1 Primeiro Encontro: Sensibilizar e Refletir.....	46
4.3.3.2 Segundo Encontro: Importância da História e Cultura Africana e sua Contribuição na Formação do povo Brasileiro.....	47
4.3.3.3 Terceiro Encontro: Construção das Práticas Pedagógicas para o Campo de Estágio: Turma 1: Teatro E Oficina De Literatura. Turma 2: Teatro E Jogos Tradicionais Africanos	48
4.3.3.4 Quarto Encontro: Literatura Africana: A Literatura Infantil como Instrumento de Ludicidade e Linguagem adequada ao Imaginário Infantil.....	51
4.3.3.5 Quinto Encontro: Influência da Cultura Africana no Cotidiano: Oficina de Pintura com Padronagem Étnica.....	52
4.3.3.6 Sexto Encontro: A Importância do Professor na Construção da Auto Estima da Criança Negra	53
4.3.3.7 Sétimo Encontro: A Fotografia como Recurso Pedagógico na Construção da Identidade X Diversidade Étnica.....	53
4.3.3.8 Oitavo Encontro: Organização e Preparo da Cenografia para o Teatro.	54
4.3.3.9 Nono Encontro: “Compartilhando Experiências” Apresentação do Trabalho da Disciplina de Estágio em Campo	55
4.3.3.10 Decimo e Decimo Primeiro Encontro: Alunos no Campo de Estágio.	57

4.3.3.11 Décimo Segundo Encontro: Organização e Fechamento da Disciplina de Estágio: Avaliação da Intervenção	58
5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS	60
5.1 Olhares Iniciais, Percepção sobre os Professores do Curso Normal	60
5.2 Aprofundando o campo de Pesquisa, Percepção dos Discentes do Curso Normal sobre a Lei 10.639/03 no Contexto Escolar.....	73
5.3 Avaliando os Resultados, Visão Sobre a Apreensão dos Discentes do Curso Normal sobre a intervenção	84
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
7 FONTES	102
8.1 Referências Bibliográficas.....	102
8.2 Outras Referências.....	104
ANEXOS	105
ANEXO A: Questionário da Pesquisa Docente.....	106
ANEXO B: Questionário da Pesquisa Discentes.....	109
ANEXO C: Peça Teatral Construída pela Turma 1	111
ANEXO D: Peça Teatral Construída pela Turma 2	113
ANEXO E: Paródia Construída pela Turma 2	116

1 INTRODUÇÃO

Meu encontro com o tema tem início antes mesmo do meu nascimento. Nasci em uma Casa de Candomblé e tive durante toda a minha formação uma educação pautada na ancestralidade, aprendi a vida através da minha comunidade de santo, com os ensinamentos trazidos pelos meus antepassados vindos da diáspora Africana.

No entanto minha família carnal, avós, tias, primos, classe média, protestante, coroada de racismo e preconceito, me fez sentir desde muito nova, o peso do preconceito que enfrentei durante toda a minha vida.

Toda a minha história de vida se passou e ainda se passa dentro de uma casa de candomblé. Minhas primeiras palavras, meus primeiros passos, minha primeira comida de sal, minhas primeiras histórias, tudo que aprendi veio do continente africano. Apesar de toda essa diversidade que constitui minha formação, posso garantir que minha trajetória não foi fácil, já que todo o meu mundo, durante toda a minha vida, entrou e entra em choque com os espaços que transito, já que tudo que aprendi, tudo que acredito não é valorizado, ou mesmo aceito.

Assim a escola, para mim, tenha sido um dos maiores desafios. Nunca tive a minha história, a minha cultura reconhecida por ela, os conteúdos abordados não eram aquilo que eu conhecia enquanto história, música, ritmo, cores, lendas e personagens, não tinham valor, ou simplesmente era invisibilidade pela escola, o que causou durante toda a minha trajetória enquanto discente um profundo desinteresse pela escola e por muitas vezes um afastamento daquilo que era ensinado. Agravo pelo fato de ter sido excluída de todos os eventos sociais realizados pela escola e pelos colegas de classe.

Esse distanciamento continuou também na graduação quando em um primeiro momento escolhi a Faculdade de Direito, nunca consegui aceitar uma justiça parcial e que não conseguia dar voz e garantir direitos, inclusive dos grupos do qual eu fazia parte. Quando decidi por uma segunda graduação optei pela Sociologia, talvez naquele momento tenha conseguido enxergar de alguma forma a possibilidade de ter minha cultura reconhecida, já que poderia trazer a temática para a sala de aula. Queria ter a oportunidade de falar sobre o mundo maravilhoso que eu conhecia e que muitas vezes tinha impressão de ser a única a conhecê-lo.

Quando comecei a lecionar, primeiro no ensino médio e logo após na graduação, pude observar o quanto a cultura africana era, e ainda é ignorada nas salas de aula e como os alunos estavam abertos para desvendar esse mundo de conhecimentos. Assim após 5 anos como professora percebi que era necessário expor esse cenário, para quem sabe, fosse possível demonstrar que uma mudança é necessária e possível.

Confesso que no começo quando me propus a falar sobre essa temática não imaginei que seria tão difícil falar de um assunto que perpassa toda a minha vida.

No entanto ao longo do trabalho me deparei inúmeras vezes tendo que revisitar meu passado enquanto estudante, relembrar sentimentos há tanto tempo adormecidos e assumo que não foi fácil sentir novamente a exclusão e o preconceito, o que me fez em muitos momentos postergar minha escrita, procurando evitar a constatação que após quase 20 anos após ter saído da escola a cultura africana continua sendo invisibilizada no ambiente escolar.

Acredito que a promulgação da Lei 10639/03 tenha sido um importante passo para minorar situações como as que eu vivi, ainda tão presentes na vida de escolares que tenham uma história cultural diferenciada do que grande parte da sociedade entende como certa.

Assim a presente dissertação foi pensada a partir da complexidade de se cumprir a Lei 10.639/03, que torna obrigatória a inclusão, no currículo escolar de todos os níveis de ensino da rede privada e pública, temas relacionados à História da África e da população Afro-brasileira. Atualmente há uma forte exigência, no tocante às questões de gênero, raça, cidadania, ética etc., aos quais o currículo deve atender às exigências educacionais contemporâneas. Em meio, está a temática das relações étnico-raciais, que desafia o educador a superar as práticas educacionais pautadas no eurocentrismo (GOMES, 2012).

A ideia sobre o afro-brasileiro na nossa sociedade remete ao selvagem acorrentado à miséria. Imagens estas produzidas pela insistência e pertinácia das “imagens do continente africano como a terra dos leões, dos macacos e dos homens nus”, dos escravos como povo que vive de sua eterna falta de perspectiva sobre o que acontece ao seu redor, havendo uma resistência sistemática em pensar diferente das caricaturas presentes no quimérico social brasileiro pela “ascensão do homem branco colonizador, ou seja, a eterna visão eurocêntrica da formação da sociedade brasileira” (CUNHA JR, 1997, p. 58).

A trajetória dos africanos e seus descendentes no Brasil foram atravessadas por diversos momentos, sendo o primeiro assinalado pela inexistência de valorização dos conhecimentos trazidos pelos Africanos, por parte da sociedade escravagista e branca. Em seguida em outro período, com a abolição da escravidão e a organização de movimentos liderados por Negros afrodescendentes que tiveram uma “permissão” para acesso a uma forma de ensino, mesmo que precária, e a terceira com a resolução de Leis e Diretrizes que visassem assegurar aos afrodescendentes brasileiros o direito de reconhecimento às culturas dos seus antepassados. No entanto, ainda hoje observamos que persistem enfrentamentos que precisam ser ultrapassados, já que alguns professores fingem a abordagem sobre o tema, ou ainda de fato, não trabalham a temática (GOMES, 2008).

De acordo com Munanga (2005), os professores que não oportunizaram na sua base de formação a História da África, a cultura do Africano no Brasil, bem como a própria história do Negro, de um modo geral, representam um problema crucial para as novas leis que implementam a temática na escola. Se faz necessário salientar que o estudo da temática implica na confrontação e derrubada do mito da democracia racial que paira sobre o imaginário de grande parte dos professores.

O Curso Normal no Brasil representa um importante espaço de formação para docentes tendo como área de atuação a educação infantil e o primeiro segmento do ensino fundamental, espaço esse, mantido pela LDB, e “bem aproveitado” pelas escolas, principalmente no interior¹. Conforme nos esclarece o art 62 (LDB 9.394/96):

A formação de docentes para atuar na Educação Básica: Far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura de graduação plena em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério e na educação infantil e nas quatro séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (LDB 9.394/96, art. 62, grifo nosso).

¹ Editais para concurso de professor da Educação Infantil e Ensino Fundamental primeiro segmento, de cidades do interior do Estado do Rio de Janeiro, circunvizinhas à cidade de Itaperuna, evidenciando a formação exigida como sendo a Formação de Professores em nível médio.
<https://www.incpconcursos.org.br/uploads/21/concursos/70/anexos/01092463327dddfff2d155914715b3bb.pdf>
http://fl56.com.br/itaocara/docs/ed_98ytz2.pdf
<https://www.incpconcursos.org.br/uploads/21/concursos/47/anexos/c884bc5dfe6f494079ab0b65f6e24921.pdf>
<https://bomjesus.rj.gov.br/ckfinder/files/pmbji-educacao-processo-seletivo-001-2017.pdf>

Assim a presente pesquisa visa preencher uma lacuna que se constitui como uma dificuldade no campo da educação para as relações étnico-raciais que é a “ausência de levantamentos prévios de abrangência nacional acerca das experiências e práticas em andamento, voltadas à implementação da Lei 10.639/2003 e suas Diretrizes Curriculares Nacionais, no âmbito da escola e da gestão do sistema de ensino” (GOMES, 2013). Problema esse agravado principalmente quando o campo se localiza no interior.

Nesta senda, a temática etnicorracial aqui abordada tem como ponto de partida o Curso Normal (antiga Formação de Professores em nível médio), já que este se constitui como elemento facilitador e desafiador na construção de novas relações acerca da cultura africana e sua contribuição na formação do nosso povo, uma vez que a Educação Infantil e o primeiro segmento do Ensino Fundamental, campo de atuação destes futuros professores, apresentam-se como espaço vital de trabalho para a construção da sociedade do amanhã, mais justa e igualitária.

Assim a implementação da Lei 10639/03 no curso normal nos leva aos seguintes questionamentos: esses temas são abordados em sala de aula? Se forem, de que forma são tratados na escola de Curso Normal no município de Itaperuna? Os professores trabalham as temáticas relacionadas a lei 10.639/03? Ou simplesmente lançam estes conteúdos em seus planejamentos apenas para cumprir ficticiamente esta Lei? A ausência de discussão das mesmas pode gerar outros problemas escolares?

O objetivo desta pesquisa é construir práticas pedagógicas com o intuito de auxiliar o professor no cumprimento da Lei 10.639/03 em uma escola de curso normal no município de Itaperuna, procurando assim elementos/práticas docentes que ajudem a desconstruir as práticas discriminatórias que ainda podem permear o ambiente escolar. Para realização desse trabalho, emprega-se como metodologia a pesquisa de natureza qualitativa do tipo pesquisa-ação na medida em que buscou-se intervir pedagogicamente em um determinado grupo, propondo construir práticas pedagógicas sobre a História da África e Cultura Africana, buscando despertar nos alunos o reconhecimento sobre seu valor na formação histórica e cultural do Brasil.

Espera-se com a realização deste projeto a construção de um espaço de referência de estudo, ensino, pesquisa e formação de acervo das práticas educativas em relação a conteúdos, metodologias, recursos didáticos e práticas avaliativas que valorizem e difundam os

conhecimentos oriundos da matriz africana e, principalmente, ao tratamento adequado das questões raciais em sala de aula tais como o preconceito, discriminação e intolerância cultural que possam estar presentes no Noroeste Fluminense.

O trabalho se estruturado em capítulos tendo no primeiro capítulo a emergência da Lei 10.639/03 e a prática educativa em si e o apanhado de componentes pedagógicos como um todo e como tais componentes exercem função coercitiva sobre a vida do educando, vida esta escolar e/ou social. Nesta parte do trabalho também serão discutidas as possíveis ações para que o ambiente escolar se torne cada vez mais inclusivo e menos seletivo, visto que a invisibilidade dos valores culturais afro brasileiros no ambiente escolar aflige o processo ensino-aprendizagem.

No segundo capítulo, o enfoque é sobre o curso normal, onde se procura abordar seu percurso histórico normativo desde sua criação até a estrutura atual. O capítulo enfoca ainda, a importância da formação do professor como agente transformador, uma vez que a demanda de formação exigida por parte dos estabelecimentos de ensino e do próprio ambiente escolar no cotidiano vindicam do professor tomadas de decisões durante todo o seu trabalho, entretanto estas ações não ocorrem de forma neutra, mas revelam de maneira sutil elementos ocultos que estão presentes no espaço escolar a todo o momento.

No terceiro capítulo será apresentada a metodologia elegida, discorrendo sobre o *locus* da pesquisa e esclarecendo percurso metodológico da presente pesquisa. Já no sexto capítulo a ideia é apresentar os dados coletados na pesquisa de campo que compõem a pesquisa, da unidade escolar acima citada, que se configura no conhecimento sobre a Lei 10.639/03 e a prática pedagógica do corpo docente. Por fim, as considerações finais pretendem relatar os caminhos percorridos para construção ou não das práticas pedagógicas vivenciadas pelos sujeitos da escola objeto de pesquisa.

2 A EMERGÊNCIA DA LEI 10.639/03

Linha do tempo da inclusão da História da África na legislação nacional

- 1986: Convenção Nacional do Negro pela Constituinte;
- 1988: Constituição Federal;
- 1996: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional;
- 1998: Parâmetros Curriculares Nacionais de História;
- 2003: Lei 10.639; e
- 2018: Base Nacional Comum Curricular

Interessante notar que a questão da abordagem do Negro na educação, ou uma preocupação com a inclusão de conteúdos sobre a importância do Negro na construção da História do Brasil irá acontecer pela primeira vez na Constituição de 1988, cem anos após a abolição. No entanto, anterior à promulgação da CRFB/1988, insta salientar que várias foram as formas e fases na luta pelo reconhecimento dos povos Africanos como formador da sociedade brasileira.

Dentro dessa luta destaca-se o Movimento Negro² que segundo Gomes (2017, p. 23) destaca-se como de *“caráter emancipatório, reivindicativo e afirmativo, que o caracterizam como um importante ator político e como um educador de pessoas, coletivos e instituições sociais ao longo da história e percorrendo as mais diversas gerações”*. No entanto no presente trabalho iremos abordar as contribuições do Movimento Negro a partir da Convenção Nacional do Negro pela Constituinte, entre os dias 26 e 27 de agosto do ano de 1986, onde 580 grupos pertencentes ao Movimento Negro se reuniram para elaborar suas reivindicações que deveriam estar presentes na Carta Magna (GOMES, 2017).

Nos anos 80 o país passava por um momento de redemocratização, após duas décadas de ditadura militar, emergindo sobre a sociedade a necessidade de luta pelos direitos que haviam sido retirados. Neste cenário o movimento negro se faz presente lutando pelo reconhecimento do Negro no país:

Conscientes de a "CONSTITUINTE-87" não terá a participação democrática do brasileiro, uma vez que o "Grupo daqueles que serão encarregados da

² Entende-se Movimento Negro como as diversas formas de organização e junção de pessoas organizadas politicamente contra o racismo.

nova Carta Magna, vem sendo formado através de alianças entre as elites que sempre dominaram e designaram, em consequência, tanto cultura, quanto economicamente, os destinos do Povo, nós Negros, entendemos que deveríamos nos esforçar para conjuntamente, trazermos à baila as nossas necessidades enquanto um segmento étnico- social, politicamente definido dentro deste imenso Brasil multiétnico (BRASÍLIA, 1986, p. 1).

No entanto, o grupo de pessoas encarregadas pela Constituição era formado em sua maioria por homens brancos pertencentes à elite brasileira e a inserção de conteúdos na área da educação para o ensino da História da África se limitou ao artigo 242, § 1º “*o ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro*” (BRASIL, 1988). Assim a constituição limitou-se a inserir de forma genérica que o ensino de História “*levará em conta as diferentes culturas e etnias*” não esclarecendo como essa história será contada. Desse modo, não atende as solicitações do movimento negro, assim como não atende a nossa real História, que continua sendo vista do ponto de vista eurocêntrico

Após a Constituição, as relações etnicorraciais são novamente abordadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394 de 20 de dezembro de 1996, que propõe o seguinte, no artigo 26, parágrafo § 4º “*O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia*” (BRASIL, 1996).

Novamente, apesar de ter sido acrescentado a redação “especialmente nas matrizes indígena, africana e europeia”, o artigo deixa a cargo da subjetividade do professor o modo como a história do Brasil será contada e trabalhada em sala de aula, pois o termo “levará em conta” não aponta diretrizes que possam ser seguidas. É possível notar também que o ensino da História da África ainda não entra em pauta e à medida que essa História deixa de ser contada privilegiando sempre a história do ponto de vista europeu. Segundo Bernardes (2008, p. 33):

Resiste a considerar a imensa influência que a cultura africana sempre exerceu sobre o modo de ser do brasileiro, o que pode fazer com que não se reconheça enquanto sujeito social e histórico, já que sua história foi silenciada, e quando é contada se tornou comum recuperá-la na perspectiva da escravidão, como um mero “fator de produção”.

Essa história silenciada reforça a exclusão e marginalização da cultura africana, contribuindo para a manutenção do preconceito e de uma visão negativa de tudo que se origina do continente africano.

Em 1997 quando os Parâmetros Curriculares Nacionais foram publicados, trouxe em sua redação uma proposta que procurou democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica, buscando ampliar, de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos. Incorpora, de forma organizada, as principais questões que o professor deve considerar no desenvolvimento de seu trabalho, subsidiando as discussões, os planejamentos e as avaliações (BRASIL, 1997).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) trazem em sua introdução, que esses marcos:

São referenciais para a renovação e reelaboração da proposta curricular, a importância de que cada escola formule seu projeto educacional, compartilhado por toda equipe, para que a melhoria da qualidade da educação resulte da corresponsabilidade entre todos os educadores” (BRASIL, 1997, p. 9),

No entanto, os PCN's não abarcavam de forma direta temas relacionados a cultura africana deixando lacunas a serem preenchidas, todavia, apesar das propostas previstas no documento, cabe analisar como essas propostas se configuram nas práticas escolares, no cotidiano escolar, possivelmente por se tratar de um texto norteador para a educação brasileira, pois pensar em uma escola para todos implica não somente em fixar diretrizes, mas problematizar a situação real das escolas brasileiras e como as práticas educativas são desenvolvidas, questionando o verdadeiro sentido da aprendizagem e das temáticas escolares (SILVA, 2015), assim ainda, sem uma legislação que de fato desse conta das necessidades de inclusão do ensino das culturas afro-brasileiras e africanas no cotidiano escolar, já que as diretrizes já instituídas não eram obrigatórias, tornou-se necessária a luta pela elaboração de uma lei que instituisse de forma obrigatória o ensino da História da África.

Neste cenário o então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, atendendo as reivindicações dos Movimentos Negros, promulga a Lei 10.639/03, que torna obrigatória a inclusão, no currículo escolar em todos os níveis de ensino da rede privada e pública de temas

relacionados à História da África e da população Afro-brasileira, alterando assim a LBD, assinalando:

O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá: O estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil (BRASIL, 2003).

Neste diapasão que surgiu a Lei 10.639/2003, exigindo modificações no sistema educacional, e principalmente nas práticas pedagógicas que no decurso dos anos omitiu as diferenças raciais e culturais do espaço escolar. Segundo Bernardes (2008, p. 33) sobre a lei publicada:

Depois de 115 anos da abolição da escravidão, veio justamente reparar essa injustiça feita não apenas aos negros, mas a todos os brasileiros, pois essa história esquecida ou deformada pertence a todos os brasileiros, sem discriminação de cor, idade, sexo, gênero, etnia e religião.

A Lei 10.639/03 tem como objetivo resgatar a contribuição do povo negro em áreas como: social, econômica e política, todas pertinentes a história do Brasil, ressaltando a importância da cultura negra no processo de formação da sociedade brasileira (BRASIL, 2003). Tal iniciativa objetiva a inserção de estratégias de reconhecimento e valorização do negro e de sua cultura em todos os espaços da sociedade, principalmente no âmbito educacional, uma vez que os professores, juntamente com o processo educacional exercem um importante papel no processo de luta e combate ao racismo e a discriminação étnico-racial (SANTANA, 2010).

Para além das teorias curriculares no Brasil, existe no cenário atual a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), regulamentada por lei e que integra a Política Nacional de Educação Básica, ‘‘cuja finalidade é orientar os sistemas na elaboração de suas propostas curriculares, tem como fundamento o direito a aprendizagem e ao desenvolvimento’’ (BRASIL, 2016, p. 24). Ela é uma referência para as habilidades, conteúdos e competências que devem

ser desenvolvidas ao longo da educação básica. Segundo o documento, entende-se a Base Nacional Comum Curricular como:

(...) os conhecimentos, saberes e valores produzidos culturalmente, expressos nas políticas públicas e que são gerados nas instituições produtoras do conhecimento científico e tecnológico; no mundo do trabalho; no desenvolvimento das linguagens; nas atividades desportivas e corporais; na produção artística; nas formas diversas de exercício da cidadania; nos movimentos sociais (BRASIL, 2016, p. 26).

Em relação aos conteúdos relacionados à História da África e da população Afro-brasileira o documento propõe:

De forma particular, um planejamento com foco na equidade também exige um claro compromisso de reverter a situação de exclusão histórica que marginaliza grupos – como os povos indígenas originários e as populações das comunidades remanescentes de quilombos e demais afrodescendentes – e as pessoas que não puderam estudar ou completar sua escolaridade na idade própria. Igualmente, requer o compromisso com os alunos com deficiência, reconhecendo a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e de diferenciação curricular, conforme estabelecido na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) (BRASIL, 2018).

Entretanto, apesar dos documentos legais aqui apresentados e de suas manifestações nas práticas educativas e escolares, é estabelecida pelo sistema de ensino uma base nacional comum curricular, o que compreende o currículo mínimo, ou seja, os conhecimentos-base que os alunos devem adquirir ao longo dos períodos letivos. A grande questão que permeia o currículo mínimo é a forma de como ele é organizado e quais os seus objetivos ao ser transmitido aos alunos, os quais - grande parte das vezes - servem de meros expectadores ao longo do processo ensino-aprendizagem.

Não obstante, as práticas dos professores em grande parte das escolas brasileiras obedecem ao senso comum pedagógico, onde ideias e concepções de aprendizagem se centram na cultura hegemônica e eurocêntrica, dispersando em ações desconexas da realidade sem

considerar o contexto social e cultural no qual os alunos estão inseridos e a serviço de quem tais concepções e práticas estão, e configuram suas ações em violência simbólica, implícita por meio do currículo e de suas relações obscuras entre os agentes que compõem o meio educacional, silenciando assim outras culturas (BOURDIEU, 2015).

3 A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996, art. 2º).

Desta forma, compreende-se que a educação está pautada em ideais de liberdade e solidariedade e dentre suas finalidades encontram-se objetivos como, por exemplo, o pleno desenvolvimento do educando, isto é, a educação deve, através de sua organização e planejamento, garantir o desenvolvimento integral dos indivíduos envolvidos em seu processo (BRASIL, 1996).

O poder arbitrário se configura através da ação pedagógica na medida em que esta não provê meios de superação das desigualdades encontradas no ambiente escolar, mas apenas reforça os ideais já estabelecidos pela sociedade, pelas práticas educativas desenvolvidas, paradoxalmente, segundo o princípio de igualdade de acesso e permanência na escola (SILVA, 2015).

Para uma visão mais panorâmica, cabe ainda frisar que um dos conceitos necessários à compreensão do papel da escola e, conseqüentemente, seus componentes pedagógicos desempenham durante o processo ensino-aprendizagem é o conceito de ideologia. Embora a palavra *ideologia* nos remeta a inúmeras acepções, vamos nos ater ao conceito segundo Gadotti (2012, p. 42), que a define como “um pensamento teórico estruturado, exprimindo uma falsa visão da história, cuja finalidade é *ocultar* um projeto social, político e econômico da classe dominante”. Tal definição se fundamenta em Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895), que afirmam que ela consiste em um “conjunto de ideias que procura ocultar a sua própria origem nos interesses sociais de um grupo particular da sociedade” (GADOTTI, 2012, p. 42). Deste modo, a ideologia está intimamente ligada à concepção de ensino adotada pela unidade escolar, bem como pelo sistema de ensino, a qual reproduz sistematicamente o modelo vigente e as relações de poder que se estabelecem no âmbito escolar e social. Tais relações de poder se

desvelam no decorrer do processo educativo e é sob esta perspectiva que as práticas escolares devem estar voltadas para a conscientização dos indivíduos que fazem parte do ambiente no qual está inserida a escola:

O papel da conscientização de que nos fala Paulo Freire é a decifração do mundo, dificultada pela ideologia; é esse ‘ir além das aparências’, atrás das máscaras e ilusões, pagando o preço da crítica, da luta, da busca, da transgressão, da desobediência, enfim, da libertação. Isso significa que, hoje, um dos maiores obstáculos à conscientização é a própria educação, o próprio sistema escolar, funcionando como aparelho ideológico de ocultação da consciência (GADOTTI, 2012, p. 48).

No entanto, para compreender como essas relações estão inculcadas na escola e como elas se dão no fazer pedagógico é necessário analisá-las enquanto uma problemática social e reveladora das concepções e percepções que a escola possui e transmite. Assim, além de assegurar espaços para negros nas instituições escolares, é necessário reconhecer efetivamente a história e cultura africana, procurando consertar danos reproduzidos por séculos e que negam a sua identidade e seus direitos, trazendo mudança nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modos de ver e tratar tudo que envolve a cultura afro-brasileira (GOMES, 2005).

Segundo Gomes,

Não faz sentido que a escola, uma instituição que trabalha com os delicados processos da formação humana, dentre os quais se insere a diversidade étnico-racial, continue dando uma ênfase desproporcional à aquisição dos saberes e conteúdos escolares e se esquecendo de que o humano não se constitui apenas de intelecto, mas também de diferenças, identidades, 5 emoções, representações, valores, títulos. (2005, p. 154)

A Educação deve contribuir para a desmistificação de características e estereótipos negativos atribuídos ao negro e a sua cultura, contribuindo assim para, segundo D’Adesky (2006, p. 16) “defender o resgate e a valorização dos elementos culturais que possibilitem a uma pessoa se identificar como negro sem sofrer o enorme custo do preconceito racial”. Sendo assim, faz-se necessário a implantação de medidas que visem contribuir para a reversão dessa realidade e o processo educacional é um campo fértil para o desenvolvimento de tais iniciativas

(CAVALLEIRO, 2006). A Educação, de maneira especial, aparece como um espaço desafiante para a construção de novas percepções e características em torno do negro e de sua cultura, uma vez que ela “*é parte determinante na (re)construção de valores, tão fundamentais na luta contra a discriminação racial e o racismo*” (TRINDADE, 2010, p. 9).

A escola brasileira, desde os primórdios, tem apresentado inúmeras questões e provocado diversas discussões a respeito de seu papel e da sociedade na formação do cidadão, dividindo métodos, metodologias, linhas de pensamento e correntes filosóficas. Tais formas de refletir sobre a educação, durante o trajeto, se desenvolveram em teorias e tendências que, por sua vez, segmentaram cada vez mais as práticas educativas e o pensamento pedagógico brasileiro que, segundo Libâneo (2011) não é neutro e possui por trás de cada concepção fatores sociopolíticos que regem as ações das instituições escolares:

A prática escolar consiste na concretização das condições que asseguram a realização do trabalho docente. Tais condições não se reduzem ao estritamente “pedagógico”, já que a escola cumpre funções que lhe são dadas pela sociedade concreta que, por sua vez, apresenta-se como constituída por classes sociais com interesses antagônicos. A prática escolar, assim, tem atrás de si condicionantes sociopolíticos que configuram diferentes concepções de homem e de sociedade e, conseqüentemente, diferentes pressupostos sobre o papel da escola, aprendizagem, relações professor-aluno, técnicas pedagógicas, etc. Fica claro que o modo como os professores realizam seu trabalho, selecionam e organizam o conteúdo das matérias, ou escolhem técnicas de ensino e avaliação tem a ver com pressupostos teórico-metodológicos, explícita ou implicitamente (LIBÂNEO, 2011, p. 19-20).

Assim o fazer docente se estrutura através de distintas concepções, as quais definem e legitimam as ações pedagógicas ao longo do processo de ensino. O autor também assevera:

Uma boa parte dos professores, provavelmente a maioria, baseia sua prática em prescrições pedagógicas que viraram senso comum, incorporadas quando de sua passagem pela escola ou transmitidas pelos colegas mais velhos; entretanto, essa prática contém pressupostos teóricos implícitos (LIBÂNEO, 2011, p. 20).

O trabalho docente, portanto, não pode nem deve assumir papel neutro mediante o quadro atual e o *status quo* dos estabelecimentos de ensino, mesmo que o currículo se afirme como tal, porém, para uma compreensão mais ampla, faz-se necessário compreender o currículo e quais as suas funções enquanto componente escolar. A escola é um espaço de inter-relações e de convivência social, fator de desenvolvimento do ser como um todo, sendo assim nasce a necessidade de aprimorar o conhecimento de mundo que nos cerca e buscar proporcionar ao aluno possibilidades de interação, bem como a integração em maior profundidade do aluno com a escola, professores e demais alunos (LIBANEO, 2011).

Pacheco (2007) argumenta que existe um rol concepções sobre o currículo e que não existe um consenso sobre sua definição e – consequentemente – de suas funções. O autor afirma que durante esse tempo ele já foi “*associado a rol de conteúdos escolares, matriz curricular, programas de ensino, ações práticas no contexto escolar e a todos esses fatores em conjunto*” (PACHECO, 2007, p. 48).

Assim o currículo é o componente pedagógico essencial que norteia as ações pedagógicas da escola, e serve de base para o desenvolvimento das ações escolares. Os efeitos, portanto, podem ser negativos ou positivos, dependendo da realidade social em que estão inseridos os alunos e da concepção de educação que norteia o trabalho da escola e se refletem, normalmente, no desempenho escolar dos estudantes, porém o atual sistema escolar como um todo exclui e seleciona os alunos de acordo com sua bagagem de conhecimento e seu desempenho nas atividades escolares de acordo com o que é exigido pela escola. Elementos como estereótipos, estigmas, ideologias e outros reforços são facilmente absorvidos pelo meio, que os reproduz (PACHECO, 2007).

A escola, enquanto instância social participa ativamente desse processo onde todos os agentes se relacionam entre si. Bourdieu (1996, p. 149-150) afirma que:

Uma das funções do sistema de ensino seria assegurar o consenso das diferentes frações acerca de uma definição minimal do legítimo e do ilegítimo, dos objetos que merecem ou não ser discutidos, do que é preciso saber e do que se pode ignorar.

Entretanto, cabe analisar como se estabelecem essas questões na prática cotidiana da escola e do professor, pois os agentes que constituem o espaço – neste caso, o espaço escolar –

são dotados de intencionalidades que se vertem, grande parte das vezes, em um tipo de violência chamada *simbólica*. Para Bourdieu (1997, p. 22), ela é “*uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la*”.

Sousa (2010, p. 102) acrescenta que:

O espaço educacional como um todo e, principalmente, a primeira etapa que é a Educação Infantil oferecem uma série de desafios para lidar com os temas que dizem respeito à educação das relações étnico-raciais e de gênero, bem como às formas de configuração do poder econômico e suas implicações nas diversas regiões do Brasil.

3.1 A importância da formação do professor no Curso Normal e sua atuação na Educação Infantil

A Educação Infantil, fase em que o professor oriundo da formação no curso normal irá atuar, que compreende a fase do 0 aos 6 anos incompletos da criança, é uma fase de grande importância na vida humana, uma vez que é nessa etapa que se inicia o processo de formação da personalidade e da identidade, fato este que orienta todo o processo de formação do ser social (TRINDADE, 2010).

Ao tratar sobre a criança no processo de aprendizagem e formação da identidade, Santana (2010, p. 18) afirma que:

São com o outro, pelos gestos, pelas palavras, pelos toques e olhares que a criança constrói sua identidade e será capaz de representar o mundo, atribuindo significado a tudo que a cerca.

Nessa linha, a Educação Infantil constitui um importante espaço na desmistificação de características negativas atribuídas ao negro. Tal período educacional pode contribuir para que a formação da personalidade e identidade de crianças, especialmente as negras, não seja

prejudicada ou distorcida em virtude de discursos, imagens e valores construídos historicamente de maneira negativa pela sociedade (SANTOS, 2010).

Nesse sentido, o processo educacional aparece como um importante agente e instrumento na busca de transmitir conhecimento acerca do negro, assim como de incentivar a valorização do negro, de sua cultura e suas contribuições no processo de formação da sociedade brasileira (SANTOS, 2010).

Ao olhar para Educação Infantil percebe-se que ela pode atuar não somente como um importante instrumento de combate ao racismo e a discriminação racial, mas também no sentido de contribuir para que as crianças neste processo de formação tenham um novo olhar em relação ao negro e sua cultura, afastando-se da construção de conceitos e práticas discriminatórias. Tal fato constitui em forte influência na construção da identidade, reconhecimento e aceitação, já a partir da infância, do negro enquanto negro (TRINDADE, 2010).

Segundo Trindade (2010, p. 14), “a diversidade e multiplicidade existente em cada um de nós e nos grupos é o que constitui a humanidade”. Sendo assim, o processo de Educação Infantil, fase de grande aprendizado para a criança, possibilita a construção de uma nova maneira de pensar a humanidade, assim como os povos, etnia e cultura que a compõe.

Segundo Lima:

Na Educação Infantil, tempo dos primeiros passos na vida social, seria importante semear atitudes positivas e, pela via do lúdico e do afeto, estimular o contato, a admiração, o encanto pela estética e pelo imaginário africano e afrodescendente. Brincadeiras e brinquedos, imagens, cantigas e muita “contação” de histórias que falem, lembrem e se refiram ao mundo negro servirão como meios para romper ou evitar que se construam barreiras e preconceitos (2006, p. 47).

É importante salientar que a Educação Infantil não se apresenta como transformador imediato de uma nova maneira de pensar o negro e sua cultura, nem mesmo como um instrumento instantâneo para a construção de uma relação de reconhecimento e identidade do negro enquanto negro. Na verdade, segundo Trindade (2010), as consequências e influências dessa nova forma de ensinar sobre o negro e sua cultura na Educação Infantil trarão resultados ao longo prazo, contribuindo, segundo a autora, “para a construção de uma nova humanidade”.

Na Educação Infantil, tempo dos primeiros passos na vida social, seria importante semear atitudes positivas e, pela via do lúdico e do afeto, estimular o contato, a admiração, o encanto pela estética e pelo imaginário africano e afro-descendente. Brincadeiras e brinquedos, cantigas e muita “contação” de histórias que falem, lembrem e se refiram ao mundo negro servirão como meios para romper ou evitar que se construam barreiras e preconceitos (LIMA, 2004).

3.2 Percurso histórico e normativo do curso Normal no Brasil

Fazendo uma pequena digressão histórica sobre a formação de professores no Brasil, é preciso lembrar que a formação de docentes para o ensino das “primeiras letras” em cursos específicos foi proposta no final do século XIX com a criação das Escolas Normais, e que está intimamente ligada à criação da escola pública, e que a dilatada história da educação brasileira, angariou formas e sentidos esboçados por cada momento histórico (SILVA e GASPARIN, 2012).

Em 1835 a Província do Rio de Janeiro toma a iniciativa de instalar em Niterói, sua capital, a primeira escola normal do Brasil. Tratava-se de uma escola bastante simples, regida por um diretor que era também o professor, com um currículo que praticamente se resumia ao conteúdo da própria escola elementar, sem prever sequer os rudimentos relativos à formação didático-pedagógica. Segundo Tobias (1973) o Curso Normal apresentou as seguintes características: uma escola de formação de professores para a elite: todos que frequentavam eram do sexo masculino.

De acordo com Brandão (2005), o curso de formação de professores em nível Médio, na modalidade Normal, funciona desde 1940, e por meio do Decreto de Lei N° 145/40, teve reconhecimento federal. A profissão docente é muito importante, nem uma profissão se chega sem passar pelas salas de aula do professor do primário, e ainda parte da população busca no curso normal a oportunidade de melhorar de vida ter uma profissão apesar da crítica, com relação a sua base de formação, e almejado por adolescentes carentes sem condições de ter uma formação acadêmica devido às adversidades.

No ano de 1946 surge através do Decreto Lei nº 8.530/46 a primeira legislação concernente ao Curso Normal, que preconiza:

No primeiro ciclo haveria um curso para formar regentes, tendo a duração de quatro anos e funcionando em nível do antigo ginásio, atualmente denominado primeiro grau maior. Essas escolas eram destinadas as regiões distintas, possibilitando às pessoas uma instrução de qualidade questionável, pois o curso era igual aos outros, contendo apenas algumas disciplinas específicas: didática e prática de ensino e psicologia aliada a pedagogia aplicada.

Além dessa debilitada habilitação para o ensino, as pessoas que realmente desejassem atuar como professores poderiam cursar as Escolas Normais do 2º ciclo, com duração de três anos tendo os alunos a oportunidade de participar de cursos de especialização de professor primário e habilitação em administração escolar.

Segundo Villela (1990, p. 111)

A criação da escola normal se dá num momento marcado por forte idealização da educação que se caracterizou por uma crença ilimitada no poder civilizatório da instrução. A difusão das luzes se tornava para os dirigentes o complemento indispensável da ação coercitiva exigida pelo Estado e a instrução pública, pelo seu potencial organizativo e civilizatório merecia atenção especial, pois permitia – ou deveria permitir – que o Império se colocasse ao lado das Nações civilizadas. A formação de professores seria o ponto de partida para o exercício de uma direção. Criar a carreira do magistério era tornar este professor um agente do governo do Estado, capaz de estabelecer cotidianamente, no espaço escolar, o nexos instrução-educação, propiciando, por meio da formação disciplinada dos futuros homens e cidadãos, e sua inclusão numa civilização.

Em 1961, é publicada a 1ª LDB, a Lei nº 4.024/61, no entanto não trouxe mudanças significativas ao Curso Normal. A organização do sistema de ensino constituía-se de Cursos Técnicos, Ginásio e Primário. Os cursos técnicos traziam disciplinas específicas.

A Lei de Diretrizes e Bases de nº 5.692/71 introduziu cursos de formação profissional o que acarretou uma mudança fundamental no Curso Normal, deixando de ser chamado de Curso Normal para ser nomeado de Curso de Formação de Professores. A visão tecnicista que já vinha se formando, intensificou-se após a Lei nº 5.692/71 que preconiza: "O trabalho pedagógico era representado por dois personagens distintos: aquele que planejava as ações docentes-discentes e aqueles que executavam". Sendo assim em decorrência dos dispositivos da LDB pertinentes ao núcleo comum de currículo, obrigatório a todos os cursos médios, disciplinas de formação geral voltaram a ser introduzidas no curso normal, de modo a continuar o processo de elevação do nível de formação do futuro professor (BRASIL, 1971).

A regra geral para a formação do professor, ditada pelo artigo 30 da Lei 5.692/71 evidencia a existência de dois esquemas (BRASIL, 1971):

O primeiro, correspondente à formação dada por cursos regulares e, o segundo, correspondendo à formação regular acrescida de estudos adicionais, pressupondo a existência de 5 níveis de formação de professores, a saber: 1) formação de nível de 2º grau, destinada a formar o professor polivalente das quatro primeiras séries do 1º grau; 2) formação de nível de 2º grau com 1 ano de estudos adicionais, para formar o professor apto a lecionar até a 6ª série do 1º grau; 3) formação superior em licenciatura curta, destinada a preparar o professor para uma área de estudos e a torná-lo apto a lecionar em todo o 1º grau; 4) formação em licenciatura curta mais estudos adicionais, preparando o professor de uma área de estudos com alguma especialização em uma disciplina dessa área, apto a lecionar até a 2ª série do 2º grau; 5) formação em nível superior em licenciatura plena, destinada a preparar o professor de disciplina, apto a lecionar até a última série do 2º grau.

Ademais, com a atribuição aos Conselhos Estaduais de fixar disciplinas complementares e arrolar optativas a serem escolhidas pelos estabelecimentos de ensino, há um crescimento do número de disciplinas de formação técnico-pedagógica nos currículos das escolas normais. Os grandes aumentos na profissionalização dos professores só ocorrem, contudo, após o ano de 1974.

Com as eleições presidenciais de 1989 iniciou-se à implantação, no Brasil, de um projeto neoliberal, cujos reflexos na política educacional começaram a ficar evidentes a partir da aprovação da Lei n.º 9394/96, que instituiu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, um projeto do Senador Darcy Ribeiro, apresentado como substitutivo ao projeto já aprovado na Câmara dos Deputados e amplamente discutido com a sociedade organizada brasileira. Com isso, foi aprovada uma proposta de LDB que incluía as diretrizes do Banco Mundial para a educação dos países em desenvolvimento, em detrimento de um projeto de lei que contava com a colaboração e o apoio da sociedade organizada, através do Fórum Nacional em Defesa da Educação, que o debateu durante oito anos na perspectiva de construir uma LDB verdadeiramente a serviço do povo brasileiro. A nova Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9.394/96) veio encontrar o quadro acima delineado no âmbito da formação de professores para os anos iniciais da escolaridade: diversidade de instituições formadoras, seja em nível médio, seja em nível superior, com predominância das de nível médio, sobretudo as de iniciativa pública (VILLELA, 1990).

Conforme art. 62 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDBEN, Lei nº 9.394/96:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Apesar de estabelecer como norma a formação em nível superior, a Lei ainda admite como formação mínima a oferecida em nível médio, nos cursos normais. Corroborando com esse pensamento a Resolução nº 03 do Conselho Nacional de Educação (CNE), que fixa Diretrizes para os Novos Planos de Carreira e de remuneração do Magistério dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, retoma o que está determinado no art. 62 da LDBEN, nos seguintes termos:

*Art. 4º - O exercício da docência na carreira do magistério exige, como qualificação mínima:
I – Ensino médio completo, na modalidade Normal, para a docência na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental.*

Diante dos desafios atuais da educação básica, o curso normal para formação do professor com o objetivo de atuar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino

fundamental, pode cumprir três funções essenciais: a primeira é o recrutamento para as licenciaturas, a segunda, a preparação de pessoal auxiliar para creches e pré-escolas, e a última, servir como centro de formação continuada.

Na ênfase atribuída pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) à formação em nível superior, não se pode ignorar a formação em nível médio que tem um papel importante na realidade nacional (e estadual) e pode cumprir, além de fornecer a primeira a formação para professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Mesmo com a exigência de formação em nível superior, a Lei ainda admite como formação mínima a oferecida em nível médio, nos cursos normais. Assim dos principais desafios na educação básica, o curso normal para formação do professor objetiva atuar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, podendo cumprir três funções essenciais: a primeira é o recrutamento para as licenciaturas, a segunda, a preparação de pessoal auxiliar para creches e pré-escolas, e a última, servir como centro de formação continuada.

Hoje o Curso de Formação de Professores está organizada no Estado do Rio de Janeiro da seguinte forma:

4 METODOLOGIA

4.1. Proposta de Delineamento metodológico

A proposta de delineamento metodológico se constrói a partir da pesquisa-ação, uma vez que o intuito da presente pesquisa é direcionar a ação para a formação dos indivíduos envolvidos no processo de investigação. Segundo Franco (2004) a pesquisa-ação se caracteriza por:

A pesquisa-ação crítica considera a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador, a voz do sujeito fará parte da tessitura da metodologia da investigação. Neste caso a metodologia não se faz através das etapas de um método, mas se organiza pelas situações relevantes que emergem do processo. Daí a ênfase no caráter formativo desta modalidade de pesquisa, pois o sujeito deve tomar consciência das transformações que vão ocorrendo em si próprio e no processo. É também por isto que tal metodologia assume o caráter emancipatório, pois mediante a participação consciente, os sujeitos da pesquisa passam a ter oportunidade de se libertar de mitos e preconceitos que organizam suas defesas à mudança e reorganizam a sua autoconcepção de sujeitos históricos (FRANCO, 2004, p. 486).

Assim de acordo com Barbier (2004, p. 14) na pesquisa-ação o pesquisador torna-se parte do processo e “[...] não se trabalha sobre os outros, mas e sempre com os outros”. O papel do pesquisador viabiliza a união dos saberes teóricos às práticas pedagógicas ao professor-participante que atua como mediador de conhecimentos.

Desta forma, pretende-se investigar junto a um grupo social determinado, professores e discentes de uma escola de Curso Normal no município de Itaperuna, a presença da Lei 10.639/03 na construção das práticas pedagógicas no campo da disciplina de estágio dos alunos matriculados do 2º ano do Curso Normal. Assim a metodologia escolhida possibilita a intervenção na prática pedagógica pelo pesquisador, oportunizando o desenvolvimento de

novas metodologias, buscando superar “velhas” práticas que podem reforçar o estereótipo do Negro.

Da mesma maneira Franco (2004) sugere:

Nessa direção, para a operacionalização dessa especificidade à ciência da educação, realço a necessidade de uma metodologia, de caráter formativo e emancipatório, que atenda a determinados princípios, que denomino de princípios fundantes, indicando que a investigação sobre a prática educativa para se realizar deverá contemplar:

- *A ação conjunta entre pesquisador/pesquisados;*
- *A realização da pesquisa em ambientes onde acontecem as próprias práticas;*
- *A organização de condições de auto formação e emancipação aos sujeitos da ação;*
- *A criação de compromissos com a formação e o desenvolvimento de procedimentos crítico-reflexivos sobre a realidade;*
- *O desenvolvimento de uma dinâmica coletiva que permita o estabelecimento de referências contínuas e evolutivas com o coletivo, no sentido de apreensão dos significados construídos e em construção;*
- *Reflexões que atuem na perspectiva de superação das condições de opressão, alienação e de massacre da rotina;*
- *Ressignificações coletivas das compreensões do grupo, articuladas com as condições sócio históricas;*
- *O desenvolvimento cultural dos sujeitos da ação.*

Com isso, interessa-nos perceber como estes constroem no cotidiano escolar, no chão da escola, seus discursos, suas atitudes. Pretende-se ainda identificar a presença da aplicação da lei em todos os momentos pedagógicos e identificando a presença de manifestações da cultura afrodescendente no modo de agir e de se expressar, analisando e intervindo na aplicabilidade da lei 10.639/03 no ambiente escolar. Assim percebendo como estes compõem seus discursos e práticas acerca da Lei 10.639/03 no ambiente escolar que segundo Geertz (1973. p. 32) “pequenos fatos falam de grandes problemas porque são adequados a isso”, poderemos desenvolver práticas que visem transformar o espaço escolar.

A descrição de nossa pesquisa-ação se encontra detalhada no presente capítulo e foi desmembrada em seis etapas. Na primeira etapa realiza o delineamento metodológico da pesquisa; na segunda etapa o objetivo descreve a pesquisa-ação, com a apresentação do contexto pedagógico e dos participantes da pesquisa; na terceira etapa detalha o planejamento do roteiro; as aulas compreendidas nesta pesquisa-ação são apresentadas na quarta; logo após na quinta etapa, as avaliações são expostas; e na última seção apresentamos as considerações sobre a pesquisa-ação realizada.

4.2. O *locus* pedagógico e os integrantes da pesquisa

O objeto de pesquisa se constitui no planejamento e aplicação de práticas pedagógicas aos discentes, matriculados no 2º ano do curso normal, perfazendo o total de 45 educandos de ambos os sexos, distribuídos em duas turmas, pertencentes a Escola Estadual CIEP 263 Lina Bo Bardi, localizada no município de Itaperuna, região Noroeste do Estado do Rio de Janeiro. A relevância do *locus* escolhido se apoia no fato da escola se apresentar como a maior escola, com Curso Normal da região Noroeste, tanto em números de alunos como de professores.

A pesquisa tem ainda como objeto de estudo, os docentes das áreas pedagógicas, bem como os de História, Geografia, Filosofia e Sociologia do Curso Normal, perfazendo o total de 13 docentes, com o objetivo de perceber as práticas pedagógicas vigentes no contexto escolar.

O trabalho foi realizado de forma igual entre os discentes, assim como a avaliação dos questionários e entrevistas. Os alunos que compõem a pesquisas são residentes do município de Itaperuna e São José de Ubá (município vizinho). No primeiro contato com a turma a professora-pesquisadora explicou aos participantes sobre seu estudo sobre relações étnico-raciais e sobre o objetivo da presente pesquisa. O trabalho realizado foi registrado pela professora da turma no diário de classe atribuindo notas que se constituem obrigatórias à aprovação do aluno à série seguinte. Dessa forma, nosso trabalho integrou o processo avaliativo da escola, possibilitando a análise do processo de ensino/aprendizagem dos discentes.

Para alcançar o objetivo da pesquisa descrita neste trabalho, foram realizadas duas etapas. Na etapa 1, realizou-se a aplicação de questionários, a fim de se obter informações sobre a percepção de alunos e professores a respeito da importância e aplicação da Lei 10.639/03 no ambiente escolar, bem como de sua importância para sua formação acadêmica/profissional.

A etapa 2 consistiu na realização de intervenções pedagógicas, direta e participante, pelo período de 12 semanas, tendo ao final a análise dos resultados obtidos a percepção dos discentes e sobre a aplicação da estratégia de pesquisa denominada pesquisa-ação.

A pesquisa foi desenvolvida durante trinta e seis horas aulas, compreendidas na Disciplina de Prática Pedagógica e Iniciação a Pesquisa (PIIP), divididas em 12 dias letivos, com três horas-aula de 50 minutos, conforme determina o horário escolar das turmas.

O primeiro contato com a escola aconteceu, com a direção da escola, em uma quinta-feira dia 02/08/2018, oficializando a realização do presente projeto. A princípio o intuito era trabalhar com os professores no campo do estágio desenvolvendo práticas pedagógicas que os alunos dos 1º, 2º, e 3º anos pudessem levar as escolas. Assim para que pudéssemos devolver a metodologia e a dinâmica que seria utilizada foi marcada uma reunião com as professoras responsáveis pela disciplina de estágio, neste caso três professoras.

No início da conversa expliquei o objetivo da pesquisa, evidenciando a importância de se trabalhar as relações étnico-raciais na primeira infância, tornando-se assim a inclusão de práticas pedagógicas que abordem conteúdos relacionados a Lei 10.639/03 essencial para a formação dos futuros profissionais que atuarão nesse campo de trabalho.

Durante a conversa duas das professoras demonstraram grandes dificuldades na aceitação da temática, alegando que os conteúdos não poderiam ficar defasados demonstrando assim a dificuldade de entendimento sobre proposta. As professoras foram categóricas em afirmar que eu poderia apenas utilizar as aulas vagas para realizar qualquer tipo de intervenção, ou poderia utilizar os laboratórios como alternativa, onde eu poderia oferecer alguma atividade de formação aos alunos. Ressalta-se que uma das professoras disse inviável transversalizar a temática a todo momento e esclareceu que ela é trabalhada na escola em momentos específicos, tais como, festas folclóricas, mês de novembro ou festas temáticas, relegando assim os conteúdos africanos e afro-brasileiros ao campo folclórico.

No entanto uma das professoras presentes, responsável pelas turmas de 2º ano se mostrou receptiva e autorizou que eu realizasse a intervenção em suas turmas, o que depois de quase 2 horas de reunião ficou acordado com a direção.

4.3 Planejamento e desenvolvimento da pesquisa-ação

A intervenção foi desenvolvida durante 12 dias letivos, com três horas-aula de 50 minutos, perfazendo um total de 12 semanas e 36 horas/aulas, realizadas entre os meses de setembro a dezembro de 2018.

O primeiro passo utilizado foi verificar o currículo mínimo do Estado do Rio de Janeiro a fim de adequar e integrar o planejamento da presente pesquisa ao conjunto de conteúdos necessários ao ciclo/série dos alunos envolvidos. Esta série de procedimentos iniciais foi denominada como “identificação do problema”, seguindo a metodologia de pesquisa-ação proposta por Thiollent (1986).

De acordo com as informações obtidas foi elaborado o planejamento das aulas específicas para a realização das atividades durante as doze aulas subsequentes.

Em todas as etapas da pesquisa-ação, os dados e percepções referentes as atividades realizadas, assim como algumas falas ou considerações dos alunos participantes foram registradas em diário de campo com o intuito que nenhuma percepção fosse perdida ou esquecida pela pesquisadora.

A seguir, uma breve exposição das metodologias e instrumentos utilizados durante as aulas.

4.3.1 Descrição das aulas

Neta etapa foi realizada uma breve descrição das aulas, abordando os conteúdos utilizados na produção e planejamento das atividades.

Quadro 1 – Conteúdos trabalhados nos encontros de Prática Pedagógica

Numero	Tema	Hora/Aula
Encontro 1	Sensibilizar e refletir	3 horas aulas
Encontro 2	Importância da história e cultura Africana e sua contribuição na formação do povo brasileiro	3 horas aulas
Encontro 3	Construção das práticas pedagógicas para o campo de estágio: Turma 1: Teatro e Oficina de Literatura. Turma 2: Teatro e Jogos Tradicionais Africanos	3 horas aulas
Encontro 4	Literatura Africana: a literatura infantil como instrumento de ludicidade e linguagem adequada ao imaginário infantil	3 horas aulas
Encontro 5	Influência da Cultura Africana no cotidiano: oficina de pintura com padronagem étnica	3 horas aulas

Encontro 6	A importância do professor na construção da auto estima da criança negra	3 horas aulas
Encontro 7	A fotografia como recurso pedagógico na construção da identidade x diversidade étnica	3 horas aulas
Encontro 8	Organização e preparo da cenografia para o teatro	3 horas aulas
Encontro 9	“Compartilhando Experiências” apresentação do trabalho da disciplina de Estágio em Campo	3 horas aulas
Encontro 10	Alunos no Campo de Estágio	3 horas aulas
Encontro 11	Alunos no Campo de Estágio	3 horas aulas
Encontro 12	Organização e Fechamento da disciplina de Estágio: avaliação da intervenção	3 horas aulas

Fonte: Elaborada pela própria autora

4.3.3.1 Primeiro encontro: Sensibilizar e refletir

a) Objetivos:

Sensibilização sobre a pesquisa e aplicação dos questionários.

b) Descrição das atividades:

O primeiro encontro aconteceu com as duas turmas de 2º ano juntas onde foi explicado aos alunos sobre o projeto de dissertação da pesquisadora, bem como aconteceriam os encontros dali para frente. Os alunos demonstraram bastante surpresa com a temática apresentada demonstrando total desconhecimento sobre todo e qualquer assunto relativo a história e cultura africana. No entanto os alunos manifestaram ter bastante interesse sobre o assunto e ficaram durante todo o tempo com olhos bem atentos a tudo aquilo que a pesquisadora falava. Assim o primeiro encontro se deu mais como um reconhecimento sobre as ações que serão tratadas enfatizando a questão da importância da identidade e do reconhecimento da cultura Africana, principalmente em sala de aula. Se mostraram bastante perceptíveis com o projeto e com grande boa vontade em realizar as atividades propostas. Acordamos que teríamos doze encontros e que

ao final desses encontros na atividade de encerramento seria emitido um certificado de participação.

Após os alunos foram orientados a preencher o questionário com informações sobre a percepção destes em relação a abordagem dos conteúdos africanos e afro-brasileiros no ambiente escolar.

O diálogo inicial entre professora-pesquisadora e os alunos permitiu uma aproximação entre os participantes da pesquisa-ação, além de possibilitar uma exploração acerca das expectativas dos alunos quanto ao processo de ensino-aprendizagem. Por se sentirem participantes ativos na construção das aulas, os alunos, em geral, demonstraram-se muito animados com o empreendimento.

4.3.3.2 Segundo encontro: Importância da história e cultura Africana e sua contribuição na formação do povo brasileiro

a) Objetivos:

Analisar a influência africana no processo de formação da cultura afro-brasileira.

b) Descrição das atividades:

Neste encontro a proposta era desconstruir possíveis imagens negativas em relação ao continente africano e identificar sua influência na formação do Brasil. O encontro aconteceu em forma de aula expositiva dialogada tendo como temas geradores: Ficha panorâmica de identidade sobre o continente africano; África como berço da civilização mundial; África na atualidade; As etnias que contribuíram na formação do Brasil e sua identificação na atualidade. Foi apresentado aos alunos um mapa sobre a diáspora africana, para pudessem visualizar os povos presentes na formação do Brasil. Os alunos demonstraram grande interesse sobre a temática e participaram de forma ativa, sempre expressando grande surpresa quando identificavam algo do dia a dia que é que origem africana. Assim o encontro decorreu de forma tranquila sem intercorrências em ambas as turmas, possibilitando a professora-pesquisadora cumprir a proposta inicial.



Imagens 1 – Turmas 1 e 2 durante a aula 2

4.3.3.3 Terceiro encontro: Construção das práticas pedagógicas para o campo de estágio: Turma 1: Teatro e Oficina de Literatura. Turma 2: Teatro e Jogos Tradicionais Africanos

a) Objetivos:

Construir junto com os alunos práticas pedagógicas para implantação no campo do estágio

b) Descrição das atividades:

No terceiro encontro com a turma 1 trouxe um convidado para ministrar comigo o encontro o Professor Gabriel. Gabriel é formado em teatro e aceitou criar junto aos alunos as peças de teatro para serem levadas ao campo de estágio. Assim a intenção inicial era tratar sobre a peça de teatro. No entanto Gabriel começou falando sobre os diversos tipos de “padrão”, enfatizando sobre os padrões de beleza vigentes no Brasil, utilizando uma dinâmica sobre a questão do padrão de beleza atual fazendo os alunos refletirem sobre as questões sociais e quem as estabelece. A dinâmica ajudou aos alunos a pensarem sobre o que deveriam abordar na peça de teatro, os ajudando-os a desconstruir possíveis práticas discriminatórias. Logo após os alunos foram divididos em duplas para análise de livros infantis, com o intuito para preparar a peça de teatro. A professora-pesquisadora disponibilizou 30 livros sobre literatura infantil para que os alunos pudessem escolher os que mais lhe chamassem a atenção. Os alunos foram divididos em duplas para que pudessem escolher um livro e fazer a leitura do mesmo. No entanto os alunos não demonstraram identificação com os livros apresentados externalizando desinteresse sobre

os mesmos. Após a leitura cada dupla contou sobre o livro que leu, tendo ao final decidido montar a peça teatral com três das histórias lidas. Assim a peça teatral apresentada (Anexo 3) pela turma 1 foi construída a partir de duas histórias infantis: Chico Juba (Gustavo Gaivota) e Gabriela a Princesa do Daomé (Marta Rodrigues).

Os alunos ainda escolheram os livros que fariam parte das oficinas de contação de história no campo de estágio. Assim foram divididos em 06 grupos e cada um escolheu uma história para contar no estágio em campo. Assim ficaram os grupos:

Grupo 1: Contos Africanos para crianças brasileiras (Rogério Andrade Barbos)

Grupo 2: Bruna e a Galinha D'Angola (Gercilda de Almeida)

Grupo 3: O Rei Preto de Ouro Preto (Silvia Orthof)

Grupo 4: Rapunzel e o Quibungo (Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho)

Grupo 5: O mundo das pessoas coloridas (Caio Ducca e Thiago Amormino)

Grupo 6: Só um minutinho (Ana Maria Machado)

O terceiro encontro com a turma 2, que é a turma mais agitada, na primeira parte aconteceu da mesma forma que na turma 1, o Professor Gabriel procedeu a introdução do tema falando sobre padrão repetindo a dinâmica apresentada anteriormente. Nesta turma os alunos resolveram escrever a peça de teatro (Anexo 4). Após algum tempo reunidos os alunos apresentaram algumas ideias sobre a história demonstrando ainda preconceito e reforço de estereótipos. Conversei com a turma sobre a importância de levar às crianças do campo de estágio, experiências positivas para que fosse reforçado uma identidade étnica positiva. Assim os alunos se prontificaram a repensar o texto e trazer no próximo encontro.

Os alunos ainda se organizaram para montar as oficinas com os jogos tradicionais africanos que deveriam oferecer no campo do estágio. Expliquei a turma sobre a origem dos jogos distribuindo uma apostila³ com diversos jogos tradicionais africanos para que pudessem

³ Apostila OFICINA: Jogos infantis Africanos e Afro-brasileiros de Débora Alfaia da Cunha e Cláudio Lopes de Freitas (2010).

selecionar os que seriam levados ao campo de estágio. Após algum tempo reunidos os grupos ficaram assim divididos:

Grupo 1: Acompanhe meus pés (Zaire): As crianças estão em um círculo. O líder canta e bate palmas. Ele para de cantar na frente de uma das crianças e realiza algum tipo de dança. Se a criança conseguir copiar os passos ela se torna o novo líder. Se não conseguir o líder escolhe outra criança e repete a dança. Como variação, a troca também pode ocorrer caso a criança escolhida erre o passo.

Grupo 2: Pegue a Cauda (Nigéria): Os jogadores se dividem em equipes. Cada equipe forma uma fila segurando pelo ombro ou cintura. O último jogador coloca um lenço no bolso ou no cinto. A primeira pessoa na linha comanda a equipe na perseguição e tenta pegar uma 'cauda' de outra equipe. Ganha quem pegar mais lenços. Se for apenas duas equipes ganha quem pegar primeiro.

Grupo 3: Saltando o feijão (Nigéria): Escolha um jogador para girar uma corda no chão. Este será o “balancador” e os outros jogadores formarão um círculo em torno dele. Este balança a corda perto do chão e os jogadores devem pular para não serem atingidos pela corda. Caso isto aconteça o jogador estará fora do jogo. O jogo continua até que haja apenas um jogador o qual será o vencedor.

Grupo 4: Pombo (Gana): Sete pedras são colocadas no chão. A criança escolhe uma pedra e joga para o ar. Enquanto a pedra está no ar, ela pega outra do monte (com a mesma mão) e depois pega a pedra que foi jogada para o ar antes de cair. Coloca as pedras de volta no chão. O jogador joga a pedra para o ar novamente. Desta vez, ele deve pegar duas pedras e depois pegar a pedra que foi lançada e assim sucessivamente. Se não conseguir passa a vez ao outro jogador.

Grupo 5: Terra-mar (Moçambique) - Uma longa reta deve ser riscada no chão. De um lado se escreve “Terra” e do outro “Mar”. No início todas as crianças podem ficar no lado da terra. Ao ouvirem: mar! Todos devem pular para o lado do mar. Ao ouvirem: terra! Pulam para o lado da terra. Quem pular para o lado errado sai. O último a permanecer sem errar vence.



Imagem 2 – Turma 2 e 1 na construção das práticas para o campo de estágio

4.3.3.4 Quarto encontro: Literatura Africana: a literatura infantil como instrumento de ludicidade e linguagem adequada ao imaginário infantil

a) Objetivos:

Reconhecer a importância da literatura oral para a cultura africana; Identificar os elementos dos contos africanos.

b) Descrição das atividades:

Esse encontro também contou com a participação do Professor Gabriel que foi convidado a voltar a fazer parte do projeto. Essa aula foi repensada a partir da dificuldade encontrada pelos alunos na leitura dos livros infantis. Assim precisei repensar as atividades com o intuito de preencher uma dificuldade encontrada no campo de pesquisa. Apesar de visivelmente não se identificarem com a temática da leitura, os alunos se mostraram atentos a explicação feita pelo professor convidado sobre Literatura. Gabriel procurou trazer para a sala de aula texto que chamassem a atenção dos alunos, despertando neles o gosto pela leitura, já que uma das turmas iria utilizar como recurso pedagógico, a contação de história. Foram realizadas produção de paródias dos poemas de Mia Couto. Os alunos demonstraram grande interesse inclusive pela obra do autor. Como processo de construção do conhecimento os alunos construíram um portfólio de contos africanos relacionados a cultura através de pesquisas realizadas com muita curiosidade e sentimento de representatividade apresentadas pelas turmas.

4.3.3.5 Quinto encontro: Influência da Cultura Africana no cotidiano: oficina de pintura com padronagem étnica

a) Objetivos:

Introduzir a produção artística, como construtora de “fazeres” e “saberes” na transmissão da cultura africana e afro-brasileira às gerações em formação.

b) Descrição das atividades:

Nesta etapa os alunos foram convidados a realizar uma oficina prática para produção em forma de pintura de uma bolsa de algodão cru. Assim a aula-oficina é um momento de diálogo teórico-prático. As turmas foram trabalhadas de forma individual. A aula ocorreu em dois momentos: na primeira etapa foi apresentado aos alunos em forma de slides o surgimento da arte Africana e a compreensão e aquisição das linguagens artísticas como: teatro, música, dança, desenho, escultura e pintura, tendo esta última servido de pano de fundo para a construção da oficina prática. A intenção da oficina é oferecer aos alunos um arcabouço teórico/prático para utilização, no futuro, em sala de aula de mais uma forma de abordagem sobre conteúdos africanos e afro-brasileiros, já que na educação infantil é comum o uso de formas artísticas como prática pedagógica. Sendo assim os alunos se mostraram extremamente felizes e participativos com a aula. A oficina decorreu de forma tranquila em ambas as turmas, os alunos não tiveram dificuldades em entender a proposta e seguiram o planejamento sem intercorrências.



Imagem 3 – Realização da oficina prática de pintura

4.3.3.6 Sexto encontro: A importância do professor na construção do autoestima da criança negra

a) Objetivos:

Entender a escola como espaço privilegiado na construção da identidade negra

b) Descrição das atividades:

O encontro aconteceu com as turmas separadas. A intenção da aula foi trabalhar através de uma roda de conversa sobre diversas formas de se abordar os conteúdos africanos e afro-brasileiros no espaço escolar. A atividade contou com a utilização de textos sobre personalidades africanas, trazendo para a conversa personalidades nas mais diversas áreas do conhecimento. Os alunos mais uma vez se mostraram surpresos com as produções apresentadas tais como: Frederick Jones inventor do ar condicionado ou John Standard inventor da geladeira, ambos negros. Assim a intenção foi trabalhar com os alunos a importância de levar referências positivas ao contexto escolar, despertando nas crianças sentimento de pertencimento. Os alunos demonstraram grande interesse participando ativamente das discussões propostas. A aula decorreu sem interferências e despertou curiosidade em todos.

4.3.3.7 Sétimo encontro: A fotografia como recurso pedagógico na construção da identidade x diversidade étnica

a) Objetivos:

Trabalhar a percepção de si mesmo, e a construção da identidade, utilizando como ferramenta a arte da fotografia.

b) Descrição das atividades:

Neste encontro as turmas foram trabalhadas em conjunto. A pesquisadora, conforme exposto na aula 1, já havia proposto a oficina de fotografia e os alunos mostraram bastante animados, no entanto os meninos se mostraram resistentes, tendo apenas um participado da oficina (as turmas ao todo possuem três meninos). A primeira pergunta dos alunos em relação as fotos foi

sobre se precisaria vestir roupas típicas, expliquei que as roupas utilizadas seriam aquelas que os alunos se sentissem à vontade. Os alunos a princípio não entenderam o objetivo da oficina assim expliquei que utilizaríamos a fotografia como ferramenta pedagógica, buscando privilegiar algo que muitos dos jovens tanto apreciam, a visualização e a observação da própria imagem, como por exemplo, as fotografias postadas no *facebook*, só que com uma abordagem metodológica de ensino e de aprendizagem, voltadas para a construção e valorização de identidades, uma vez que só quando conseguimos fazer isso com nos mesmos podemos fazer com o outro. Assim os alunos demonstram a todo momento euforia e alegria durante a participação na atividade, no entanto uma aluna se negou a participar. A atividade contou com a presença do Professor Anísio Pirozzi que foi o fotógrafo da atividade. Por ser reconhecido na cidade por sua atuação tanto como professor, tanto como fotógrafo, ambos pela excelência no trabalho desenvolvidos, os alunos se mostraram supervalorizados o que aumentou o entusiasmo na participação da oficina.



Imagem 4 – Durante a oficina de fotografia

4.3.3.8 Oitavo encontro: Organização e preparo da cenografia para o teatro

a) Objetivos:

Organizar e confeccionar a cenografia do teatro que será apresentado no campo do Estágio.

b) Descrição das atividades:

Neste momento o encontro foi utilizado para que os alunos pudessem construir o cenário e definir o figurino que seria utilizado em cada peça. As turmas foram trabalhadas juntas no pátio da escola, visto que o local é amplo e possibilitou espaço para alunos começaram a desenvolver a prática que será levada a campo. Boa parte da turma mostrou-se participativa, mas pude observar duas alunas negras ficaram tímidas e não participantes. A professora da turma conduziu os alunos na prática e todos participaram do ensaio para o teatro, bem como confeccionaram a parte cenográfica do teatro. Neste encontro fiquei observando os alunos e apenas fiz intervenções quando solicitada. Como a peça teatral da turma 2 falava de um reino na África os alunos questionaram sobre o figurino que deveriam utilizar. Neste momento fiz uma intervenção para explicar aos alunos sobre as possibilidades sobre o uso de roupas tradicionais ou não, onde os alunos optaram por não utilizar roupas tradicionais.

4.3.3.9 Nono encontro: “Compartilhando Experiências” apresentação do trabalho da disciplina de Estágio em Campo

a) Objetivos:

Demonstração na escola das práticas educacionais que serão apresentadas no campo do Estágio.

b) Descrição das atividades:

Neste momento os alunos participaram do “Compartilhando Experiências” esse é um momento criado pela escola onde os alunos apresentam para toda a comunidade escolar as práticas pedagógicas que pretendem levar, ou já levaram às escolas de educação infantil e primeiro segmento do ensino fundamental como atividade da disciplina de Estágio. Assim todas as turmas do Curso Normal participam apresentando suas experiências criadas em sala de aula e que serão ou foram realizadas no campo do estágio. A primeira turma a apresentar foi a Turma do 1º ano do Curso Normal que apresentou um Teatro sobre o Circo, com a temática sobre sentimentos. A segunda apresentação foi das turmas do 2º ano (turmas trabalhadas na presente pesquisa) onde apresentaram o teatro criado em sala de aula (Anexos 3 e 4). Os alunos estavam muito empolgados e bastante nervosos, no entanto foi nítida o orgulho em estarem apresentando algo com o qual se identificam, representando uma história sobre si mesmos. A apresentação decorreu com alguns atropelos, mas deixou evidente uma mudança de postura em relação a

temática. Como elemento surpresa os alunos da turma 1 trouxeram uma paródia com a música Trem-Bala de Ana Vilela, falando sobre consciência negra (Anexo 5).

A turma do 3º ano apresentou um teatro com a história da Emília (Sítio do Pica Pau Amarelo de Monteiro Lobato), e me chamou a atenção visto que todos os personagens tidos como “vilão” foram representados por alunos negros.



Imagem 5 – Apresentação do Teatro turma 2



Imagem 6 – Apresentação do Teatro turma 1



Imagem 7 – Alunos do 3º ano encenando o Teatro. Os dois personagens apresentados na história como vilões: Cuca e o Pirata

4.3.3.10 Decimo e Decimo primeiro encontro: Alunos no Campo de Estágio

a) Objetivos:

Apresentação nas escolas das práticas educacionais.

b) Descrição das atividades:

Neste momento não pude acompanhar as turmas no campo do estágio. A justificativa dada foi que, por não pertencer ao quadro de professores da escola não teria autorização para adentrar nas escolas acompanhando os alunos. Assim a professora da turma acompanhou os alunos para apresentação nas escolas. As turmas apresentaram as peças de Teatro e as oficinas de Contação de História e dos Jogos Tradicionais Africanos. Em relato a professora informou que os alunos foram muito bem recebidos e as crianças foram participativas e receptivas com as práticas apresentadas. No entanto o teatro realizado pela turma 2 chamou a atenção dos alunos que ficaram encantadas e maravilhadas com a história representada. Fácil perceber que provavelmente foi o primeiro contato dos “pequenos” com uma história com protagonismo negro e ainda que ainda trazem príncipes e princesas.

4.3.3.11 Décimo segundo encontro: Organização e Fechamento da disciplina de Estágio: avaliação da intervenção

a) Objetivos:

Realizar o fechamento da disciplina de estágio, bem como do presente projeto.

b) Descrição das atividades:

Esse último encontro foi utilizado para houvesse um momento de despedida dos alunos, bem como fosse possível realizar uma entrevista com os discentes em relação a participação no projeto. Neste momento nem todos os alunos compareceram, visto que as aulas obrigatórias já haviam acabado. A professora da turma providenciou no refeitório um momento de descontração com as duas turmas em conjunto. Agradei imensamente a participação de todos e, os alunos fizeram uma homenagem e declaram ter aprendido muito e que houve muitas mudanças internas. A escola providenciou ainda um lanche. Os alunos levaram as bolsas confeccionadas por eles na oficina de pintura para que fizéssemos uma exposição (nem todos os alunos levaram), entreguei aos alunos um CD com as fotos individuais resultado da Oficina de Fotografia para que pudessem levar e guardar como recordação. Os alunos se mostraram emotivos e a professora da turma chorou ao termino da atividade. Os alunos preencheram a entrevista ao final da atividade. Ainda como finalização da intervenção foi produzido um mural para que ficasse exposto na escola.



Imagem 8 – Encerramento do Projeto



Imagem 9 – Bolsas produzidas na Oficina de Artes



Imagem 10 – Painel produzido ao final do projeto

5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Os resultados foram apresentados segundo a estrutura proposta por André (2005), que os organiza sob três dimensões consideradas fundamentais para o tipo de metodologia utilizada neste trabalho (pesquisa-ação) apresentada anteriormente. A primeira dimensão considerou o ponto de vista da unidade escolar vista pelos professores do Curso Normal. A segunda dimensão tratou da cultura escolar representada na prática dos professores e também na cultura trazida pelo aluno. E a terceira dimensão tratou de analisar como os alunos se apropriaram da intervenção.

5.1 Olhares Iniciais, percepção sobre os professores do Curso Normal

Para verificarmos as impressões dos professores da escola pesquisada apresentamos abaixo as respostas em relação ao questionário aplicado antes da intervenção em sala de aula, buscando um panorama sobre seus conhecimentos e suas vivências na sala de aula, bem como a possível utilização de material didático em relação a Lei 10.639/03. Foram entrevistados 13 professores, das áreas Disciplinas Pedagógicas, Geografia, História, Sociologia e Filosofia, todos docentes do Curso Normal. Importante ressaltar que 3 professores não participaram da entrevista, sendo que 2 estavam de licença médica e 1 se recusou a participar. Não utilizamos nenhum tipo de análise neste primeiro momento das entrevistas, pois o que buscávamos ao realizá-las era uma análise sobre a aplicação da Lei 10.639/03 na escola pela ótica do professor.

Os professores foram divididos em 4 grupos de acordo com seus dias e horários de trabalho de forma não interferir no horário de trabalho dos entrevistados. A escola disponibilizou a sala de professores para que o preenchimento do questionário fosse realizado. Durante o preenchimento do questionário a entrevistadora procurou não fazer nenhum tipo de interferência, uma vez que o mesmo deveria ser preenchido com os conhecimentos prévios dos Professores. A ajuda da coordenação pedagógica foi de suma importância para que o trabalho pudesse ser realizado uma vez que os professores não demonstraram nenhum tipo de prazer em estar participando da pesquisa.

Assim os questionários foram respondidos em grupos conforme o horário dos professores nas escolas. Abaixo relato a percepção em relação aos grupos durante o preenchimento.

Grupo 1: o grupo se sentiu desconfortável em relação as perguntas não sabendo identificar a temática. Tentaram por diversas vezes lembrar algum evento que trabalhasse a os conteúdos da Lei 10.639/03 na escola. Uma entrevistada disse que algumas vezes fala em sala de aula sobre a importância do respeito; outra entrevistada alegou que no ano de 2018 ainda não foi tratada a temática, mas que acredita que ainda será, e que mesmo não trabalhando a lei especificamente, que a escravidão é sempre tratada em sala de aula. Mas todos afirmaram que desconhecem a lei.

Grupo 2: os entrevistados tiveram dificuldades em responder o questionário. Tentaram por diversas vezes justificar as abordagens da lei em projetos escolares e eventos isolados. Em relação a pergunta sobre cor, uma entrevistada se sentiu constrangida e perguntou o que eu achava que ela que ela deveria responder, nesse momento respondi que era uma pergunta de auto declaração.

Grupo 3: as perguntas sobre cor causaram desconforto no grupo. Em relação ao número da lei nenhum professor se lembrou a respeito da temática, aconteceu de o professor olhar ao final do questionário para se informar do que se tratava.

Grupo 4: os professores não demonstraram dificuldades em responder o questionário. Um dos professores disse desconhecer a lei ou alguma atividade desenvolvida pela escola para contemplação dos conteúdos trazidos pela própria lei. Um professor respondeu que se limitou alegar que aborda a temática em sala de aula através de debates sobre cotas.

Grupo 5: o grupo não demonstrou dificuldades em responder o questionário, no entanto se mostraram desinteressados e passaram a impressão de estar apenas cumprindo um pedido da direção da escola.

No primeiro momento foram colhidas informações sobre sexo, idade, formação e tempo na escola. Em um segundo momento foram tratadas perguntas pertinentes a temática do conhecimento e aplicação da Lei 10.639/03 na sala de aula.

No primeiro Gráfico pode-se observar que a maioria dos professores são do sexo feminino (62%), enquanto 38% são do sexo masculino.

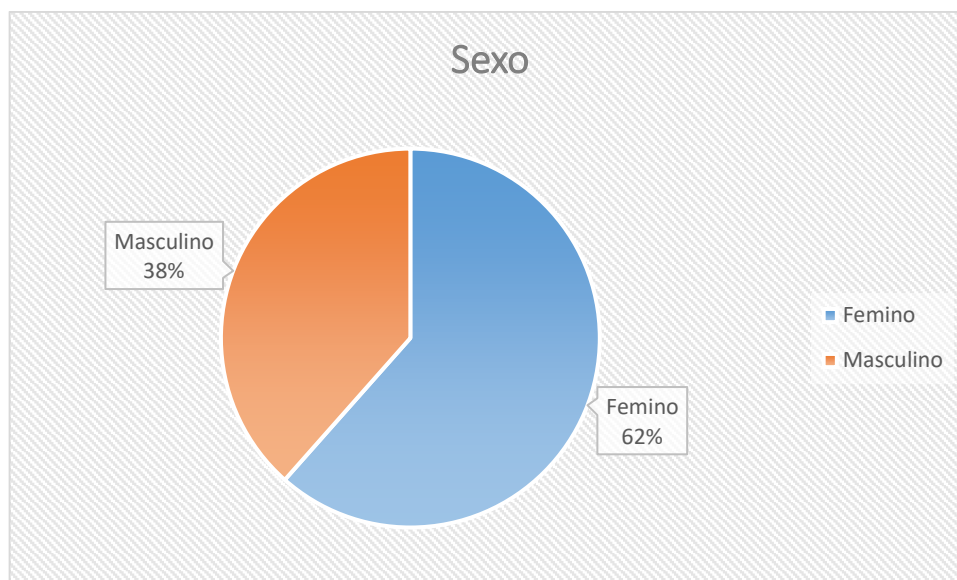


Gráfico 1 – Sexo dos docentes entrevistados

A segunda pergunta observou a idade dos participantes da pesquisa, tendo como resultado 38% de 25 a 35 anos, 31% de 35 a 45 anos e 31% de 45 a 60 anos, as demais faixas etárias não apresentam resultado.

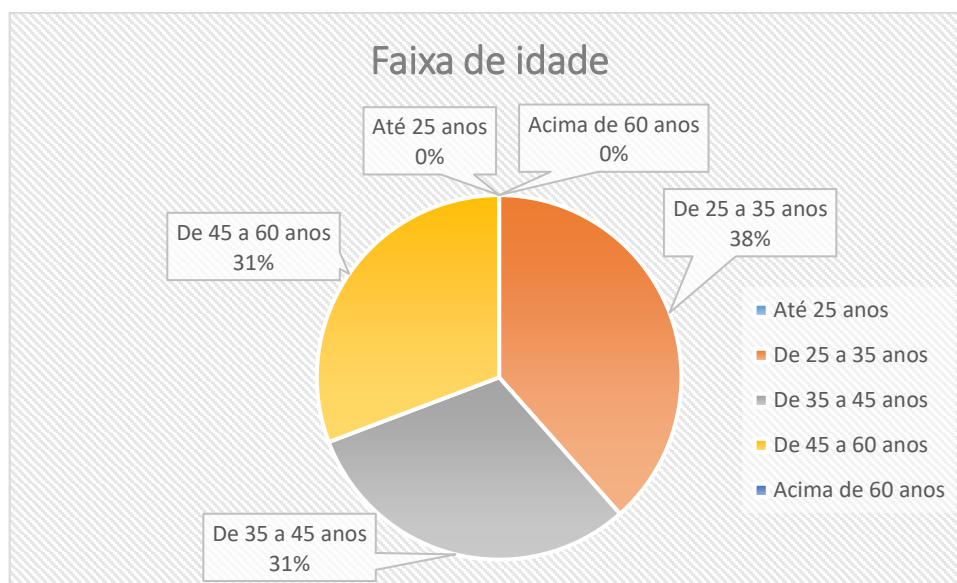


Gráfico 2 – Idade dos entrevistados

Em relação a cor/raça a maioria dos entrevistados se autodeclarou branca 84%, enquanto 8% se declaram negro e 8% pardo.

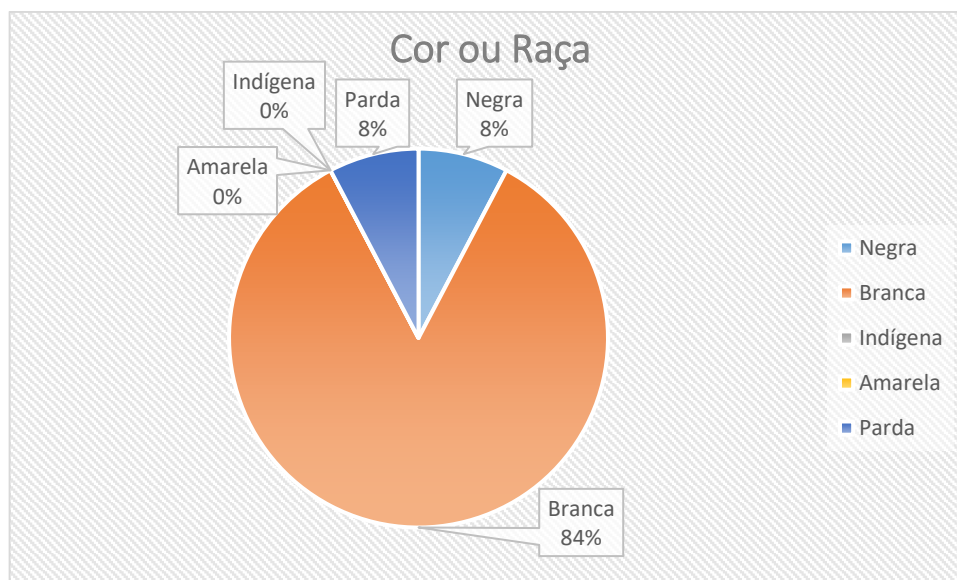


Gráfico 3 – Cor/Raça dos entrevistados

Com relação a formação 100% dos entrevistados declaram ter especialização em áreas diversas.

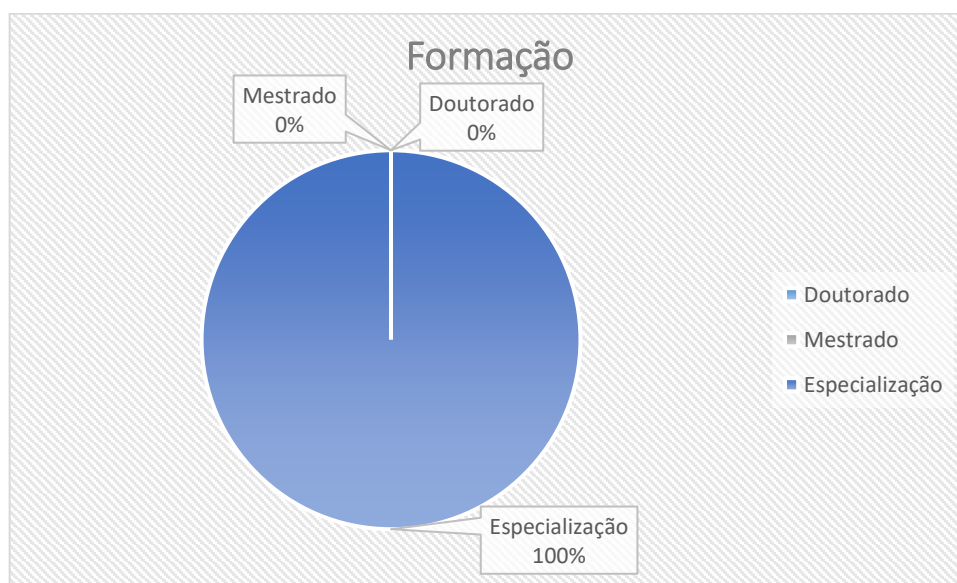


Gráfico 4 – Formação dos Entrevistados

Já em relação a área da formação continuada 31% declararam ter especialização em Gestão escolar, 23% em História, 8% em Alfabetização e Letramento, 8% em Fisiologia do Exercício, 8% em EAD, 8% em EJA, 7% em Educação Ambiental e 7% em Artes.

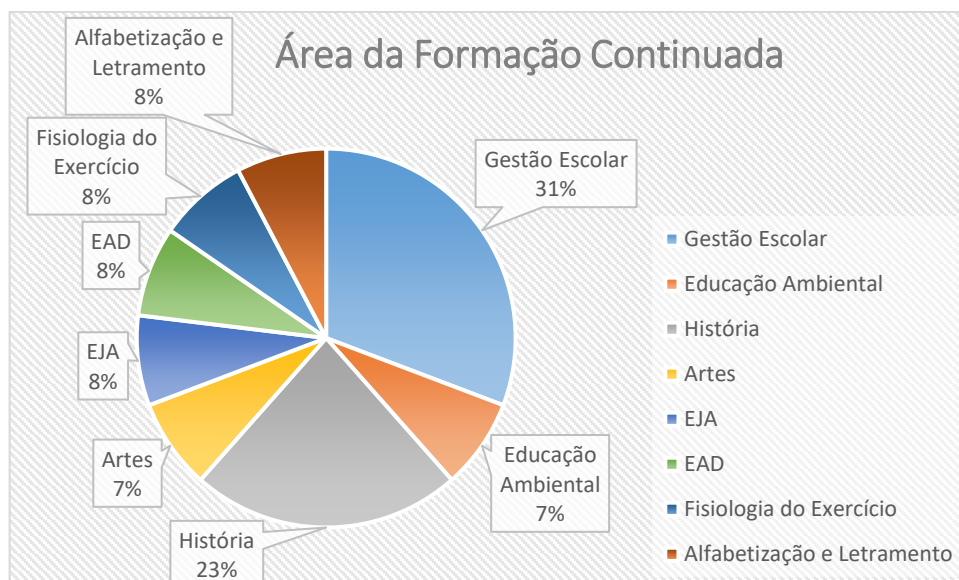


Gráfico 5 – Área do Curso de Especialização dos entrevistados

Com relação ao tempo de atuação na escola os entrevistados responderam que 39% tem entre 5 a 10 anos, 23% entre 1 e 3 anos, 23%, de 3 a 5 anos e 15% mais de 10 anos.

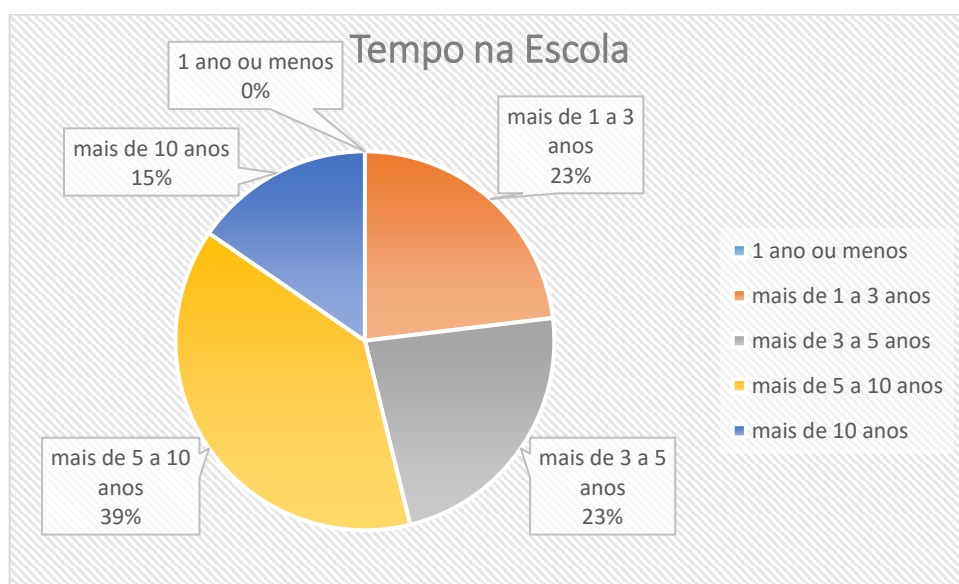


Gráfico 6 – Tempo de permanência na Escola

Em relação a disciplina que leciona 61% dos entrevistados responderam lecionar Disciplinas Pedagógicas, 15% História, 8% Geografia, 8% Sociologia e 8% Filosofia.

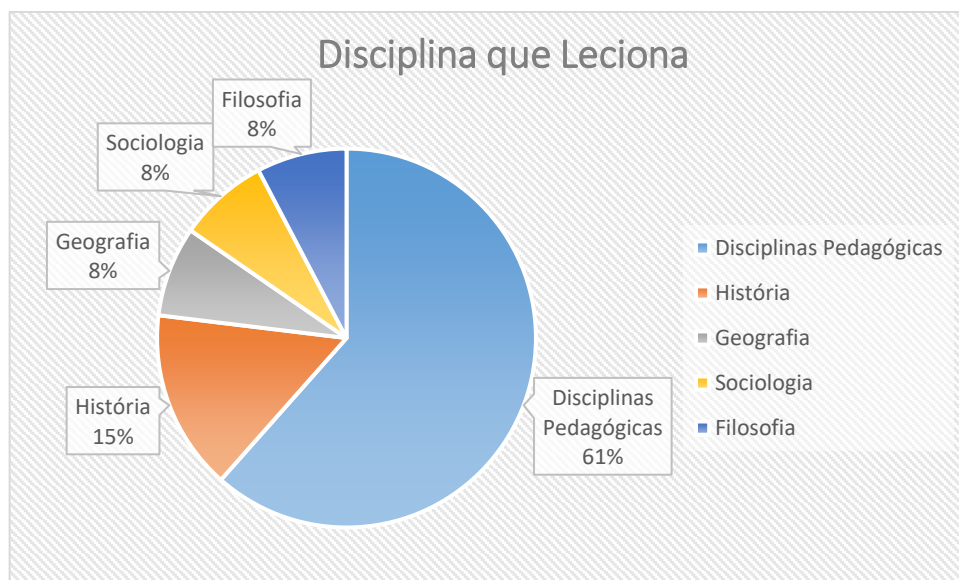


Gráfico 7 – Disciplina de Atuação dos Entrevistados

Em relação a presença de alunos Negros/Pardos em sala de aula 100% dos docentes entrevistados responderam afirmativamente.

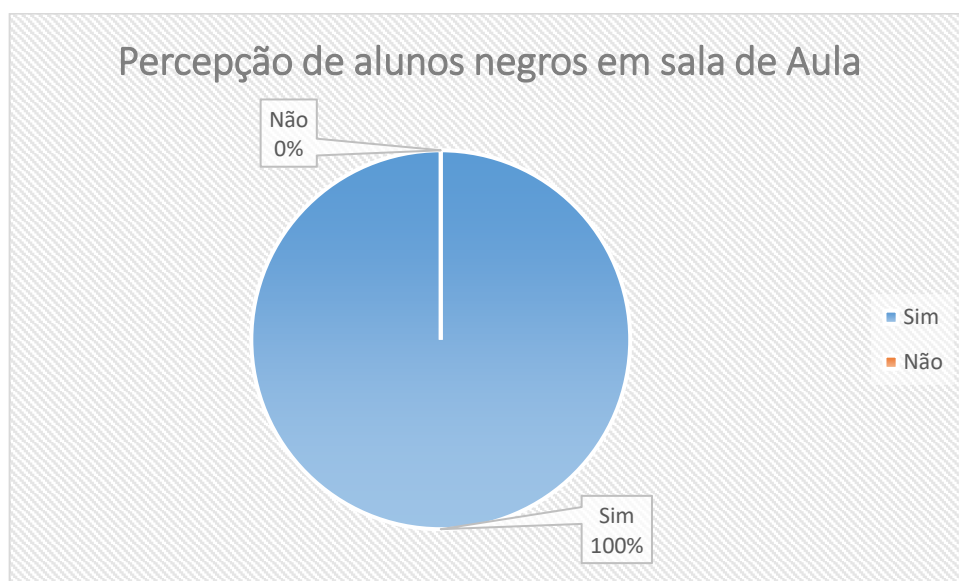


Gráfico 8 – Percepção sobre a presença de alunos Negros/Pardos em sala de aula, segundo a visão dos entrevistados

Em relação ao percentual de alunos Negros/Pardos em sala de aula 69% dos entrevistados responderam corresponder a mais de 50% da turma, enquanto 31% responder corresponder a menos de 50% da turma.

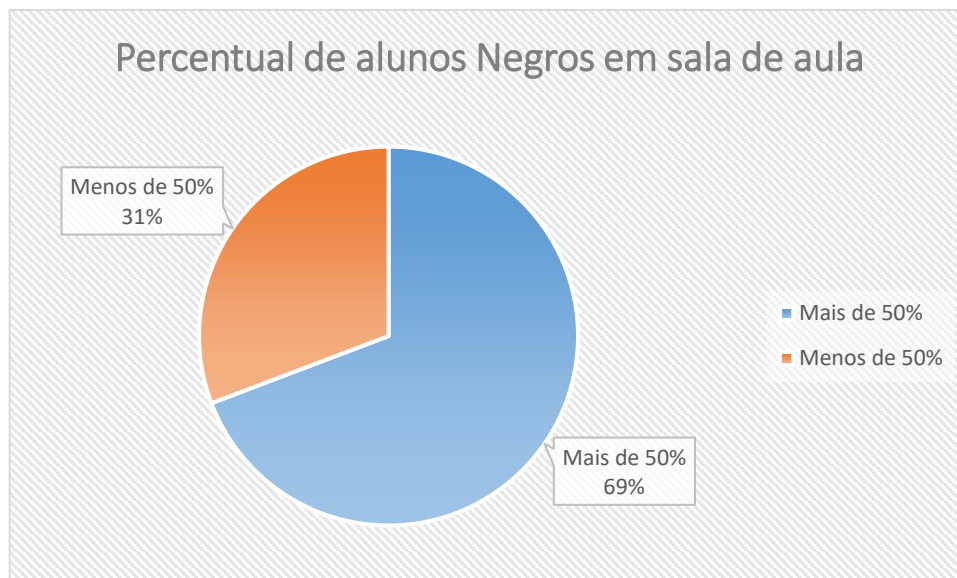


Gráfico 9 – Percepção do percentual de alunos Negros/Pardos em sala de aula pelos entrevistados

Em relação a presença de professores Negros na escola 100% dos entrevistados responderam afirmativamente.

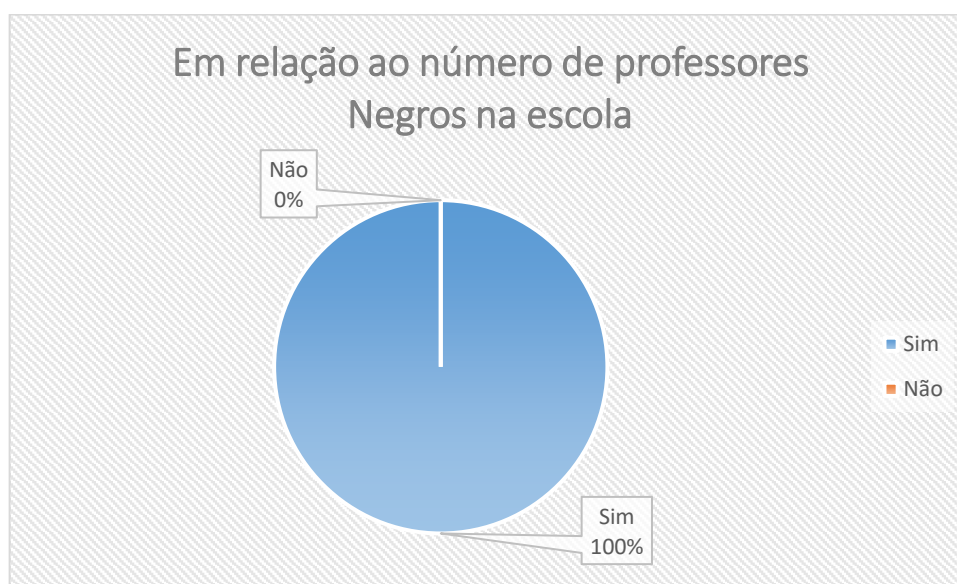


Gráfico 10 – Percepção sobre a presença de professores Negros na escola, segundo a visão dos entrevistados

Já em relação ao número de professores negros presentes na escola 100% dos entrevistados responderam ser entre 2 e 3.

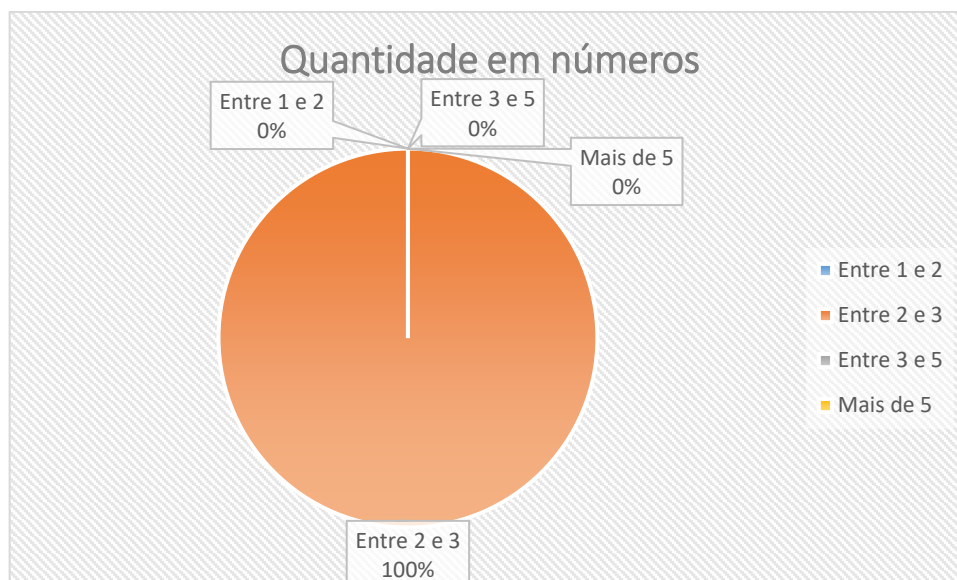


Gráfico 11 – Percepção sobre o número de professores Negros na escola, segundo a visão dos entrevistados

Em relação ao conhecimento dos entrevistados sobre a Lei 10.639/03, 69% dos entrevistados declaram ter conhecimento sobre a legislação e 31% alegaram desconhecer.

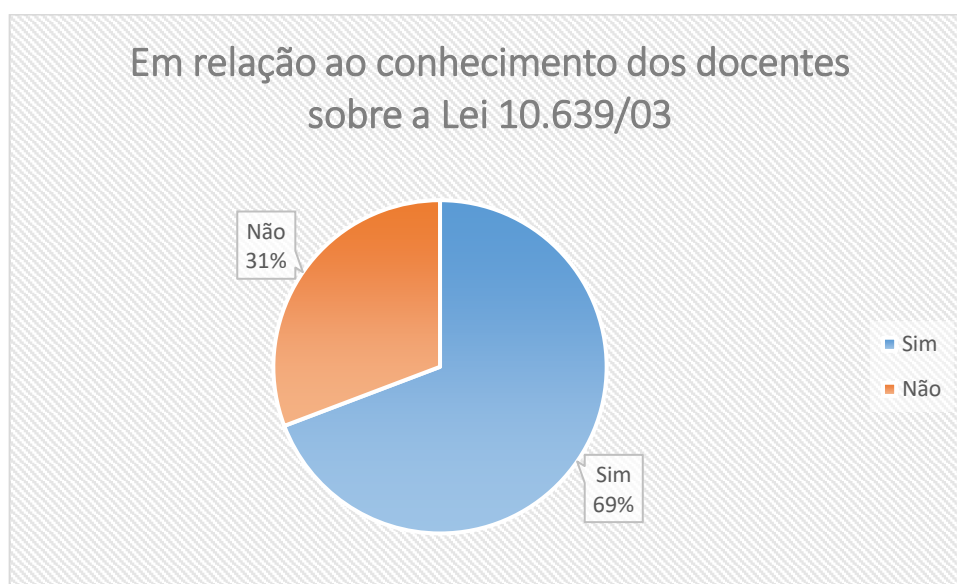


Gráfico 12 – Conhecimento dos entrevistados em relação a Lei 10.639/03

No Gráfico 13 os entrevistados foram indagados se consideram a 10.639/03 importante, neste 100% responderam considerar importante a legislação em questão.

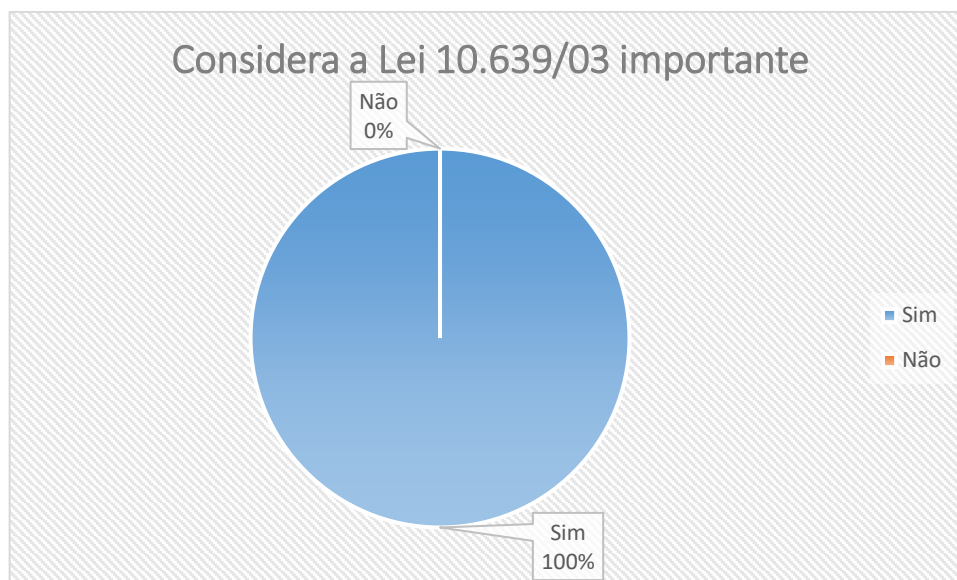


Gráfico 13 – Opinião dos entrevistados em relação a importância da Lei 10.639/03

No Gráfico 14 os entrevistados responderam se costumam trabalhar temáticas relacionadas a Lei 10.639/03 em sala de aula, onde 100% dos docentes responderam afirmativamente.



Gráfico 14 – Opinião dos entrevistados em a abordagem da Lei 10.639/03 em sala de aula

No Gráfico 15 os entrevistados foram perguntados se a escola oferece algum tipo de formação para trabalhar a Lei 10.639/03, sendo que 100% responderam negativamente.

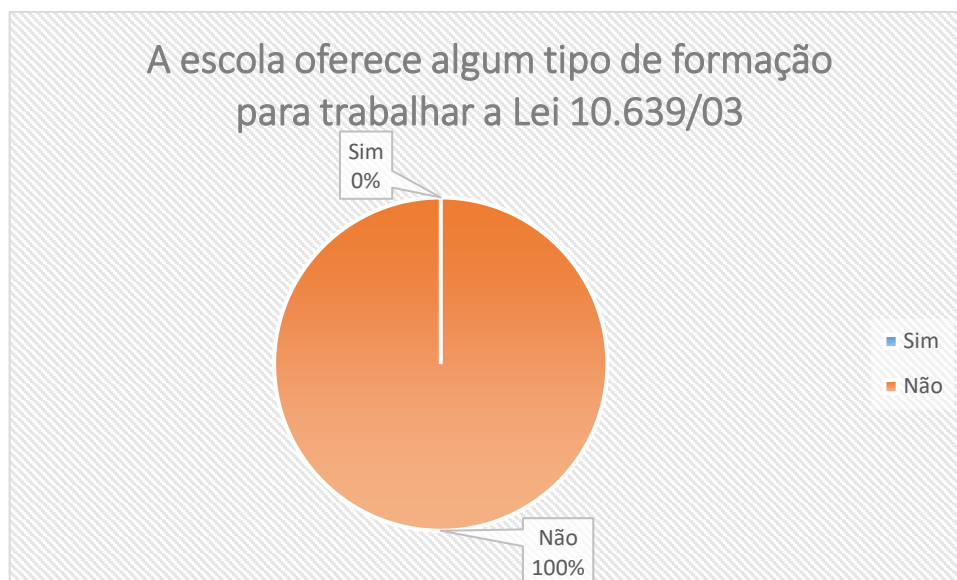


Gráfico 15 – Opinião dos entrevistados se a escola oferece alguma formação sobre a Lei 10.639/03

Em relação a disponibilização de material didático sobre a Lei 10.639/03, o Gráfico 16 demonstra que 77% dos entrevistados responderam negativamente e 23% positivamente.

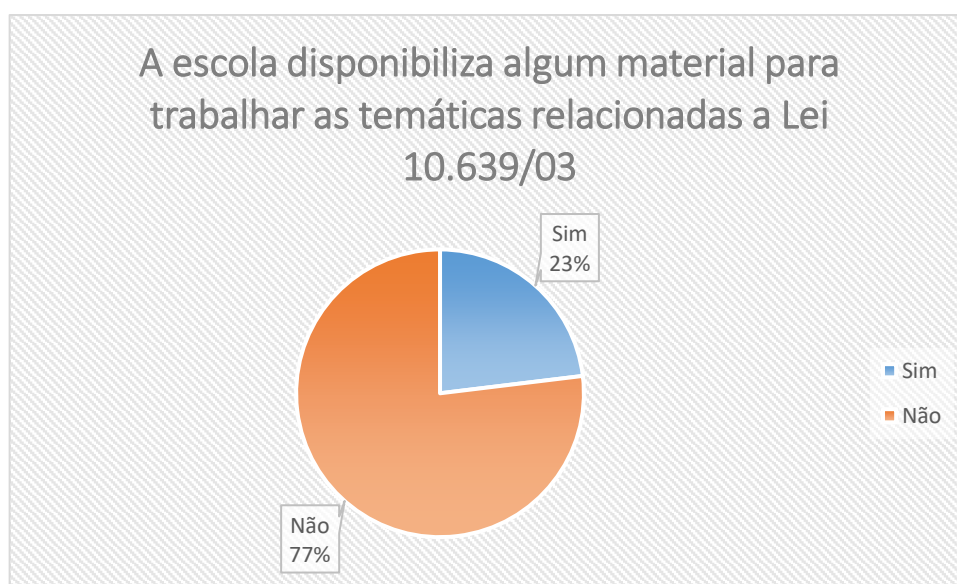


Gráfico 16 – Opinião dos entrevistados sobre se a escola disponibiliza algum material sobre a Lei 10.639/03

Já no Gráfico 17 os entrevistados responderam sobre o tipo de material oferecido pela escola, sendo que 50% declarou serem livros, 25% palestras e 25% não informou.

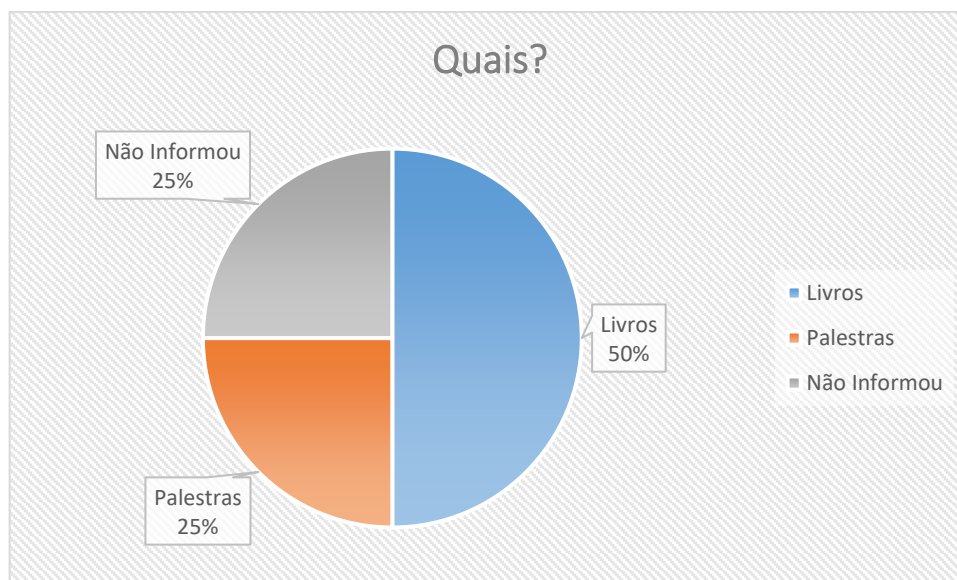


Gráfico 17 – Opinião dos entrevistados sobre que tipo de material sobre a Lei 10.639/03 a escola oferece

Quando perguntados se a escola desenvolve algum projeto ou trabalho que aborde a Lei 10.639/03, 54% dos entrevistados responderam que sim, enquanto 46% responderam não.

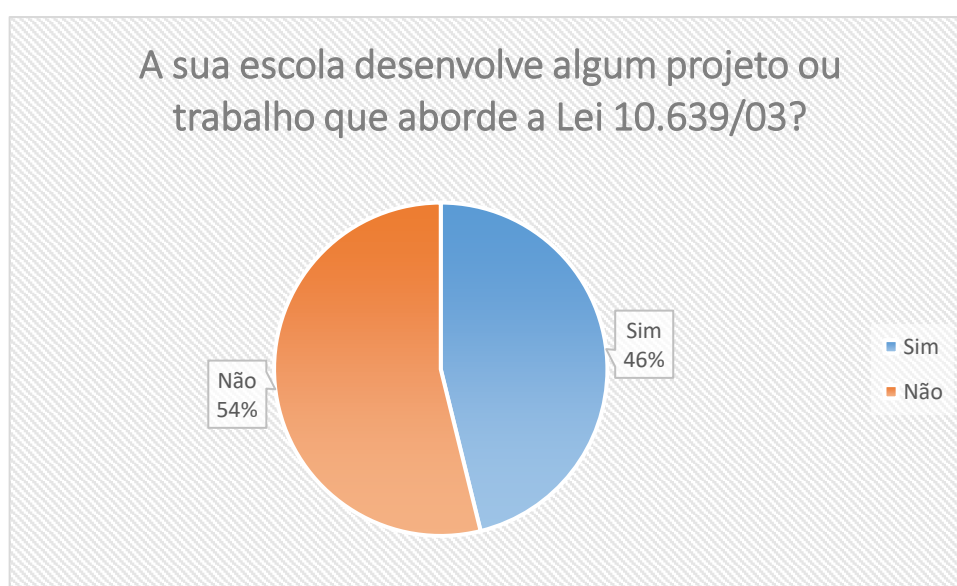


Gráfico 18 – Opinião dos entrevistados sobre se a escola oferece desenvolve algum projeto ou trabalho sobre a Lei 10.639/03

Quando perguntados quais seriam esses trabalhos desenvolvidos pela escola, 33% responderam ser através de festa folclórica, 33% através da disciplina em sala de aula, 17% nas apresentações culturais e 17% em projetos interdisciplinares.

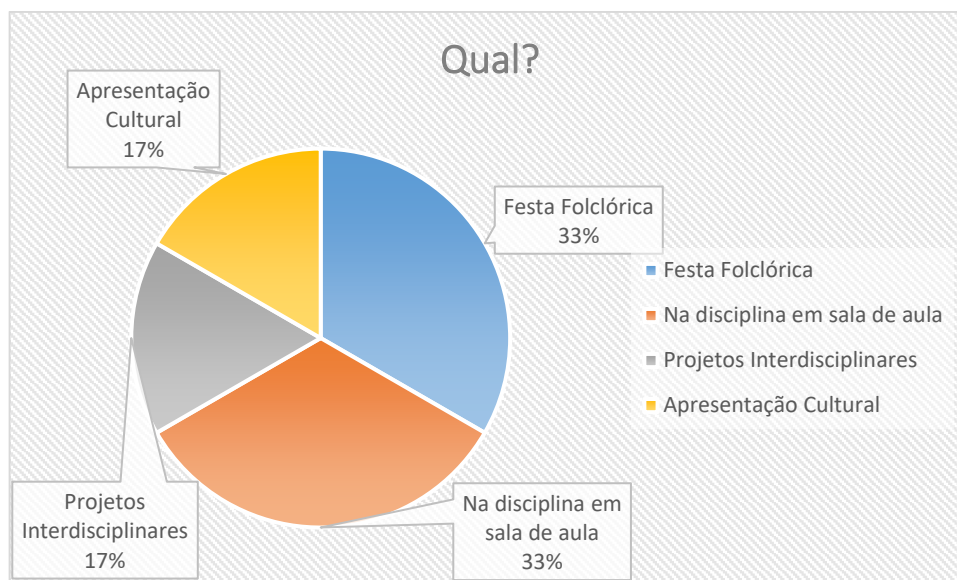


Gráfico 19 – Opinião dos entrevistados em relação ao tipo de atividade que aborda a Lei 10.639/03 na escola

Em relação a pergunta aberta de número 17 os professores deveriam responder se desenvolvem alguma prática pedagógica para atender a política de construção e valorização da cultura étnico-racial, prevista na lei 10.639/2003.

Em sua grande maioria os professores responderam de maneira generalista sem abordar de forma específica práticas pedagógicas que contemplem a inclusão de conteúdos africanos e afro-brasileiros nas aulas ministradas. Segue a transcrição das respostas dos professores a essa questão:

Quadro 2 – Respostas dos Professores em relação a questão aberta sobre práticas pedagógicas abordadas em sala de aula.

Professor 1	<i>“No ano anterior foi realizado um projeto com o teatro do livro Menina Bonita do Laço de Fita que percorreu escolas municipais”.</i>
Professor 2	<i>“Através de projetos interdisciplinares”.</i>
Professor 3	<i>“Não”</i>
Professor 4	<i>“Sim, sempre lembrando que somos um povo multiétnico, principalmente em filosofia”.</i>
Professor 5	<i>“A cultura étnica está inserida nas disciplinas de História e na de Cultura (em sociologia)”.</i>

Professor 6	<i>“Desenvolvo através de debates”.</i>
Professor 7	<i>“A prática que utilizo sempre no início do ano letivo é um vídeo onde mostra a miscigenação de nosso país e o legado que elas, cada cultura contribuiu, salientando o povo negro”.</i>
Professor 8	<i>“De maneira transversal sim. Especificamente depende do trabalho pedagógico proposto. Entretanto, mesmo se não for a temática geral, são questões que sempre entram em pauta”.</i>
Professor 9	<i>“O trabalho é desenvolvido de forma a propagar a importância, respeito às culturas diversas no contexto escolar e sociedade”.</i>
Professor 10	<i>“Trabalhos em grupos - debates – palestras”.</i>
Professor 11	<i>“Trabalho com várias questões relacionadas a valorização da cultura étnico-racial, história, influências e preconceito”.</i>
Professor 12	<i>“Sim. Através de projetos”.</i>
Professor 13	<i>“Em debates sobre ética e/ou moral, levanto comparações de estereótipos”.</i>

Na questão 18 foi proposto aos professores que respondessem sobre as contribuições que a Lei 10.639/2003 pode trazer no que diz à convivência e respeito às diferenças no ambiente escolar. Dos 13 entrevistados apenas 12 responderam à questão.

Quadro 3 – Respostas dos Professores em relação a questão aberta sobre as contribuições da Lei 10.639/2003 no ambiente escolar

Professor 1	<i>“Muito importante, pois valoriza as raízes e a diversidade racial e cultural do povo”.</i>
Professor 2	<i>“Sim. Respeito ao próximo e as diferenças”.</i>
Professor 3	<i>“O conhecimento da nossa cultura favorece o combate ao preconceito e ajuda na convivência e respeito às diferenças”.</i>

Professor 4	<i>“Sim, na questão onde racismo é crime. Este ponto “assusta” e inibe algumas posturas”.</i>
Professor 5	<i>“A lei amplia as matérias sobre cultura afro e indígenas contribui para nivelar o ensino, democratizando-o”.</i>
Professor 6	<i>“Sim. É um instrumento para desmistificar o continente africano e sua contribuição para a história do Brasil”.</i>
Professor 7	<i>“A lei é de suma importância para a convivência em sociedade e a mesma começa em pequenos grupos como a sala de aula é na sala, na família que eles aprendem a “conviver” com as diferenças, respeitando-as”.</i>
Professor 8	<i>“Em parte. Acredito que o conhecimento desmistifica muitas questões, mas ainda há preconceito dos outros meios sociais trazidos pelos alunos. O desafio é superá-los”.</i>
Professor 9	<i>“Na verdade, tem mudado a visão cultural sobre o negro nos dias de hoje, raro percebemos discriminação com os nossos alunos é trabalhado continuamente a cultura do respeito”.</i>
Professor 10	<i>“Sim”</i>
Professor 11	<i>“Sim, pois quando trabalhamos o assunto estamos desmistificando a temática e buscando o olhar crítico dos alunos”.</i>
Professor 12	<i>“Não”.</i>

5.2 Aprofundando o Campo de Pesquisa, percepção dos discentes do Curso Normal sobre a Lei 10.639/03 no contexto escolar

Nesse momento são apresentadas as impressões dos discentes participantes da pesquisa. Apresentamos abaixo as respostas em relação ao questionário aplicado antes da intervenção em sala de aula, buscando um panorama sobre suas percepções em relação a Lei 10.639/03 no contexto escolar.

O primeiro Gráfico mostra o resultado dos discentes em relação ao sexo, assim os 93% são do sexo feminino e 7% do sexo masculino.

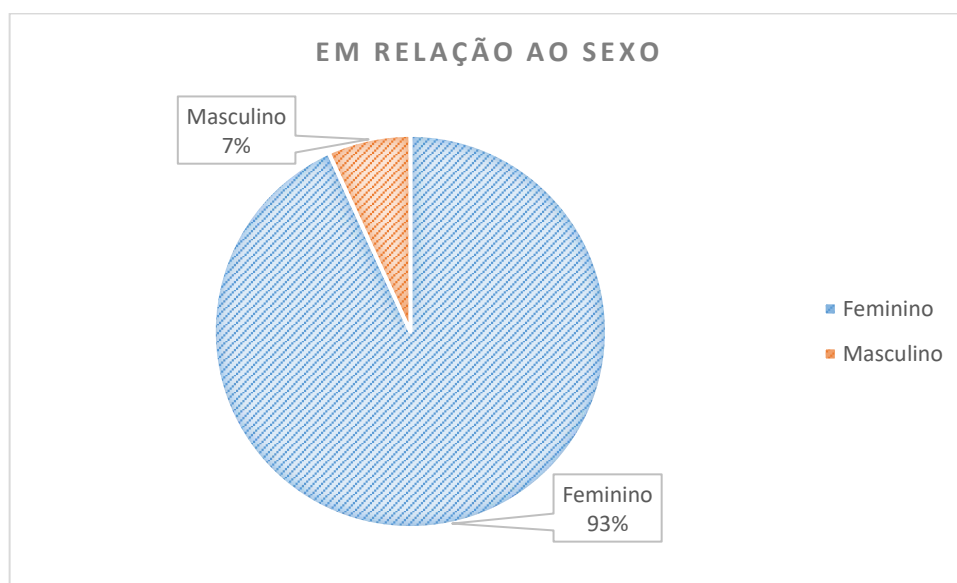


Gráfico 20 – Sexo dos discentes entrevistados

Dos 45 discentes 34% tem 16 anos, 32% 17 anos, 5% 18 anos, 2% 19 anos, 2% 20 anos, 2% 21 anos, 2% 24 anos, 2% 35 anos, 2% 49 anos e 12% dos discentes não responderam.

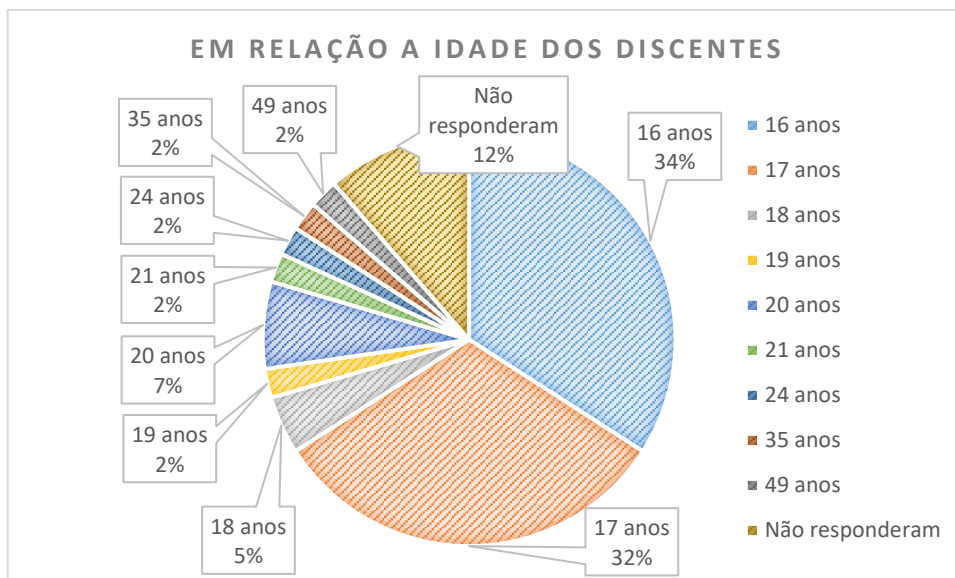


Gráfico 21 – Idade dos discentes

Em relação a pergunta sobre autodeclaração de cor a maioria dos discentes se autodeclararam pardos 34%, enquanto 32% se declararam branco, 23% negro, e 11% indígena.

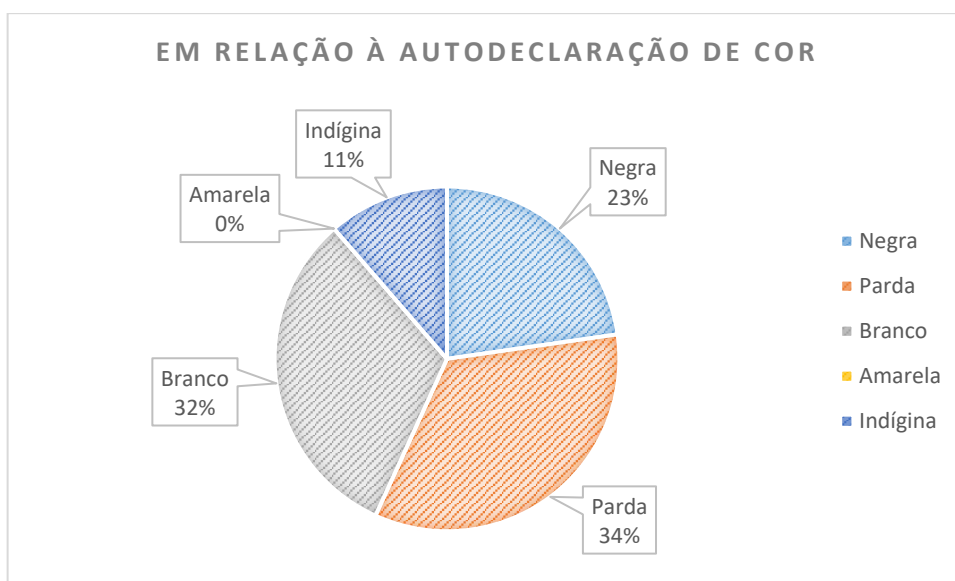


Gráfico 22 – Cor/Raça dos discentes

Quando perguntados se já presenciaram algum tipo de discriminação racial na escola 52% dos discentes responderam positivamente e 48% negativamente.

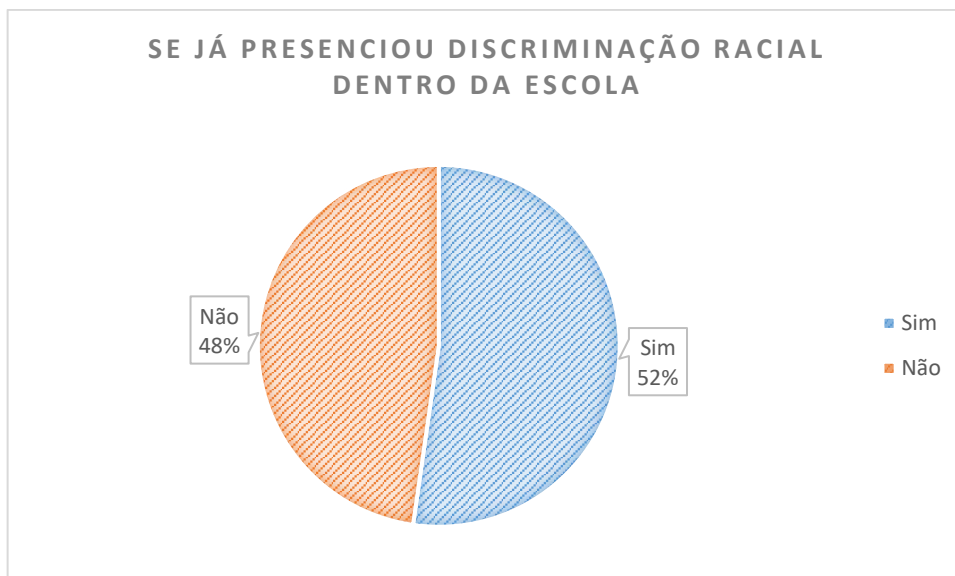


Gráfico 23 – Sobre a presença de discriminação racial dentro da escola

Nesta questão além da pergunta objetiva os alunos foram questionados em relação a quem já havia presenciado cenas de discriminação racial dentro da escola. Dentre os que responderam afirmativamente à pergunta a maioria referiu como protagonista das ofensas os próprios colegas de turma, tendo quatro alunos citado professores e funcionários da escola, como autores dos episódios. Ainda nesta questão, muitos não responderam em relação a quem presenciaram cenas de discriminação.

Os discentes foram questionados se já sofreram discriminação racial dentro da escola, tendo 89% respondido não e 11% sim.

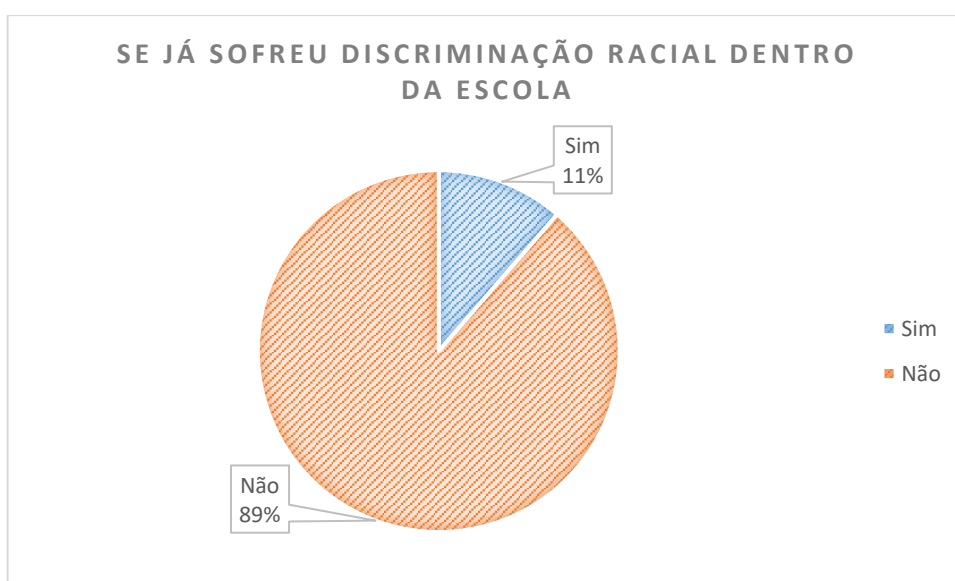


Gráfico 24 – Se já sofreu discriminação racial dentro da escola

Aqui também foi questionado aos alunos, quem foi o protagonista dos atos de discriminação, e novamente grande parte dos que responderam afirmativamente indicaram os próprios colegas de turma como autores, tendo ainda seis alunos citados professores e funcionários da escola, como autores dos episódios. Também muitos não responderam de quem sofreram discriminação.

Os discentes foram questionados sobre a presença de conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e africana na sala de aula, sendo que 84% responderam afirmativamente e 16% negativamente.

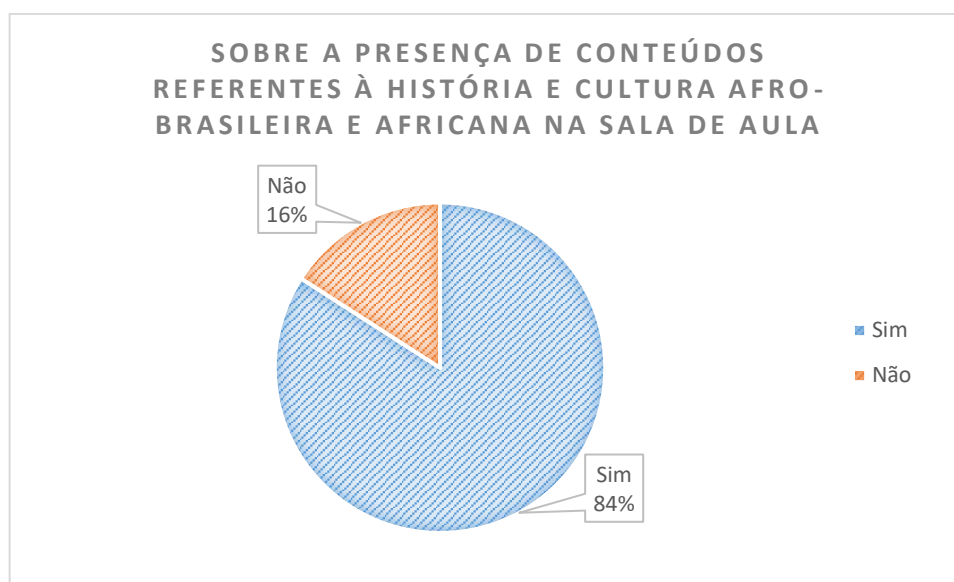


Gráfico 25 – Opinião dos discentes sobre a presença de conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e africana na sala de aula

No Gráfico 26 os discentes foram perguntados sobre a frequência que os conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e africana são tratados nas aulas. 34% respondeu alguma vez, 25% apenas em projetos escolares, 25% poucas vezes, 14% não é abordado e 2% constantemente.

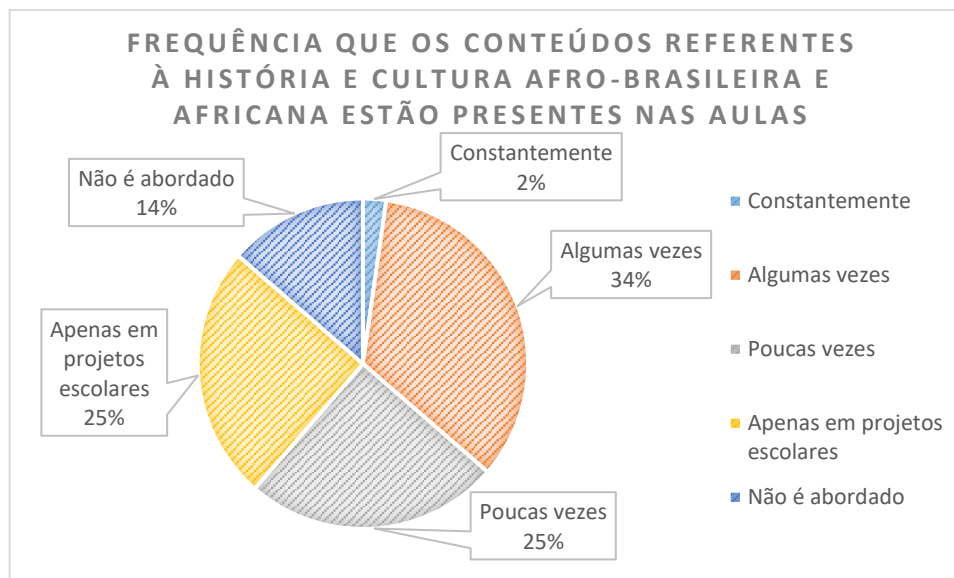


Gráfico 26 – Opinião dos discentes sobre a frequência que os conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e africana são abordados em sala de aula

Nesta questão os alunos foram novamente indagados, para citar um exemplo sobre a temática trabalhada em sala de aula, conforme demonstrado no quadro 4.

Quadro 4 – Respostas dos discentes em relação a questão aberta sobre a temática da Lei 10.639/2003 trabalhada em sala de aula

Aluno 1 <i>“Trabalho de escola no dia da consciência negra”</i>
Aluno 2 <i>“Trazer negros, mostrar capoeira, mencionar mais a cultura afro para os alunos”</i>
Aluno 3 <i>“Vimos um pouco durante um projeto”</i>
Aluno 4 <i>“Projeto Caldeirão com danças típicas culturais”</i>
Aluno 5 <i>“Como era a escravidão, de qual religião os escravos era”</i>
Aluno 6 <i>“Povos indígenas, história africana com relação a anos atrás”</i>
Aluno 7 <i>“Não lembro”</i>
Aluno 8 <i>“Teatro, músicas e danças sobre a cultura”</i>

Aluno 9 <i>“Na sala de aula trabalhamos a culinária africana”</i>
Aluno 10 <i>“Nas danças dos projetos, que se refere a dança afro”</i>
Aluno 11 <i>“Palestras e danças referentes a cultura afro”</i>
Aluno 12 <i>“Projetos, trabalhos”</i>
Aluno 13 <i>“Uma valorização a história e cultura afro-brasileira e africana”</i>
Aluno 14 <i>“Trabalhar a indiferença nem todo mundo é igual, mas todos devem ser respeitados”</i>
Aluno 15 <i>“Na aula de sociologia em 20/07 foi dividido grupos, cada um com um tema, estudando diversas culturas, entretanto comida, religião etc.”</i>
Aluno 16 <i>“Festas, teatros etc”</i>
Aluno 17 <i>“Fala sobre o assunto, a turma se reúne pra fazer peças, teatro e musical etc.”</i>
Aluno 18 <i>“Em projetos”</i>
Aluno 19 <i>“Ano passado sim, foi trabalhado”</i>

Ao analisar as respostas dadas, pode-se observar que em nenhum momento os alunos mencionam que os conteúdos de valorização da cultura africana são trabalhos no cotidiano escolar. São sempre citados como conteúdos abordados em projetos ou momentos específicos da práxis escolar.

Os discentes foram ainda indagados se consideram importante a abordagem sobre conteúdos referentes a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em sala de aula, tendo 100% respondido afirmativamente.

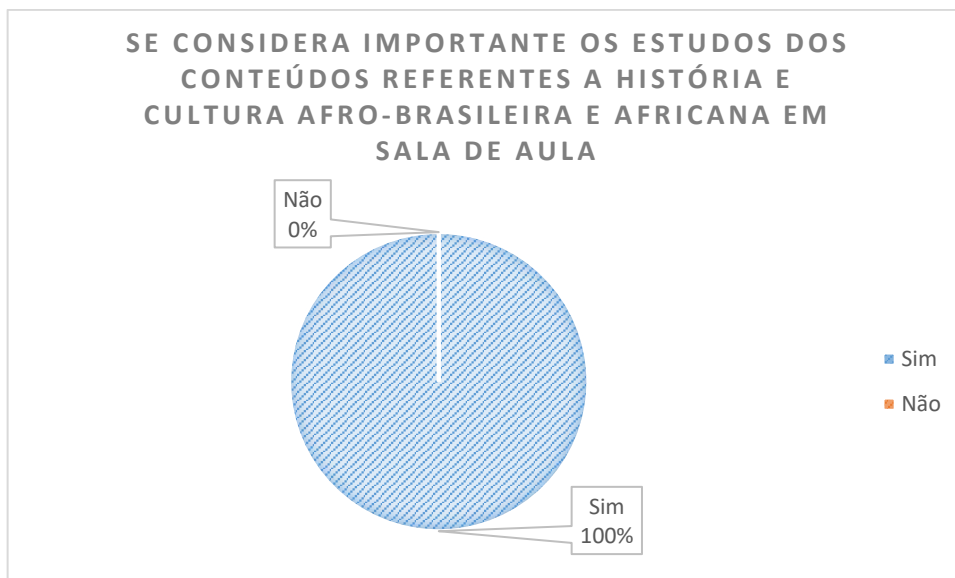


Gráfico 27 – Opinião dos discentes sobre a importância dos conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e africana sala de aula

Os discentes foram indagados se consideram importante o estudo de conteúdos referentes a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana para a construção de uma imagem positiva e valorizada do negro sobre si, sendo que 73% responderam considerar muito importante, 25% importante, 2% pouco importante.

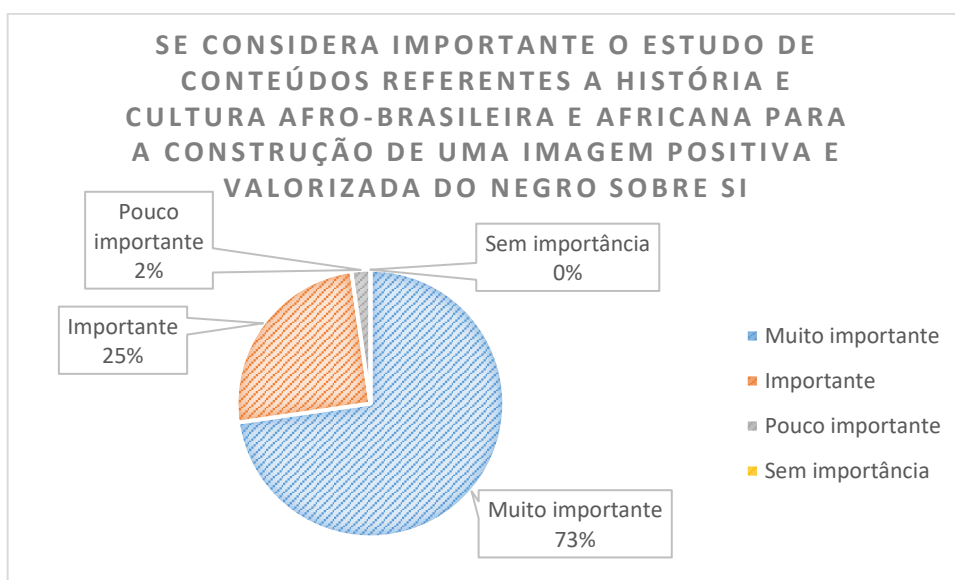


Gráfico 28 – Opinião dos discentes sobre a importância dos conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e africana sala de aula para a construção de uma imagem positiva

Os discentes responderam ainda se no material didático aparece conteúdos referentes a cultura africana e afro-brasileira, 66% responderam sim e 34% não.

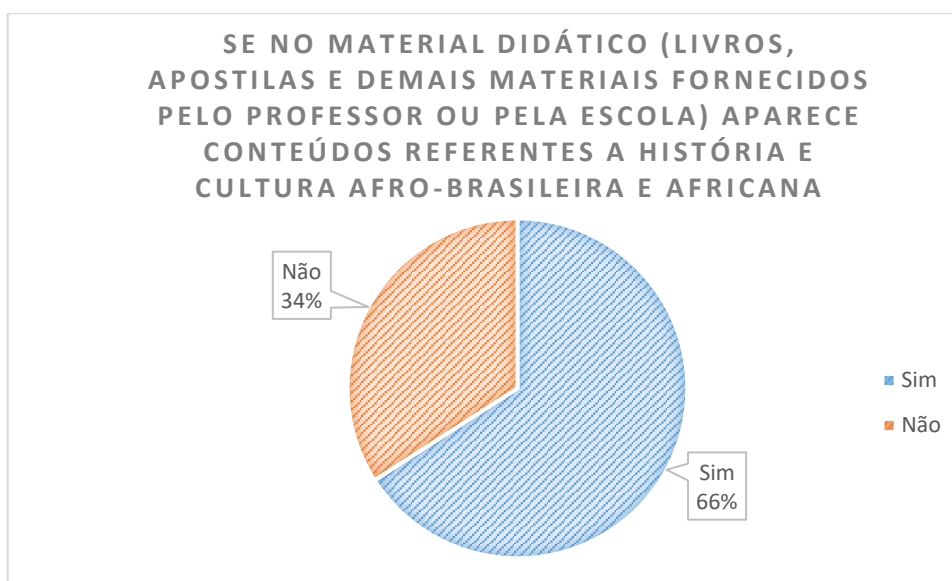


Gráfico 29 – Opinião dos discentes sobre a presença dos conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e africana no material didático

Questionados sobre a presença de conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e africana na escola onde cumprem estágio, 68% dos discentes responderam não ter e 32% informaram que sim.

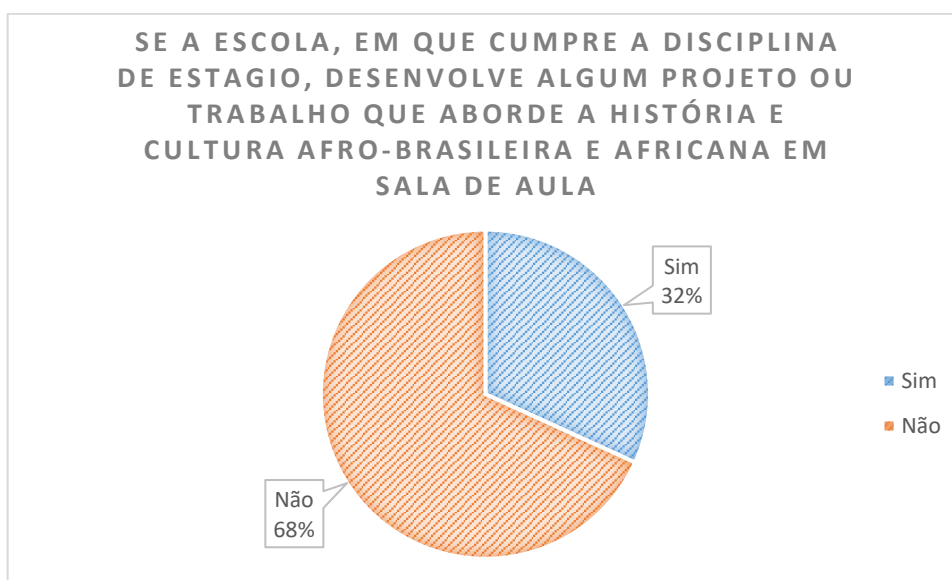


Gráfico 30 – Opinião dos discentes sobre a presença dos conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e africana na escola em que cumprem estágio

Aqui os discentes foram perguntados se receberam algum tipo de orientação para trabalhar temáticas relacionadas a história e cultura africana e afro-brasileira no estágio, 89% responderam que não e 11% sim.

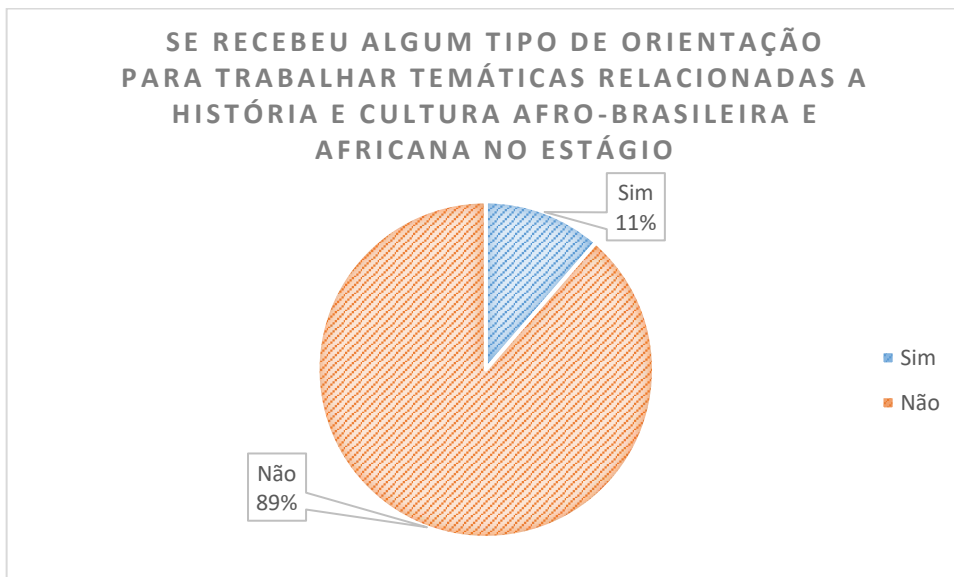


Gráfico 31 – Opinião dos discentes sobre a importância dos conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e africana sala de aula para a construção de uma imagem positiva

A questão tratou se a escola disponibiliza algum material para trabalhar temáticas relacionadas a história e cultura afro-brasileira e africana no campo do estágio, 82% dos discentes responderam sim e 18% não.

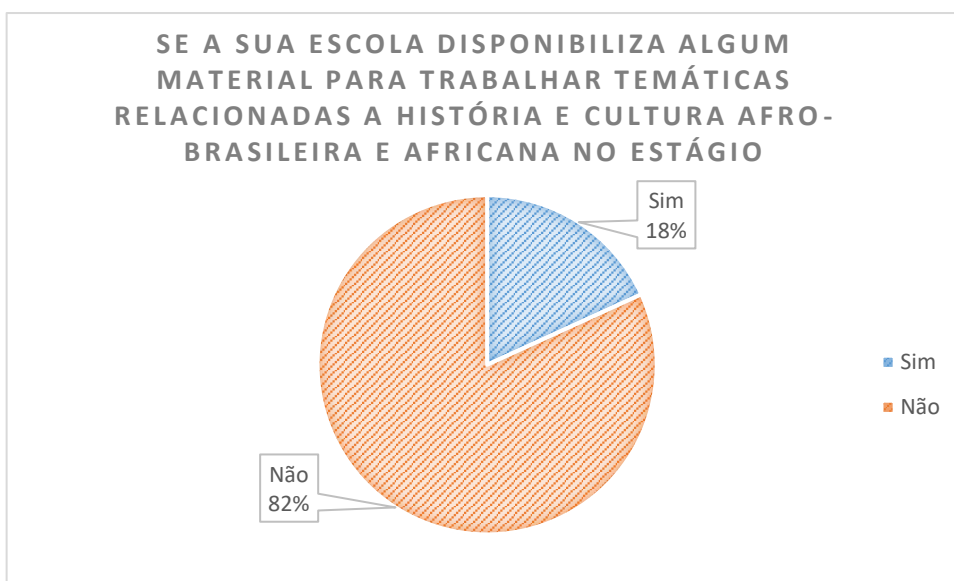


Gráfico 32 – Opinião dos discentes a disponibilidade de material para trabalhar temáticas relacionadas a história e cultura afro-brasileira e africana no campo do estágio

A seguir os discentes informaram sobre a percepção sobre o percentual de alunos negros/pardos nas escolas onde são desenvolvidas as práticas do estágio, 34% responderam se entre 15% e 25%, 29% responderam ser entre 25% e 50%, 23% dos discentes responderam ser entre 50% a 75% e por fim 14% dos discentes afirmaram ser mais de 75%.

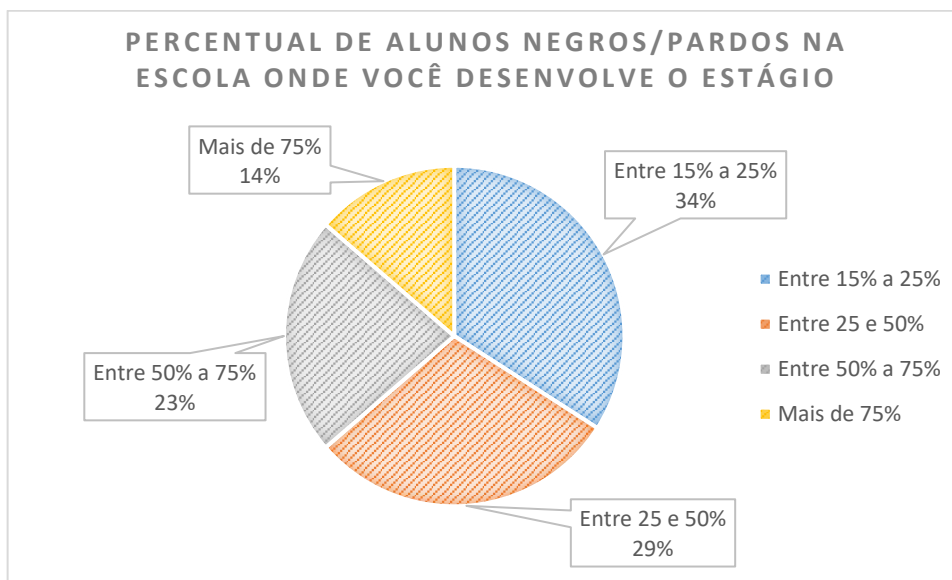


Gráfico 33 – Opinião dos discentes sobre o percentual de alunos negros/pardos no campo de estágio

Quando perguntados se consideram importante trabalhar temáticas relacionadas a história e cultura afro-brasileira e africana, 93% dos discentes responderam considerar importante e 7% responderam não considerar importante.

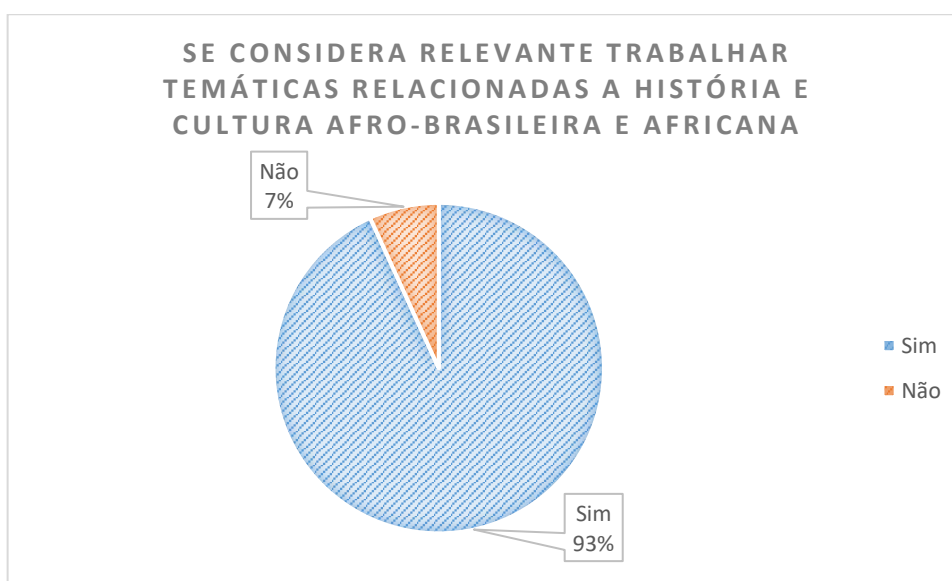


Gráfico 34 – Opinião dos discentes sobre a importância das temáticas relacionadas a história e cultura afro-brasileira e africana

5.3 Avaliando os resultados, visão sobre a apreensão dos discentes do Curso Normal sobre a intervenção

Conforme descrito anteriormente a avaliação ocorreu durante toda a pesquisa, assentada na relação teoria e prática. No entanto, ao final se fez necessário que o grupo de discentes avaliasse a intervenção, através de um relatório com roteiro preestabelecido, aspirando a necessidade de não só apresentar a “possível” transformação da realidade aos diretamente envolvidos, mas também de contribuir com o desenvolvimento na aplicação da Lei 10639/03.

Assim, abaixo, apresentamos as respostas relativas ao roteiro da avaliação apresentado aos alunos. Saliento que nem todos os alunos quiseram participar, tendo uma parte devolvido a entrevista em branco. Outros responderam parte da pesquisa, e outros ainda se limitaram a responder sim ou não.

Na primeira questão os alunos deveriam responder sobre sua visão em relação ao racismo hoje, e como participar do projeto trouxe mudanças e reflexões na sua visão a respeito desse tema.

Quadro 5 – Respostas dos discentes em relação a questão 1 da avaliação final

Aluno 1 <i>“O mundo de hoje está muito mudado, porém melhor que antes com visões futuras mais e participar do projeto ajudou ver que nem tudo é o que parece ser e que ainda tem racismo no mundo mesmo com tanta informação”.</i>
Aluno 2 <i>“Bem pouco trabalhado nas escolas. Porém quando chega o dia da consciência negra as escolas trabalham fazem projetos sobre o racismo porque também não existe o dia da consciência branca e o racismo só acabará quando passarmos a falar dele”.</i>
Aluno 3 <i>“Acredito que o racismo hoje não é um assunto que deveria ser tão falado. Afinal nem sempre todos vão aceitar o negro se aceita e se respeita os outros que se aguentam com o seu preconceito em pleno século 21 deveríamos nos preocupar com o planeta com a fome com as coisas que realmente causam Impacto direto na vida humana trouxe a reflexão que o próprio projeto já foi racista Afinal de certo modo senti que a cultura Negra estava sendo imposta para nós”.</i>
Aluno 4

“Meu pensamento a respeito desse tema tão polêmico mudou por completo creio que consiga ter um olhar mais maduro e um conceito mais diversificado participar do projeto me fez ver a vida com outros olhos me fez entender que existem coisas que vai além do nosso conhecimento e do nosso conceito individual”.

Aluno 5

“O racismo está cada vez mais frequente sim ampliou minha visão em relação ao tema me mostrou como está presente em todos nós”.

Aluno 6

“Ouvi o racismo como se não fosse tão presente então não precisava trabalhar tanto nessa cultura, agora percebo que é bastante presente em nossa sociedade e que é melhor forma de combater é conhecendo melhor essa cultura e quantas coisas boas os negros fizeram na formação do nosso país”.

Aluno 7

“Hoje o racismo é bem extenso podemos ver o quanto as pessoas estão cegas em relação ao negro como se ele fosse um bicho ou até mesmo algo intocável através do projeto podemos ver o quanto o negro fez parte da nossa história o índio e que devemos ter o devido respeito para tal”.

Aluno 8

“Penso que não devemos ser racistas com as pessoas, mas infelizmente nem todos pensam assim o projeto me ajudou muito me fez ver várias coisas da minha vida”.

Aluno 9

“Que o mundo está com a visão mais ampla sobre isso hoje em dia sim pois pude entender e aprender sobre a nossa cultura e que existe pessoas e que não aceitam isso”.

Aluno 10

“Continuo com a ideia de que o racismo não deveria existir somos todos filhos de Deus e isso não deveria existir repito porque é uma coisa feita contra a lei de Deus”.

Aluno 11

“O racismo existe sim, mas a melhor forma de lidar com ele trabalhando e expondo as coisas boas da cultura africana”.

Aluno 12

“Hoje tem um olhar diferente com certeza o projeto trouxe uma vontade de conhecer melhor nossa origem”.

Aluno 13

<i>“Hoje em dia as pessoas têm preconceito com tudo com a pele religião cabelo afro, mas as pessoas tentam dizer que somos todos iguais, mas não somos”.</i>
Aluno 14 <i>“Enfrentá-lo mostrando coisas positivas. Sim foi uma coisa que abriu um leque de ideias e conhecimentos”.</i>
Aluno 15 <i>“O racismo acontece porque as pessoas estão crescendo sem saber o valor dos negros sem saber a origem e a importância dos negros sim me abriu os olhos para a visão do tema”.</i>
Aluno 16 <i>“Aqui em pleno século 21 infelizmente ainda falamos disso eu já pensava a respeito do assunto”.</i>
Aluno 17 <i>“Está mais perto do que podemos imaginar pois em qualquer lugar que vamos e assim combater todos os dias com a nossa segurança em relação ao que somos sim trouxe várias experiências boas para todos nós”.</i>
Aluno 18 <i>“Temos que enfrentá-lo mostrando coisas positivas. Sim foi uma coisa que abriu um leque de ideias e conhecimentos”.</i>
Aluno 19 <i>“Hoje em dia o racismo mudou bastante a diversidade entre as pessoas têm respeito sim”.</i>
Aluno 20 <i>“Quantidade do racismo deveria diminuir deveríamos fazer um mundo melhor sim aprendemos bastante lidar com o racismo e ensinar as crianças”.</i>
Aluno 21 <i>“Em que o racismo é um assunto muito importante a ser abordado e que não deve ser escondido aprendi o respeito que devemos ter”.</i>
Aluno 22 <i>“É totalmente diferente de antes participar foi muito gratificante eu realmente vejo isso de uma forma diferente”.</i>
Aluno 23 <i>“O racismo tem sido cada vez mais frequente sim pois o crime e a visão sobre esse assunto”.</i>
Aluno 24

“Hoje eu vejo que devemos trabalhar essa questão desde a infância pois é muito importante a criança saber lidar com próximo sabendo que no fundo no fundo não a diferença que somos todos iguais cada um com seu jeitinho”.

Aluno 25

“Nunca tive preconceito com ninguém porque eu sei que somos iguais”.

Aluno 26

“O racismo para mim é uma coisa em que vemos todos os dias eu se ver algo tribo e tal o projeto me ajudou muito entender que eu sou bonita do meu jeito”.

Aluno 27

“Acho que não teve muita mudança pois sempre tive um pensamento consciente sobre o preconceito”.

Já na questão 2 a pergunta auferiu sobre a atividades realizadas, pedido que o aluno destacasse uma e o que ela significou.

Quadro 6 – Respostas dos discentes em relação a questão 2 da avaliação final

Aluno 1

“As fotos, pois, elas ressuscitaram amor próprio dentro de mim que nem eu mesmo poderia conhecer. Me senti mais feliz mais jovem e mais bonita também dentro de tudo que eu passo diariamente o ensaio fotográfico é algo que nunca esquecerei”.

Aluno 2

“Pintura das bolsas aprendi que qualquer pessoa desenhar pintar fazer a arte de expressar seus sentimentos e não se prender somente no ideal”.

Aluno 3

“As fotos, vai me ajudar a ver a vida de outra forma”.

Aluno 4

“Teatro mesmo podia entender a importância da aceitação e com isso retomei o uso dos meus cachinhos o que para mim está sendo algo incrível”.

Aluno 5

“A confecção da bolsa ela me mostrou como os desenhos e formas dessa cultura estão presentes em nossas vidas”.

Aluno 6

<p><i>“Os jogos que apresentamos para as crianças enfatizando a cultura e como surgiu essa brincadeira achei muito significativa pois mostramos para as crianças como os africanos foram importantes”.</i></p>
<p>Aluno 7</p> <p><i>“Gostaria de destacar o nosso teatro da turma CN 2002 a princesa Amira significou muito para mim e para minha turma porque trouxemos algo novo, mas que já vem de anos desde o continente africano temos de mostrar isso para as nossas crianças de uma forma mais dinâmica”.</i></p>
<p>Aluno 8</p> <p><i>“As fotos fizeram com que eu gostasse mais de mim mesma me sentir bonita do jeito que eu sou”.</i></p>
<p>Aluno 9</p> <p><i>O teatro, pois, ensinou que não precisa ter cabelo liso ou andar de cabelo preso para as pessoas te acharem bonita ou andar com uma sociedade pede para você ficar sou bonita cada um tem seu jeito não existe um modelo”.</i></p>
<p>Aluno 10</p> <p><i>“O teatro foi muito importante para mim pois me ensinou como as crianças precisam saber o quanto somos importantes independente da nossa cor credo ou raça”.</i></p>
<p>Aluno 11</p> <p><i>“Da confecção das bolsas foi muito bom criar uma coisa que vou usar”.</i></p>
<p>Aluno 12</p> <p><i>“As fotos nossa sessão de fotos foi mágica me fez ver o quanto tenho beleza”.</i></p>
<p>Aluno 13</p> <p><i>“Confecção de bolsa significou que os desenhos da África são lindos e de significado importante”.</i></p>
<p>Aluno 14</p> <p><i>“Fotos foi uma coisa que cada um podia ser você mesmo”.</i></p>
<p>Aluno 15</p> <p><i>“A bolsa com tema africano e o teatro mostrou um pouco da cultura africana”.</i></p>
<p>Aluno 16</p> <p><i>“Pois todos ajudaram e a turma se uniu”.</i></p>
<p>Aluno 17</p> <p><i>“Trabalhar com auto estima aprender a me amar independente de qualquer coisa”.</i></p>

Aluno 18 <i>“As fotos, pois, elas destacaram sempre a beleza que temos”.</i>
Aluno 19 <i>“O dia das fotos pois cada um podia ser você mesmo”.</i>
Aluno 20 <i>“O projeto das fotos pude enxergar o negro hoje em dia livre de preconceito”.</i>
Aluno 21 <i>“O teatro significou muito passando mensagens principalmente para as crianças”.</i>
Aluno 22 <i>“O teatro, pois, mostramos a importância e o respeito de suas origens pois mudando as crianças melhoramos nosso futuro”.</i>
Aluno 23 <i>“Eu não destacaria nenhuma pois eu gostei muito isso foi de grande aprendizado”.</i>
Aluno 24 <i>“Todas as atividades foram muito gratificante, mas eu destacaria atividade das bolsas confeccionadas”.</i>
Aluno 25 <i>“O teatro “Desventuras de uma Cacheada' significou muito para mim que é para se amar não importa a sua cor”.</i>
Aluno 26 <i>“Eu gostei muito do teatro pois defende as raízes de Dandara”.</i>
Aluno 27 <i>“Teatro, pois, uniu a turma e mostrou para as crianças algo que ensinou uma visão de princesas diferentes”.</i>
Aluno 28 <i>“Teatro “Desventuras de uma cacheada' foi uma apresentação incrível falando de uma menina de nome Dandara muito inteligente e ótima amiga o quanto e durante um tempo ela tentou mudar queria que fosse diferente, mas um dia no final de toda apresentação ela se amou do jeito que é e aprendeu que era linda e que cada um tem seu jeito”.</i>

Na questão 3 a pergunta questionou ao aluno se após a realização do projeto, qual o nível de importância que os estudos de conteúdos referentes a História e Cultura Afro-Brasileira

e Africana possuem para que os negros construam uma imagem positiva e valorizada sobre si. Em relação a essa pergunta as respostas foram:

Quadro 7 – Respostas dos discentes em relação a questão 3 da avaliação final

Aluno 1 <i>“Eu acredito que sim, não sou importante hoje, mas como sempre deve ter sido essencial não só para os negros mas para a sociedade como um todo”.</i>
Aluno 2 <i>“É muito importante trabalhar a história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas para que cada um saiba o valor que tem que respeitar o próximo”.</i>
Aluno 3 <i>“Já vejo os negros de forma positiva o projeto apenas alto afirmou o que penso”.</i>
Aluno 4 <i>“Depois de todas as experiências vivenciadas acredito que trabalhar conteúdos com temas tão pertinentes é de suma importância para o aprimoramento no que diz respeito aos negros em nosso país pois estes merecem receber valor”.</i>
Aluno 5 <i>“Ver o valor de sua cultura levantar auto estima mostrar como todos têm raízes africanas e é importante lembrá-las”.</i>
Aluno 6 <i>“Importantíssimo pois eu vi os negros de antigamente como escravos agora sei que para formar nossa sociedade eles foram de extrema importância isso tem que ser valorizado”.</i>
Aluno 7 <i>“Em primeiro lugar a autoestima em segundo lugar a autoconfiança e saber que ele tem o mesmo valor que qualquer outra pessoa”.</i>
Aluno 8 <i>“Acho muito importante trabalhar com esses temas fazendo com que os negros se sintam importantes na sociedade”.</i>
Aluno 9 <i>“O dia do negro não é só em novembro, mas sim todos os dias”.</i>
Aluno 10 <i>“Para mim é muito importante o projeto poderia ser passado em todas as escolas para que podemos saber nossa origem e cultura”.</i>

Aluno 11
<i>“É importante para que eles compreendam a importância da cultura e da história de sua origem”.</i>
Aluno 12
<i>“Um nível de prioridade”.</i>
Aluno 13
<i>“Mostrou para mim que se não fosse os negros nós não teríamos esse mundo melhor e fizeram memória e não podemos esquecer que eles sofreram na escravidão”.</i>
Aluno 14
<i>“É muito importante pois temos que passar isso adiante para, bom saber a importância que é essa Cultura”.</i>
Aluno 15
<i>“Mostra que os negros são importantes e fizeram as memórias do Brasil”.</i>
Aluno 16
<i>“Um nível elevado de importância”.</i>
Aluno 17
<i>“Mostrou que os negros são importantes”.</i>
Aluno 18
<i>“É bastante importante para que seja bem trabalhado a questão do negro no Brasil”.</i>
Aluno 19
<i>“Temos que passar isso adiante e cada um saber a importância dessa Cultura”.</i>
Aluno 20
<i>“O nível de importância hoje é bem elevado”.</i>
Aluno 21
<i>“Importante contar para todos a importância do negro em nossa Cultura a influência”.</i>
Aluno 22
<i>“Importância com certeza é enorme pois essa cultura está super ligada ao nosso dia a dia”.</i>
Aluno 23
<i>“Levantando a autoestima vendo o valor da sua cultura e amando a si próprio”.</i>
Aluno 24
<i>“Uma importância muito grande para os negros acredito que eles devem se sentir mais valorizados de uma certa forma saber que as outras pessoas não o vem diferentes”.</i>
Aluno 25

<i>“Muito importante pois se trabalharmos esse assunto com crianças e adolescentes podemos mudar”.</i>
Aluno 26 <i>“É bom para termos algo para falar sobre nossas raízes saber que temos o melhor sangue”.</i>
Aluno 27 <i>“Um nível muito alto”.</i>

Na questão 4 a indagação partiu sobre o campo de estágio do aluno interpelando sobre sua experiência e o que observou com os alunos em relação a temática desenvolvida.

Quadro 8 – Respostas dos discentes em relação a questão 4 da avaliação final

Aluno 1 <i>“Eles se Sentiram dentro da história e aprovaram conta a cotação e entenderam que devemos sempre respeitar os outros independentemente da cor origem ou religião. ”</i>
Aluno 2 <i>“Alguns eram tímidos não brincaram muito, porém em geral eles gostaram muito e participaram das brincadeiras”.</i>
Aluno 3 <i>“Eles entenderam o teatro e o que estava sendo passado”.</i>
Aluno 4 <i>“De uma forma geral ficaram muito envolvidos e estimulados o brilho nos olhos de cada um e a interação que esses tinham a respeito das atividades elaboradas”.</i>
Aluno 5 <i>“Eles desenvolveram várias experiências sobre o tema a importância do respeito ao próximo”.</i>
Aluno 6 <i>“Vi os alunos com cabelos cacheados se sentindo lindos e super animados com teatro e os jogos”.</i>
Aluno 7 <i>“Eu pude ver uma certa emoção em relação ao projeto desenvolvido e uma abertura de conceitos por que as pessoas têm um certo preconceito”.</i>
Aluno 8

<i>“A temática foi muito pouco desenvolvida”.</i>
Aluno 9 <i>“Que as escolas só falam de negro em novembro e não se preocupa com os mesmos antes ou depois de novembro”.</i>
Aluno 10 <i>“Eles prestaram bastante atenção e acredito que aprenderam através da lição de vida de nosso povo que no passado foi tão prejudicado”.</i>
Aluno 11 <i>“Se identificaram com a personagem do teatro e aprenderam que cada um tem suas características”.</i>
Aluno 12 <i>“O encantamento deles ao ver as histórias ouvir tudo o brilho nos olhos deles”.</i>
Aluno 13 <i>“Os alunos ficaram muito felizes pois é o primeiro teatro negro e os alunos participaram as meninas ficaram surpreendidos porque tinha uma princesa negra no teatro e chamava-se Amira”.</i>
Aluno 14 <i>“Que todo mundo deu o melhor de si”.</i>
Aluno 15 <i>“Poucos sabem a importância dos negros pois os alunos estão acostumados a falar do negro somente sobre o preconceito e não sabe a importância do negro”.</i>
Aluno 16 <i>“Que eles ficaram surpreendidos com o assunto”.</i>
Aluno 17 <i>“Eles gostaram”.</i>
Aluno 18 <i>“Todos deram o melhor para poder realizar as atividades”.</i>
Aluno 19 <i>“Que todos participaram”.</i>
Aluno 20 <i>“Tive uma experiência muito boa espero aprender ainda mais”.</i>
Aluno 21 <i>“Que estávamos cada um dando o melhor de si”.</i>

Aluno 22 <i>“Eles receberam muito bem o tema”.</i>
Aluno 23 <i>“Eles gostaram muito de ver isso na carinha deles esse tipo de conteúdo agradou muito as crianças”.</i>
Aluno 24 <i>“Eles ficaram ENCANTADOS felizes desenvolveram uma imagem positiva sobre a sua cultura”.</i>
Aluno 25 <i>“Até que não percebi esse tipo de problema não vejo dificuldade em trabalhar com isso”.</i>
Aluno 26 <i>“Que eles se divertiram muito”.</i>
Aluno 27 <i>“Não”.</i>

Na questão 5, o intuito foi questionar se o aluno acredita que construir uma imagem positiva sobre o continente Africano e sobre o povo africano pode contribuir para a democracia racial.

Quadro 9 – Respostas dos discentes em relação a questão 5 da avaliação final

Aluno 1 <i>“Claro que sim pois a África é como outro país qualquer tem suas preciosidades, como os outros países também tem seus defeitos”.</i>
Aluno 2 <i>“Sim pois em cada um de nós existe um pequeno preconceito e com certeza trabalhar esse tema é essencial para que cada um saiba não só sua origem, mas que somos diferentes por fora igual por dentro”.</i>
Aluno 3 <i>“Sim”.</i>
Aluno 4 <i>“Sim com certeza o continente africano é muito próspero e possui pessoas lindas não devemos continuar aceitando a ideia de que tudo lá é ruim porque essa não é a verdade”.</i>
Aluno 5

<i>“Sim”.</i>
Aluno 6 <i>“Com certeza”.</i>
Aluno 7 <i>“Sim com toda a certeza”.</i>
Aluno 8 <i>“Sim pois melhoraria a quantidade de pessoas racistas”.</i>
Aluno 9 <i>“A temática africana nos influencia todos os dias de nossa vida as pessoas à nossa volta e temos que do jeito que somos e não dar ouvidos às outras pessoas”.</i>
Aluno 10 <i>“Sim porque temos que incentivar nosso povo e incentivar o país e Raça desse povo tão sofrido no passado”.</i>
Aluno 11 <i>“Sim”.</i>
Aluno 12 <i>“Esse projeto foi um divisor de águas para mim ele me fez ver a importância do negro que está dentro de mim eu aprendi a me amar muito mais hoje que ontem”.</i>
Aluno 13 <i>“Sim porque eles conhecerão a história dos negros e irão perceber que o racismo é burrice”.</i>
Aluno 14 <i>“Sim”.</i>
Aluno 15 <i>“Sim”.</i>
Aluno 16 <i>“Sim”.</i>
Aluno 17 <i>“Sim trabalhando isso na sala de aula”.</i>
Aluno 18 <i>“Claro sempre é bom trabalhar a questão dos negros no Brasil”.</i>
Aluno 19 <i>“Sim”.</i>

Aluno 20 <i>“Pode”.</i>
Aluno 21 <i>“Sim com certeza”.</i>
Aluno 22 <i>“Sim pois assim eles vão saber os valores deles vão ver que eles têm raízes”.</i>
Aluno 23 <i>“Acredito que se as pessoas olharem para esses tipos de problemas raciais e eles procurarem jeito uma solução para esses problemas quando acontecerem”.</i>
Aluno 24 <i>“Sim que podemos aprender mais sobre sua cultura”.</i>
Aluno 25 <i>“Sim pois todo mundo vive postando fotos nas redes sociais sobre a África e nem procura a verdadeira realidade do povo africano”.</i>

Já na questão de número 6 os alunos responderam se houve alguma mudança neles mesmos após participar da intervenção pedagógica.

Quadro 10 – Respostas dos discentes em relação a questão 6 da avaliação final

Aluno 1 <i>“Me ajudou a ver o mundo com outros olhos com formas mais claras e bonitas sem discriminação”.</i>
Aluno 2 <i>“Hoje percebo que tenho que ser aquilo que quero não me importar com o que pensam”.</i>
Aluno 3 <i>“A minha maneira de pensar o meu conceito sobre beleza e principalmente a minha visão referente ao mundo”.</i>
Aluno 4 <i>“Minha visão sobre a cultura africana”.</i>
Aluno 5 <i>“Mudou meu pensamento sobre como combater o racismo mudou tudo”.</i>
Aluno 6

<i>“Eu pude abrir meus olhos sobre temas que eu não sabia em relação a história africana”.</i>
Aluno 7 <i>“Melhorou alguns modos de pensar”.</i>
Aluno 8 <i>“Mudou que consigo ver o mundo com outros olhos e a cor da pele não influencia em nada”.</i>
Aluno 9 <i>“Não mudou porque eu penso que nosso povo merece respeito e eu já pensava que teríamos que fazer teatro nas escolas e incentivar nosso povo africano com cultura e artes”.</i>
Aluno 10 <i>“Comecei a perceber mais a cultura africana e achá-la mais bonita”.</i>
Aluno 11 <i>“Muita coisa a principal é acreditar mais em mim que sou capaz”.</i>
Aluno 12 <i>“Eu reconheci a importância que a pele negra tem entre nós”.</i>
Aluno 13 <i>“Mudou muito na forma de pensar de agir no aprendizado e gostei muito de conhecer essa Cultura”.</i>
Aluno 14 <i>“Mudou muito minha forma de pensar”.</i>
Aluno 15 <i>“Que eu adquirir mais conhecimento e aprendizado sobre a cultura”.</i>
Aluno 16 <i>“Várias coisas que é sempre bom entender a cultura africana”.</i>
Aluno 17 <i>“Como eu citei acima eu já pensava bastante a respeito do assunto”.</i>
Aluno 18 <i>“Todas as áreas da minha vida aprendi a priorizar ainda mais tudo que aparece para mim”.</i>
Aluno 19 <i>“O meu modo de agir e pensar”.</i>
Aluno 20 <i>“Os meus pensamentos pude observar melhor e sendo gratificante para minha experiência docente”.</i>
Aluno 21

<i>“O modo de ver e pensar sobre a questão”.</i>
Aluno 22 <i>“Nada”.</i>
Aluno 23 <i>“O meu jeito de pensar sobre meu verdadeiro eu”.</i>

Na última questão os alunos foram convidados a deixar uma mensagem após a participação no Projeto.

Quadro 11 – Respostas dos discentes em relação a questão 7 da avaliação final

Aluno 1 <i>“Respeite os outros como querem que respeitem você”.</i>
Aluno 2 <i>“Gostaria de deixar minha gratidão pela oportunidade de participar de algo que me permitiu crescer amadurecer e ser uma pessoa melhor”.</i>
Aluno 3 <i>“Sempre respeitar o próximo e sua cultura”.</i>
Aluno 4 <i>“Mais conhecimento menos preconceito”.</i>
Aluno 5 <i>“Gostaria de agradecer a Isabel por todo carinho e atenção conosco eu sempre fui apaixonada pela história e cultura africana, sempre admirei o seu trabalho Isabel, estou indo para o quinto período da faculdade de história e espero um dia ser como você. Obrigada por tudo e espero nos encontrarmos mais vezes”.</i>
Aluno 6 <i>“Enquanto a cor da pele valer mais que o brilho dos olhos sempre haverá guerra”.</i>
Aluno 7 <i>“A cor da pele não influencia no mundo, mas o que muda o mundo é o caráter de cada um”.</i>
Aluno 8 <i>“Ficou em mim que sempre serei grata a esse povo sempre vai ser lembrado por mim com muito respeito e carinho amo essa cultura que representa o nosso Brasil”.</i>
Aluno 9 <i>“A África está em muita coisa mas por ignorância só falamos do preconceito”.</i>

Aluno 10
<i>“Esse projeto foi um divisor de águas para mim ele me fez ver a importância do negro que está dentro de mim eu aprendi a me amar muito mais hoje que ontem”.</i>
Aluno 11
<i>“Todos nós carregamos a Negritude no sangue e outros na pele”.</i>
Aluno 12
<i>“Você aprender sobre outras culturas e conhecer um pouco mais sobre o seu passado”.</i>
Aluno 13
<i>“Você aprender sobre outras culturas é maravilhoso”.</i>
Aluno 14
<i>“A cultura africana hoje tem que ser bem trabalhada em qualquer lugar para que o nosso futuro e das nossas crianças seja uma das melhores”.</i>
Aluno 15
<i>“Trabalhar isso com as crianças é muito importante para elas transformarem o pensamento dos próximos”.</i>
Aluno 16
<i>“Espero que daqui uns tempos não seja necessário tocar mais no assunto racismo espero que a humanidade evolua”.</i>
Aluno 17
<i>“Respeite o próximo acima de tudo com amor vamos longe”.</i>
Aluno 18
<i>“Foi uma experiência gratificante de grande aprendizagem que vou levar sempre comigo”.</i>
Aluno 19
<i>“Não importa como você é o seu jeito sua cor seu cabelo não se sinta menos valorizado ou inferior a ninguém”.</i>
Aluno 20
<i>“Se ame independente da sua cor”.</i>
Aluno 21
<i>“Se ame do seu jeito com suas formas seu gosto não mude por ninguém se ame”.</i>

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seu processo histórico, a escola produziu e produz diferentes tipos de ausências e essas se manifestam na exclusão das classes populares e demais culturas populares. A lógica da classificação social – hierarquizada em função das classificações raciais e sexuais – é a ausência que mais incide sobre os sujeitos, especialmente no ambiente escolar. Assim, algumas etnias, ou raças, seriam consideradas superiores, em detrimento de outras. Mas isso não é exclusividade da escola (SANTOS, 2007).

Darcy Ribeiro (1995) fala sobre reconhecer nossa formação enquanto nação – uma nação formada e estabelecida a partir da exploração e escravização do outro. Como nos diz o autor – assumimos o papel do colonizador, como se fôssemos uma raça superior, *“a luta mais árdua do negro africano e de seus descendentes brasileiros foi – e ainda é – a conquista de um lugar e de um papel de participante legítimo na sociedade nacional”* (RIBEIRO, 1995).

No ambiente escolar, muitas vezes o discurso hegemônico produz ignorância, inferioridade, improdutividade e particularismo. Marin *et al.* (1984) e demais autores, já citados, criticam – essa escola padronizada, essa forma estruturada que só reconhece o global e ignora o particular, uma escola que tolhe a criatividade, a imaginação, que não reconhece o outro como legítimo e que o insignifica, exclui. A escola brasileira, ao assumir seu compromisso social e político de combater o racismo e a discriminação, precisa superar, também, a versão pedagógica do mito da democracia racial, que enfoca a igualdade, numa perspectiva que apaga as diferenças.

Ainda encontramos como obstáculo para a implementação da Lei 10639/03 a falta de mecanismos de punibilidade em relação à escola que não aplica a Lei. Hoje o MEC “apenas” convida a escola que não cumpre a Lei a fazê-lo, sensibiliza e “lembra” a instituição de ensino do seu dever. As escolas particulares também devem seguir as Diretrizes Nacionais de Educação. A lei está colocada para o governo federal, bem como, para governos municipais e estaduais. Todos devem responder pela aplicação da lei. Quando não cumprem cabe aos

Ministérios Públicos dos estados e do Distrito Federal questionar as escolas sobre o cumprimento da Lei nº 10.639/03⁴.

Diferentes estudos sobre relações raciais revelam que, além do desconhecimento da Lei, questões baseadas no racismo e no preconceito existentes na sociedade ocasionam desafios e entraves para que a temática ganhe lugar e seja legitimada nas matrizes curriculares de escolas e universidades. Argumenta-se ainda que a formação dos alunos da rede de ensino básico depende de professores bem formados, assim a necessidade da pesquisa no campo educacional estar a serviço da erradicação das práticas discriminatórias, em cumprimento à Lei nº 10.639/03 e aos Pareceres do CNE nº 1 e 3 de 2004, que predizem a inclusão da temática da diversidade étnico-racial no currículo das escolas.

Importante pensar que a ciência continua sendo contada pelo branco, ou seja, lugar de fala científicas e históricas são sempre brancas com isso não é difícil entender por que os negros não conseguem se reconhecer no currículo trazido ao ambiente escolar. Assim o privilégio de contar as histórias é branco. Com isso a história do negro para o negro foi renegada neste ambiente que continua pautado nos modelos de ensino de forma eurocentristas, onde a validade do conhecimento é legitimada de forma eurocêntrica inviabilizando outras formas do conhecimento (GONZALEZ, 1982).

Na engrenagem da aprendizagem, existem muitos enigmas a serem desvendados, muitos obstáculos a serem ultrapassados, mas certamente, alcançar a porta de entrada para este mistério faz com que o educador seja insistente, persistente e criativo durante o percurso do ato de ensinar. As pesquisas são importantes para que possamos registrar o cotidiano vivido nos diferentes espaços e assim ter subsídios para cobrar implementação ou efetivação de políticas existentes que ainda não se encontram no ambiente escolar.

Assim a educação é fundamental no processo de formação de qualquer sociedade e para a ampliação da cidadania de um povo. Ela se apresenta como um dos principais mecanismos de

⁴ Na implementação da Lei 10.639/03 o princípio da legalidade é invocado, sendo incumbência do Ministério Público, na qualidade de guardião da Constituição e fiscal da ordem jurídica, garantir o cumprimento da Lei. De acordo com o “*Art. 127 O Ministério Público é instituição permanente, essencial à função jurisdicional do Estado, incumbindo-lhe a defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis*”. (BRASIL, 1988).

<http://www4.tjrj.jus.br/EJUD/CONSULTAPROCESSO.ASPX?N=2015.001.75203>.

transformação de uma população, sendo papel da escola estimular a promoção do ser humano em sua integralidade e na formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as especificidades dos grupos.

8 FONTES

8.1 Referências Bibliográficas

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2004.

BARROS, J. A. **A construção social da cor**. Petrópolis: Vozes, 2016.

BERNARDES, V. M.; SILVA, F. R. O ensino da história da África e dos afro-brasileiros: um enfoque sob os livros didáticos do 5º ano. *In: Educação para as relações Étnico-raciais (outras perspectivas para o Brasil)*. Uberlândia: LOPS, 2012.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: USP, 1996.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. [Tradução: Lucy Magalhães]. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In: NOGUEIRA, M.; CATANI, A. (Org.). Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2015.

BRANDÃO, C. R. Comunidades aprendentes. *In: JUNIOR LUIS, F. (org). Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA. Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

BRASIL. Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961 – Fixa Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Presidência da República Casa Civil. Revogada pela Lei nº 9.394, de 1996, exceto os artigos 6º a 9º. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/14024.htm. Acesso em 21 de maio de 2018.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 – Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências (Lei Revogada). Presidência da República Casa Civil. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm. Acesso em 10 de maio 2018.

BRASIL. Lei Federal 9394/1996. Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 10 de maio de 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais (v. 1). Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASÍLIA. Convenção Nacional do Negro Pela Constituinte. Brasília, 1986. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/115567>. Acesso em 15 de maio de 2018.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CUNHA JUNIOR, H. A história africana e os elementos básicos para o seu ensino. *In: Negros e currículo. Série Pensamento Negro em Educação nº. 2.* COSTA LIMA, I. e ROMÃO, J. (org). Florianópolis: Núcleo de Estudos Negros/NEN, 1997.

D'ADESKY, J. **Anti-Racismo, Liberdade e Reconhecimento.** Rio de Janeiro: Daudt Design, 2006.

GADOTTI, M. **Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito.** São Paulo: Cortez, 2012.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GOMES, N. L. Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre algumas estratégias de atuação. *In: Superando o racismo na escola.* MUNANGA, K. (Org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GOMES, N. L. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03 *In: Multiculturalismo Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas.* MOREIRA, A F.; CANDAU, V. M. (Orgs.). Petrópolis: Vozes, 2008.

GONZALEZ, L. O movimento negro na última década. *In: Lugar de negro.* Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

IANNI, O. **Escravidão e Racismo.** São Paulo: Hucitec, 1978.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, 2011.

MARIN, P.; STANLEY, V.; MARIN, K. **Os Limites da Educação Escolar.** Francisco Alves, 1984.

MUNANGA, K. **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PACHECO, M. M. D. R. **Currículo, interdisciplinaridade e organização dos processos de ensino.** Fundação Hermínio Ometto: Uniararas, 2007.

QUERINO, M. **Costumes Africanos no Brasil.** Salvador: Eduneb, 2013.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro. A formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTANA, P. M. S. Um abraço negro: afeto, cuidado e acolhimento na Educação Infantil. *In: Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres.* (Org.) BRANDÃO, A. P.; TRINDADE, A. L. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

SANTOS, J. R. **Saber do Negro.** Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

TOBIAS, J. A. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Juriscredi, 1973, 183 p.

TRINDADE, A. L. Valores Civilizatórios e a Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. *In: Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres.* (Org.) BRANDÃO, A. P.; TRINDADE, A. L. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

8.2 Outras Referências

CAVALLEIRO, E. Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação Racial na Educação Infantil. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1998.

EUGÊNIO, B. G.; LIMA, A. O. Imagens de negros e negras no livro didático de história dos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Tempos e Espaços em Educação**. Aracajú, v. 8, n. 16, p. 247-256, 2015.

FRANÇA, D. M.; MACIEL, P. R. C. A *expertise* de Afro do Amaral Fontoura nos cursos de formação de professores da Guanabara. **Vidya**. Santa Maria, v. 39, n. 2, p. 381-395, 2019.

GOMES, N. L. Movimento Negro e Educação: Ressignificando e Politizando a Raça. **Educação e Sociologia**. Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, 2012.

LIMA, M. Fazendo soar os tambores: o ensino de História da África e dos africanos no Brasil. **Cadernos Penesb**. Niterói, n. 5, p. 159-173, 2005.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos. CEBRAP**. n. 79, p. 71-94, 2007.

SILVA, R. G.; GASPARIN, J. L. Escola Pública: a Formação de Professores e as Políticas Educacionais. **Seminário de Pesquisa do PPE**. Maringá. p. 01-12, 2012.

VILLELA, H. A primeira Escola Normal do Brasil. Uma contribuição à História da Formação de Professores. 175 fls. Niterói. (Dissertação de Mestrado). UFF – Universidade Federal Fluminense, 1990.

9 ANEXOS

ANEXO A: QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DOCENTE

Questionário da pesquisa Docente

Bloco 1 – Dados dos profissionais

Favor marcar com um **X** somente a resposta, a que melhor se apresente para você.

1. Sexo:

Masculino

Feminino

2. Faixa de idade:

Até 25 anos

De 25 a 35 anos

De 35 a 45 anos

De 45 a 60 anos

Acima de 60 anos

3. Qual a sua cor ou raça:

Negra

Branca

Indígena

Amarela

Parda

4. Qual a sua formação:

Doutorado

Mestrado

Especialização

Graduação

5. Qual a área de sua formação continuada?

6. Tempo em que você está na escola:

1 ano ou menos

mais de 1 a 3 anos

mais de 3 a 5 anos

mais de 5 a 10 anos

mais de 10 anos

7. Qual a disciplina que você leciona?

Bloco 2

Favor marcar com um **X** somente em uma resposta.

8. Você tem alunos negros em sala de aula:

Sim

Não

Quantos: _____

9. Você tem colegas (professores) negros, nesta escola?

Sim

Não

10. Você conhece a Lei 10.639/03? (em caso negativo passe para a pergunta 14)

Sim

Não

Se sim resuma em poucas palavras do se trata?

11. Como tomou conhecimento da Lei?

12. Você considera a Lei 10.639/03 importante?

Sim

Não

Em caso afirmativo responda por quê:

13. Você costuma trabalhar temáticas relacionadas com a Lei 10.639/03?

Sim

Não

Em caso afirmativo cite alguma:

14. A sua escola oferece algum tipo de formação para trabalhar a Lei 10.639/03?

Sim

Não

15. A escola disponibiliza algum material para trabalhar as temáticas relacionadas a Lei 10.639/03?

Sim

Não

Em caso afirmativo cite quais:

16. A sua escola desenvolve algum projeto ou trabalho que aborde a Lei 10.639/03?

Sim

Não

Em caso afirmativo cite algum:

17. Você desenvolve alguma prática pedagógica para atender a política de construção e valorização da cultura étnico-racial, prevista na lei 10.639/2003 (que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas no currículo da educação básica)?

18. Você identifica alguma contribuição que a Lei 10.639/2003 pode trazer no que diz à convivência e respeito às diferenças no ambiente escolar?

ANEXO B: QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DISCENTES

Questionário da pesquisa Discentes

Favor marcar com um **X** somente a resposta, a que melhor se apresente para você.

1. Sexo:

Masculino
 Não desejo declarar

Feminino

2. Idade: _____

3. Como você se declara quanto a sua cor:

Negra Branca Indígena

Amarela Parda

4. Você já esteve presente em algum ato de discriminação racial dentro da escola?

Sim Não

Quantos em relação aos colegas: _____

Quantos em relação aos professores ou direção da escola: _____

5. Você teve que enfrentar algum ato de discriminação racial dentro da escola?

Sim Não

Quantos em relação aos colegas: _____

Quantos em relação aos professores ou direção da escola: _____

6. Já foram trabalhados em sala de aula conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

Sim Não

7. Com que frequência conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira e Africana estão presentes em nas aulas:

<input type="checkbox"/> Constantemente	<input type="checkbox"/> Apenas em projetos escolares
<input type="checkbox"/> Algumas vezes	<input type="checkbox"/> Não é abordado
<input type="checkbox"/> Poucas vezes	<input type="checkbox"/>

Caso sua escola trabalhe a temática cite um exemplo:

8. Você considera importante os estudos de conteúdos referentes a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em sala de aula?

Sim Não

9. Para você qual o nível de importância que os estudos de conteúdos referentes a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana possuem para que os negros construam uma imagem positiva e valorizada sobre si:

Muito importante Pouco importante

Importante

Sem importância

10. No seu material didático (livros, apostilas e demais materiais fornecidos pelo professor ou pela escola) aparece conteúdos referentes a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

Sim

Não

Em relação a sua disciplina de Estágio

11. A escola que você faz a disciplina de estagio, desenvolve algum projeto ou trabalho que aborde a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na sala de aula?

Sim

Não

Em caso afirmativo cite algum:

12. Você recebe algum tipo de orientação para trabalhar temáticas relacionadas a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no estágio?

Sim

Não

Se sim resuma em poucas palavras?

13. A sua escola disponibiliza algum material para trabalhar temáticas relacionadas a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no estágio?

Sim

Não

Em caso afirmativo cite quais:

14. Na escola onde você desenvolve o estágio quantos alunos são negros/pardos?

Entre 15% a 25%

Entre 25 e 50%

Entre 50% a 75%

Mais de 75%

15. Você considera relevante a trabalhar temáticas relacionadas a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

Sim

Não

Porque?

ANEXO C: PEÇA TEATRAL CONSTRUÍDA PELA TURMA 1

Peça teatral construída pela turma 1.

Desventuras de uma cacheada

Em casa

Narrador: Hoje a historinha que iremos contar, fala sobre uma menininha de nome Dandara, ela era muito inteligente, uma ótima amiga e muito bonita, mas não sabia o quanto. Ela tinha uma cabeleira que só vendo, deixa muita gente com inveja. Mas durante um tempo, Dandara queria que seu cabelo fosse diferente.

Mãe: Dandara, já está na hora de ir para a escola. Já tomou seu banho? Já penteou esse cabelo?

Dandara: Aí, lá vem minha mãe. Preciso começar a me arrumar. O que eu faço com essa juba? Ah

Mãe: Já está pronta? Daqui a pouco ... Dandara! Está aí olhando para o espelho parada, vá se arrumar, eu vou tomar meu banho e já te levo a escola. Sua tia está chegando e irá conosco hoje.

Dandara: O que vou fazer com essa minha juba? Quero ser igual a alguns amigos. Já sei, vou lavar meu cabelo com sabão de coco.

Narrador: Dandara, tentando mudar seus cachos e não encontrando sabão de coco, usou sabão em pó.

Dandara: Se serve para lavar roupa, serve para fazer xampu.

Narrador: Ela fez sua mistura de xampu, seus cabelos ficaram cheirosos e limpinhos, mas quando olhou no espelho, percebeu que estavam branquinhos, que nem de seu avô. É que aquele sabão em pó prometia deixar as roupas bem branquinhas, mas o que ficou branco foram os cabelos de Dandara.

Dandara: Aaaaah !

Narrador: Em pouco tempo, Dandara tentou outras formas, seu xampu com água de bateria foi eletrizante, tão eletrizante que dava choque em todo mundo! O xampu de pó de ouriço deixou seus cabelos duros e espetados. Desastre após desastre, então, Dandara deixou de querer ser inventora. E resolveu chamar sua mãe.

Dandara: Maaaaaaeeee!

Mãe: Estou me arrumando amor, pode vir aqui.

Narrador: Dandara nem sabia o que iria dizer, mas foi e resolveu contar a mãe e a tia.

Mãe e Tia: O que é isso? O que fez com seu cabelo?

Dandara: Me dá um abraço daqueles bem apertados, não sei mais o que fazer.

Mãe: Diga minha filha, qual seu problema?

Tia: Isso, diga, iremos te ajudar.

Dandara: Meu cabelo é feio, feio com certeza.

Mãe: Minha filha, você é inda.

Tia: Dandara, seu cabelo é bom ...

Dandara: Não é não.

Tia: É sim, cabelo bom não é só o cabelo liso. O ser humano é como uma flor, da rosa ao girassol, cada uma tem uma cor, é cada um é mesmo diferente, o que falta em um está presente no outro.

MUSICA - CABELO

Mãe: Seu cabelo é bom, bonito e resistente, olha que cachos castanhos reluzentes. Lembra de sua avó, ela era linda.

Tia: Foi quem nos deu a vida, aquela linda daomeana. Dandara, cada um tem uma cor, cada um tem um cabelo, não existe modelo.

Mãe: Vamos lavar esse cabelo. Vamos ...

MUSICA – CHUÁ CHUÁ

Narrador: Dandara agora estava feliz com os melhores conselhos do mundo, viu que tinha raiz, foi se olhar no espelho, se achou linda. E foi com sua mãe pegar o ônibus para ir à escola.

No ônibus

Passageira: Você é tão bonita!

Dandara: Ah, obrigado. Você também.

Passageira: Eu queria ser assim, tão bonita. Que cachos lindos ...

Dandara: É herança dos meus avós, dos meus tataravós, dos príncipes de Daomé.

Passageira: Príncipes?

Dandara: sim, minha família vem de príncipes da África de um país chamado Benin. Lá ainda hoje existem vários príncipes e princesas. Você não conhece? Eu até a pouco, não gostava tanto do meu cabelo, mas eu já entendi que eles são lindos e heranças da minha vizinha, e ela era linda. Eu já até já pensei em alisar.

Passageira: Mas não alisa não. E não dê ouvidos a certas pessoas.

MUSICA - NEGRO DO CABELO BOM

Dandara: Beijos, terei que descer.

Mãe e Tia: Vamos Dandara!

Mãe: Tenha boa aula Dandara.

Tia: Lembre se do que a tia te disse.

Narrador: Ao sair do ônibus, ao entrar na escola se sentindo uma verdadeira princesa, encontrou sua colega Diana, que lhe olhou para Dandara e disse.

Na escola

Diana: Era melhor você usar uma fita, não? Seu cabelo é cheio e muito enrolado, por isso ele fica feio e bem desarrumado. Faça como a Beth e a Joana, molhe, penteei e coloque uma fita, ele fica liso, não bobeie. Seu cabelo é ruim, mas você é boazinha.

Dandara: cabelo não se nega, aprendi com minha mãe e tia e com minha vizinha, melhor que fita é cabeleira solta e bonita. Isso é a beleza, olha que lindeza.

OLHOS COLORIDOS

Narrador: E olha que lindeza, o cabelo de Dandara. Depois de tantas aventuras, amou seu cabelo do jeito que ele é. Por isso parou de inventar problemas e passou a inventar moda!

ANEXO D: PEÇA TEATRAL CONSTRUÍDA PELA TURMA 2

Peça teatral construída pela turma 2.

Narrador - Duas menininhas brincavam em um jardim quando resolveram parar e tomar um suco. Foi quando Júlia tão curiosa e admirada pela beleza de Dandara perguntou.

Julia - Por que você é tão pretinha?

Narrador - Dandara pensou um pouco e logo respondeu:

Dandara - Sabe, eu me pareço meus avós! Minha cor é herança deles, um presente.

Julia - Eles eram negros?

Dandara - Sim, mamãe me conta todas as noites várias historinhas de uma linda princesa africana e sobre o país de onde vieram os meus avós.

Julia - Sério? Me conta.

Dandara - Vamos fazer o seguinte, minha mãe irá contar para nós!

Narrador - E lá se vão as duas correndo, pedir Sarah, a mãe de Dandara, para contar a história.

Dandara - Mamãe, mamãe!

Sarah - Calma Dandara, o que foi?

Dandara - Conta aquela historinha da princesa? A princesinha Amira. Eu prometi a Julia que você contaria.

Sarah - Mas é claro, sentem aqui!

Meninas - Ebaaa ... (E as meninas se sentam no meio das crianças)

Julia - Dona Sarah, eu estou muito ansiosa para conhecer a história dos antepassados da Dandara.

Sarah - Que bom Julia, sabe, devemos agradecer e ficarmos muito felizes com as histórias daqueles da nossa família que viveram antes de nós.

Dandara - Mamãe sempre fala isso, temos que nos orgulhar.

Sarah - Vamos a história, em um belo Castelo vivia uma linda princesa de cabelos cacheados e com uma linda pele negra, seu nome era a Amira. Ela morava junto de seus pais Johanna e Kayin, e sua irmã mais velha Dalila. Eram uma família muito feliz.

Naquele dia todos estavam à espera de amigos que viviam em um reino bem distante. Sabendo dessa notícia, Amira passou o dia todo na janela do seu quarto, curiosa para

conhecer os visitantes, pois era única que não os conhecia. De longe a menina avistou uma carruagem e saiu correndo e gritando de empolgação.

- Eles chegaram! Eles chegaram!

Antes que pudesse chegar na porta, sua irmã já estava à espera.

- Dalila, são eles?

- Sim, a carruagem deles é da realeza.

- Estou tão curiosa para conhece-los. Dalila, eles se parecem com a gente?

- Espere. Vejam eles.

Na direção da porta estavam chegando um rei, uma rainha e sua filha, uma jovem princesa. Amira ficou olhando, toda empolgada e sorridente, pois eram novos amigos, cumprimentou, deu as boas-vindas ao rei e a rainha e ao chegar na jovem princesa ouviu uma pergunta inesperada.

- Oi, você quem é a princesa Amira. Então Amira sorriu e respondeu:

- Sim, sou eu. Mas porque a pergunta? Outra princesa disse:

- Você é tão diferente de outras princesas que já ouvi histórias, tem um cabelo todo enrolado que parece até uma molinha e a pele pretinha.

- Eu pareço com a minha mãe, nosso cabelo e nossa pele é igual.

Johanna, mãe de Amira é realmente uma mulher linda, sua pele, seu cabelo, era realmente uma divina rainha.

Já o rei Akin, pai de nossa outra princesa, Sofia, também era negro, já sua mãe Laura tinha a pele toda branquinha. Assim nasceu Sofia, de pele branca e cabelos pretos.

Já Amira, é filha de negros, seus avós também eram negros, reis e rainhas.

Todos se reuniram na sala, Sofia se levantou aproximando de Johanna e Kayin .

- Eu quero ser filha de vocês! - Todos olharam.

- Porque quer ser nossa filha? – perguntou Kaiyn.

- Quero ser igual a Amira!

- Johanna sorriu e explicou

- Você não precisa ser nossa filha para isso, somos todos iguais, pois cada um possui a sua diferença. O ser humano é como uma flor, da rosa ao girassol, cada um tem uma cor, cada um é mesmo diferente, pois o que falta em um está presente no outro.

- Sim! Eu entendi. Mas queria ter a pele negra como ela, é tão bonita. Insistiu Sofia em seus questionamentos.

- Seu pai é negro certo? Disse a Rainha Johanna

- Sim!

- Então, vou te explicar algo, alguns de nós carregamos a negritude na pele e outros tantos em sua maioria carrega todo esse orgulho e herança no sangue, pois tem muitos antepassados em sua família, como você tem seu pai. Você pode se olhar no espelho e se ver igualzinha a Amira.

Sofia ficou tão feliz ao ouvir isso, chamou Amira e foram para o quarto brincarem, enquanto os pais conversavam e até falavam daquela situação que acabara de acontecer.

Sarah - Meninas, amanhã posso continuar contando essa história?

Julia - Ah, que história linda dona Sarah, quer dizer que eu também carrego essa herança de príncipes e princesas negras, que orgulho. Mesmo meus pais não sendo negros, eu sei que minha origem é de lá também. Da África, eeeeba!

Dandara - Julia, vamos brincar que somos princesas agora ...

Julia - Vamos, eu quero ser a Amira (saem correndo)

Sarah - Olha só, saíram correndo e nem me notaram mais (risos, após fala ao público)
Crianças, não se esqueçam disso jamais, temos que ter muito orgulho de nossas heranças, são aquelas coisas que nossos pais deixam para nós e que os pais deles deixaram para eles. E lembrem se do que a princesa Johanna disse “O ser humano é como uma flor, da rosa ao girassol, cada um tem uma cor, cada um é mesmo diferente, pois o que falta em um está presente no outro. “A negritude em alguns está na pele e em outros em nosso sangue” Então vamos nos orgulhar

ANEXO E: PARÓDIA CONSTRUÍDA PELA TURMA 2

Paródia construída pela turma 2.

